

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM
PATRIMÔNIO CULTURAL**

**ESTUDOS E POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DA CULTURA
MATERIAL LÍTICA NOS MONTÍCULOS DE SÃO BORJA/RS**

Libiane Cargin de Lima

Santa Maria

2010

**ESTUDOS E POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DA
CULTURA MATERIAL LÍTICA NOS MONTÍCULOS DE
SÃO BORJA/RS**

Por

Libiane Cargnin de Lima

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Patrimônio Cultural

Orientador: Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder

Santa Maria, RS, Brasil.

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio
Cultural**

A comissão examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**ESTUDOS E POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DA CULTURA
MATERIAL LÍTICA NOS MONTÍCULOS DE SÃO BORJA/RS**

elaborada por
Libiane Cargin de Lima

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

COMISSÃO EXAMINADORA

Saul Eduardo Seiguer Milder, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Atila Augusto Stock da Rosa, Dr. (UFSM)

Neli Teresinha Galarce Machado, Dra. (UNIVATES)

Santa Maria, 22 de Janeiro de 2010.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Federal de Santa Maria

ESTUDOS E POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DA CULTURA MATERIAL LÍTICA NOS MONTÍCULOS DE SÃO BORJA/RS

AUTORA: LIBIANE CARGNIN DE LIMA
ORIENTADOR: SAUL EDUARDO SEIGUER MILDER
Data e local de defesa: Santa Maria, 22 de Janeiro de 2010

Este trabalho visa apresentar algumas discussões acerca dos estudos da cultura material lítica presente em montículos (cerritos). Como ponto de partida para o entendimento destas estruturas, bem como de seus construtores, voltou-se para a análise de suas coleções líticas. As peças em questão nessa pesquisa são provenientes de escavações arqueológicas efetuadas no ano de 2004 nos montículos denominados Butuy 1 e Butuy 2 em São Borja/RS. Buscou-se elencar subsídios teórico-metodológicos para analisar a cultura material e entender um pouco sobre o modo de vida dos construtores de cerritos da região sul do Brasil. Ao propor o enfoque desse estudo na cultura material lítica, entende-se que a análise do material lítico é um procedimento que auxilia na estruturação de informações que servem de base para a reconstrução cultural de um ou vários grupos. Assim, atentos às possibilidades de estudo, procurou-se inferir sobre as técnicas de manufatura e utilização, as quais estiveram de alguma maneira relacionadas com seleções e decisões em nível cultural e individual dos grupos que as transformaram. Verificou-se que os instrumentos recorrentes são pequenos raspadores e lascas retocadas. A técnica de fabricação dos artefatos incluiu a percussão direta e grande aproveitamento da matéria-prima.

Palavras-chave: arqueologia; cerrito; cultura material; lítico; patrimônio.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Federal de Santa Maria

STUDIES AND POSSIBILITIES OF LITHIC MATERIAL ANALYSIS IN MOUNDS OF SÃO BORJA/RS

AUTHOR: LIBIANE CARGNIN DE LIMA
ADVISOR: SAUL EDUARDO SEIGUER MILDER
Date and place of defense: January 22nd 2010

This search aims to discuss culture studies of lithic material present in mounds. As start point to understand this structures, as to as builders, dedicate itself to analyze of lithic collections. The pieces in question in this search are proceeding from of archaeological excavation realized in the year 2004 in hillocks denominated Butuy 1 and Butuy 2 in São Borja/RS. Our objective is to group theoretical and methodological subsidy to analyze the material culture and to understand a few about way of life of mounds builders from south region of Brazil. When studied the lithic material culture, it understood the analyze of lithic material is a derivation that need in information structured that help cultural rebuilding of one or various groups. So, attentive the studies possibilities, finds itself to infer about manufacture technical and utilizations, that reported with decisions cultural and individual of changes groups. It verify that the recurrent tolls are little scrapers and retouch slices. Make´s technical is direct percussion and grate improvement of prime matter.

Key-words: archaeology; mound; material culture; lithic; patrimony;

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1-Localização do município de São Borja-RS. Fonte: Google Earth.....	12
FIGURA 2- Exemplo de um cerrito no Uruguai. Fonte: Iriarte, 2003, p. 89.....	20
FIGURA 3-Imagem da região de oeste do Rio Grande do Sul, destaque São Borja. Fonte: Google Earth, 2009.	35
FIGURA 4-Mapeamento por GPS de 55 cerritos, localizados pela equipe LEPA. Fonte: Acervo LEPA.	37
FIGURA 5-Levantamento topográfico dos sítios Butuy 1 e Butuy 2 de São Borja/RS. Curva de nível 0,5 m . Fonte: LEPA.....	38
FIGURA 6-Vista dos cerritos Butuy 1 e Butuy2, São Borja/RS. Fonte: Acervo LEPA.	39
FIGURA 7-Vista área alagadiça. Fonte: Acervo LEPA.	40
FIGURA 8-Aprofundamento da quadrícula 6, no Butuy 1. Fonte: Acervo LEPA.	41
FIGURA 9-Trincheira abrangendo o Butuy 1, quadrículas centrais. Fonte: Acervo LEPA.....	42
FIGURA 10 e Figura 11-Fragmentos cerâmicos, doados. Atribuídos à Tradição Vieira. Fonte: Acervo LEPA.....	43
FIGURA 12-Pontas de projéteis (doadas), São Borja-RS. Fonte: Acervo LEPA.....	43
FIGURA 13 e Figura 14-Instrumentos plano-convexos, São Borja-RS. Fonte: Acervo LEPA.....	44
FIGURA 15-Mapa com ecorregiões do Rio Grande do Sul. Fonte: Fonte: http://www.biodiversidade.rs.gov.br	45
FIGURA 16-Detalhe do mapa geológico da região oeste do Rio Grande do Sul - Ver mapa completo no anexo A.	47
FIGURA 17- Mapa com Bacias hidrográficas do Rio Grande do Sul. Fonte: http://2.bp.blogspot.com , acesso em 10 maio 2009.....	49
FIGURA 18-Principais banhados ou áreas úmidas do RS, com destaque para Banhado São Donato. Fonte: www.fzb.rs.gov.br/museu/pesquisa/areas_umidas/intro.swf , acesso 12 jun 2009.....	50

FIGURA 19-Algumas informações sobre a biodiversidade do Banhado São Donato. Fonte: http://www.fzb.rs.gov.br/museu/pesquisa/areas_umidas/intro.swf , acesso 12 jun 2009.....	51
FIGURA 20-Representação das etapas de redução lítica. Fonte: NUNES, 2008.	80
FIGURA 21- 1, 2, 3, 4, 5 e 6 Representam as técnicas de percussão no lascamento lítico. Fonte: NUNES, 2008.	81

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Porcentagem da matéria prima do sítio Butuy 1.....	83
GRÁFICO 2-Porcentagem da matéria prima do sítio Butuy 2.	83
GRÁFICO 3-Concentrações do material lítico no sítio Butuy 1.....	85
GRÁFICO 4-Concentrações de material lítico no sítio Butuy 2.....	86
GRÁFICO 5-Lascas com retoque quanto a presença de córtex nos sítios Butuy 1 e Butuy 2.....	87
GRÁFICO 6-Dados básicos sobre instrumentos do sítio Butuy 1.	89
GRÁFICO 7-Dados básicos sobre instrumentos do sítio Butuy 2.	89
GRÁFICO 8-Dados de núcleo do sítio Butuy1.....	90
GRÁFICO 9-Dados de núcleo do sítio Butuy 2.....	91
GRÁFICO 10-Características dos instrumentos no sítio Butuy 1.....	92
GRÁFICO 11-Características dos instrumentos no sítio Butuy 2.....	92
GRÁFICO 12-Dados básicos sobre lascas retocadas no sítio Butuy 1.....	93
GRÁFICO 13-Dados básicos sobre lascas retocadas do sítio Butuy 2.....	93
GRÁFICO 14-Características de lascas do sítio Butuy 1.	94
GRÁFICO 15-Características de lascas do sítio Butuy 2.	95
GRÁFICO 16-Características dos instrumentos lascas retocadas do sítio Butuy 1.	96
GRÁFICO 17-Características dos instrumentos lascas retocadas do sítio Butuy 2.	96

LISTA DE TABELAS

TABELA 1-Classificação Tipológica Geral por Sítio/Sítio Butuy 1	84
TABELA 2-Classificação Tipológica Geral por Sítio/Sítio Butuy 2	85
TABELA 3-Classificação Tipológica Geral por Sítio/Poços teste/coleta superficial. ...	86

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	v
LISTA DE GRÁFICOS.....	vii
LISTA DE TABELAS.....	viii
DEDICATÓRIA	10
AGRADECIMENTOS.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
1 A ARQUEOLOGIA E AS ESTRUTURAS MONTICULARES.....	17
1.1 A Arqueologia e seu olhar para o passado.....	17
1.2 As estruturas monticulares: estudos e discussões.....	19
1.3 Os cerritos e a cultura material lítica: patrimônio e memória cultural.....	29
2 OS CERRITOS DAS NASCENTES DO RIO BUTUY - SÃO BORJA: UM ESTUDO DE CASO	34
2.1 Localização dos sítios arqueológicos: Butuy 1 e Butuy 2.....	34
2.2 Trabalhos de campo	36
2.3 Contexto Ambiental dos Cerritos de São Borja: geologia, geomorfologia, hidrografia, vegetação, fauna e clima.	44
2.3.1 Geomorfologia e geologia	45
2.3.2 Hidrografia e os banhados de São Borja/RS.....	48
2.3.3 Vegetação, fauna e clima.....	52
3 O HOMEM E A CULTURA MATERIAL LÍTICA.....	55
3.1 Os pretéritos grupos humanos na região sul do Brasil.....	55
3.2 Os grupos cerriteiros e sua interação com o meio	58
3.3 Caçadores-coletores e a produção de artefatos.....	63
4 A INDÚSTRIA LÍTICA DOS CERRITOS DE SÃO BORJA	69
4.1 Algumas discussões e interpretações a partir da tecnologia.....	69
4.2 Aspectos metodológicos e caracterização do material lítico	78
4.3 Análise geral dos sítios.....	82
4.3.1 Análise individual de algumas peças (instrumentos).....	87
4.3.2 Alguns resultados e considerações a partir das análises.....	96
CONCLUSÃO.....	101
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICE A - Desenhos e análises individuais dos instrumentos (núcleos e lascas retocadas).	109
ANEXO A-Mapa Geológico do Rio Grande do Sul.....	130

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha família
querida, em especial ao meu pai
Leodoro.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família e, especialmente, ao Facioni pelo apoio incondicional.

Agradeço também ao professor Milder pelo incentivo, aprendizado e enriquecedoras sugestões.

Aos colegas do LEPA pela convivência e frutíferas discussões.

Aos colegas do mestrado, embora em breve convivência pudemos descobrir e enriquecer nossos conhecimentos através das similaridades e diferenças de nossas áreas de pesquisa.

Agradeço, ainda, à professora Denise Saad pelo incentivo e por acreditar no sucesso do Mestrado em Patrimônio Cultural.

INTRODUÇÃO

O título que norteia esta dissertação trata dos “Estudos e possibilidades de análise da cultura material lítica nos montículos de São Borja/RS”. As pesquisas sobre os sítios arqueológicos tratados nessa dissertação começaram com as escavações realizadas em São Borja no ano de 2004. Em um momento posterior, os dados inicialmente coletados auxiliaram na efetivação de uma monografia para conclusão do curso de História, na Universidade Federal de Santa Maria, no ano de 2007, na qual se objetivou evidenciar a pesquisa com as estruturas monticulares (cerritos) na região de São Borja/RS (figura 1).

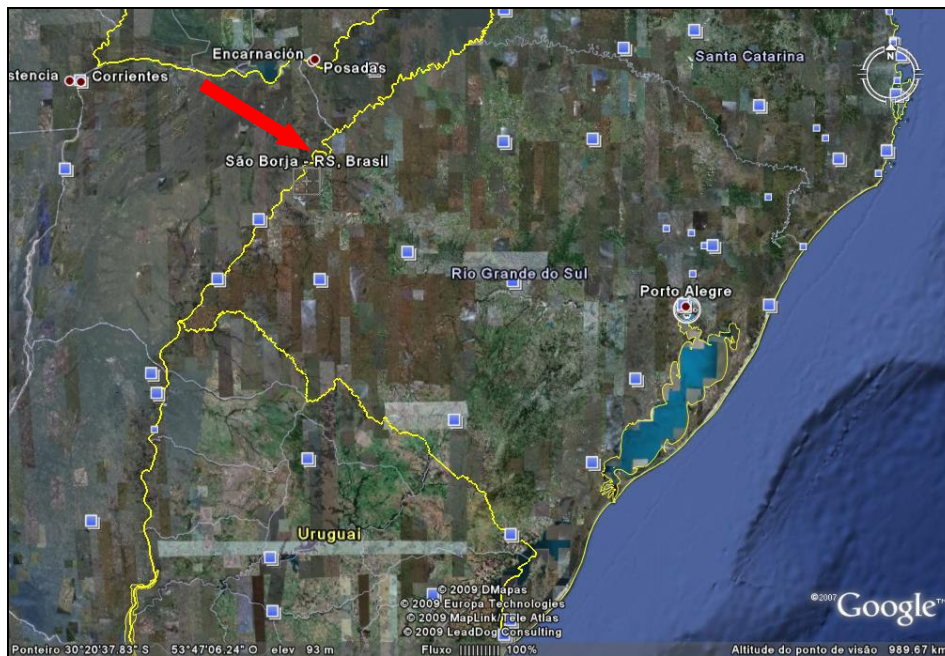


Figura 1-Localização do município de São Borja-RS. Fonte: Google Earth.

Estes estudos estiveram vinculados ao Programa Arqueológico do Banhado do MBororé, desenvolvido pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA/UFSM) a partir do ano de 2004. O intuito inicial das pesquisas constituiu-se em

entender a construção e a finalidade das estruturas monticulares numa região que possuía um grande potencial nesse tipo de sítio arqueológico.

Contudo, nessa dissertação, procurou-se dar seqüência aos estudos preliminares centrando-se na cultura material lítica proveniente dos sítios arqueológicos são-borjenses Butuy 1 e Butuy 2. Espera-se discutir e tentar compreender como se processou a produção do material lítico, bem como pensar sua relação com as estruturas monticulares.

Trabalha-se com a hipótese de que os cerritos Butuy 1 e Butuy 2 seriam constituídos de um acúmulo de vestígios humanos resultantes de um processo de adequação ao meio. Esta adaptação se daria, em parte, na busca de matéria-prima e confecção de instrumentos que estariam ligados a realização de tarefas cotidianas.

Os trabalhos de campo estenderam-se por 7 dias (24 a 30 de abril de 2004) e contaram com a participação de 12 pessoas. Uma equipe de estagiários do LEPA realizou prospecções no local onde foram contabilizados pelo menos 55 sítios (na área Capeaty, 19 e na área Butuy, 36 cerritos). Outra parte da equipe procedeu às escavações e a topografia das estruturas monticulares. Selecionaram-se dois cerritos para intervenção que foram denominados Butuy 1 (com 27 metros de diâmetro) e Butuy 2 (com 16 metros de diâmetro), devido à proximidade com um dos banhados que dá origem ao rio Butui.

A intervenção processou-se com a abertura de trincheiras com quadrículas de 1,5 x 1,5 m e 2 x 2 m, sendo 8 quadrículas no primeiro e 3 no segundo, com a técnica de decapagem. As escavações sistemáticas se processaram com quadrículas intercaladas que abrangeram a extensão dos sítios desde a base, passando pelo centro até o outro extremo. Em virtude de se encontrarem materiais relevantes, algumas quadrículas foram prolongadas.

Resgatou-se uma significativa quantidade de material lítico totalizando mais de 9000 peças. Sendo sua maioria lascas e “instrumentos” esgotados. Além desses, também foi encontrado um fragmento cerâmico atribuído à Tradição Vieira. Ainda foram recebidas dos moradores da região algumas bolas de boleadeiras, pontas de projéteis e material cerâmico (aparentemente do período das reduções).

Quanto à preservação dos sítios, estes se encontravam bastante perturbados devido à ação biogênica, especialmente de tatus e de formigas. Essas bioturbações são responsáveis por modificações nas camadas do solo, já que provocam deslocamento de materiais, retirando-os de seus níveis de origem.

Deve-se estar ciente de que hoje se tem acesso a peças que podem ter sofrido interferências de vários agentes, tais como: forças naturais, animais e, mesmo, de origem antrópica, que de alguma forma alteraram o contexto e/ou os próprios objetos em seu ambiente de origem.

As chamadas Terras Baixas¹ foram palco de atuação de muitos grupos humanos há milhares de anos, conforme mostram as pesquisas arqueológicas no Brasil, no Uruguai e na Argentina. As diferenciações entre os grupos humanos ditos pré-coloniais são feitas em grande parte a partir dos vestígios arqueológicos estudados.

Ao abordar os materiais líticos presentes nos cerritos buscam-se alcançar algumas respostas sobre esse passado que ficaram preservadas de alguma maneira na cultura material. Pesquisadores, historiadores, etnólogos e arqueólogos serão os grandes responsáveis pela valorização e desenvolvimento de trabalhos ligados à cultura material como fonte de respostas sobre populações nos vários âmbitos sociais.

Ao discutir a relação da História com a cultura material, Pesez (1993) coloca que o próprio desenvolvimento da disciplina promove uma valorização do estudo da cultura material para explicar o início da vivência humana, ou seja, a dita 'pré-história' irá amparar-se fortemente nos avanços desses estudos. A partir da Escola dos *Annales* aumentam os estudos de ambiente e, por conseguinte, ganha terreno a noção de cultura material na explicação do relacionamento do homem com seu entorno. Ou ainda, com o crescimento da chamada História Econômica serão privilegiados temas de cunho material (pão, moradia, vestuário), como coloca Braudel, "a vida material são os homens e as coisas".

A cultura material estudada a partir da ciência dos artefatos (objetos fabricados), deu início a uma série de questionamentos sobre objetos de arte e de culto, ou seja, qual

¹ Autores uruguaiois como Mazz (1994, p. 6) procuram definir o termo Terras Baixas como as extensas planícies com zonas inundáveis (presença de banhados). Estas planícies de diferentes drenagens articulam-se ainda com algumas serras. As planícies ocorrem com semelhantes aspectos geográficos na Argentina, Uruguai e Brasil.

o papel destes elementos nos vários âmbitos das sociedades humanas. Embora não se consiga dizer até que ponto influencia-se e se é influenciado pela cultura material, não se pode esquecer que ela é fruto de uma ação humana, ou seja, é o homem seu agente modificador e mantenedor e são respostas sobre este que nos impelem a considerá-la importante no processo de construção da história humana (PESEZ, 1993).

De forma avaliativa podem-se entender os instrumentos líticos, descobertos em um sítio arqueológico, como resultado de uma cadeia gestual que decorre desde a fabricação até o abandono. Assim, nessa tentativa de reconstrução (interpretação) do percurso pretérito, se está buscando informações relevantes sobre os homens, os indivíduos das sociedades, que as modificaram e lhes deram variados sentidos.

A cultura material pode ser entendida além de suas dimensões materiais, quando relacionada às tramas de sua organização social. A partir disso, são valorizadas as análises de seqüências produtivas dos conjuntos líticos, por exemplo. Nesses casos, procura-se definir padrões redundantes na produção dos artefatos e, a partir disso, teorizar sobre a ligação entre redes sociais de produção e padronização da tecnologia de produção.

Atrelando questões entre contexto cultural e arqueológico, visa-se elaborar uma estratégia de análise que perceba, na coleção lítica, características tecnológicas que permitam inferir particularidades presentes nos resultados de lascamento. Estes resultados irão, sobretudo, fornecer informações sobre seus produtores. Enfim, estará sendo desvendada uma pequena parte, contudo, não de menor importância, do contexto vivido pelos grupos humanos que habitaram as regiões alagadiças do oeste gaúcho.

A dissertação está dividida em 4 capítulos. No primeiro capítulo, Arqueologia e Estruturas Monticulares, visou-se traçar um panorama dos estudos arqueológicos com cerritos, bem como entendê-los dentro de processos valorativos e memoráveis no sentido patrimonial. O segundo capítulo, Os Cerritos das Nascentes do rio Butuy - São Borja: Um Estudo de Caso, procura situar os sítios em estudo, além de buscar caracterizar a região e apresentar os trabalhos de intervenção arqueológica. Já no terceiro capítulo, O Homem e a Cultura Material, são apresentadas questões sobre a relação do homem pré-colonial e seus artefatos no processo de adaptação e modificação ambiental. O quarto, e último capítulo, A Indústria Lítica dos Cerritos de São Borja,

trata de caracterizar aspectos sobre morfologia e tecnologia das peças líticas e tecer pontos de referência sobre as coleções que poderão servir de base para futuros aprofundamentos.

1 A ARQUEOLOGIA E AS ESTRUTURAS MONTICULARES

Por definição o homem é o animal que faz objetos, que caminha ereto e, por definição, nenhum animal, sem artefatos é homem. Os macacos podem unir dois pedaços de pau para alcançarem uma banana que esteja fora de seu alcance, mas não constroem objetos. Quando, portanto, encontramos objetos aprimorados estamos, por definição, na presença do homem, como se tivéssemos encontrado um esqueleto humano (DANIEL, 1964, p. 36).

1.1 A Arqueologia e seu olhar para o passado

A arqueologia é uma disciplina que busca elementos da história humana a partir da compreensão dos vestígios materiais deixados através dos tempos. São os materiais que caracterizam os movimentos sociais e nos quais se pode reconhecer a idéia de cultura. “A cultura material possui uma importância fundamental na transmissão e preservação de conhecimentos e na orientação de pessoas em seu ambiente social e natural” (SILVA, 2002, p. 120). Enfim, a cultura material registra uma infinidade de mensagens que podem ser acessadas a partir de análises contextuais nas quais estão presentes elementos simbólicos, vida econômica, cotidiana, rituais e, sobretudo, as identidades culturais.

Se for levado em conta que as construções ideológicas e teóricas estão em constante mudança, pode-se entender que cada olhar sobre o passado é um reflexo ou produto de seu próprio tempo. Por isso, esse olhar requer uma natureza dinâmica de estudo que, no entanto, compreenda o caráter estático dos artefatos analisados. A avaliação arqueológica, embora se baseie fundamentalmente na referência artefactual, precisa observar a complexa rede de relações “entre o meio ambiente, o saber e o artefato; entre o artefato e o homem; entre o homem e a natureza” (LEMOS, 2000, p. 7).

Ao entender também o patrimônio cultural como os objetos e as ações pelos quais os povos propagam suas formas particulares de viver socialmente e modificar os ambientes ao longo do tempo, adquirindo novas formas e expressões, pode-se avaliar a

estreita relação entre os estudos desenvolvidos pela disciplina arqueológica e a questão valorativa dos bens culturais.

A arqueologia, através de seu arcabouço teórico-metodológico, terá a missão de interpretar os fatos do passado, que de alguma forma podem ser acessados na cultura material.

Nesse sentido é de extrema relevância que se veja o próprio sítio arqueológico como cultura material, o qual não apenas compõe o registro, mas relaciona-se com sua significação. “A arqueologia não é tanto ler os sinais do passado, quanto inscrever estes sinais no presente. Estórias corretas do passado dependem de uma política de verdade ligada ao presente porque toda interpretação é um ato contemporâneo” (TILLEY, 1990 apud DAVID e KRAMER, 2002, p. 21).

Os estudos de cultura foram ganhando vasta e diversificada significação ao longo do tempo. Podem-se citar especialmente os estudos antropológicos os quais auxiliaram a reconhecer com mais nitidez que o homem seria essencialmente um ser de cultura. “O longo processo de humanização, começado há mais ou menos quinze milhões de anos, consistiu fundamentalmente na passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural a uma adaptação cultural” (CUCHE, 1999, p. 10). A noção de cultura revelou-se um importante instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. A arqueologia seria a grande responsável por enxergar na cultura material uma valiosa fonte de respostas no estudo dos grupos humanos pretéritos.

Ao trabalhar arqueologia no Brasil não se pode deixar de abordar o pioneiro Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). Este, criado na década de 1960, contou com a participação do Smithsonian Institution (EUA), que forneceu condições para o início de um trabalho mais sistematizado na pesquisa arqueológica sobre os povos pré-históricos do Brasil. Foi responsável por estruturar procedimentos para as pesquisas como datações, mapeamento de sítios e análise de artefatos, e criando parâmetros como (as discutidas) fases e tradições culturais.

O PRONAPA foi precursor ao construir um programa para estruturar cronologias no sudeste do Brasil (estudo dos sambaquis, concheiros do litoral). Começou-se a pensar arqueologia para uma região desconhecida. Criaram-se esquemas

cronológicos e descrições de sítios e artefatos. Enfim, foram dados os primeiros passos para o reconhecimento do ambiente e do passado humano nessa região da América do Sul. Adotaram-se métodos de seriação cerâmica e construção de tipologias líticas. Embora, muitos conceitos já tenham sido superados, ou pelo menos tenham sido pensados mais criticamente, algumas denominações de fases e tradições ainda são recorrentes para explicar a cultura material de diferentes regiões do país.

No caso das estruturas monticulares, embora o Programa tenha lançado bases para o estudo deste tipo de sítio, seus aportes já não suportam completamente novas maneiras de pensar os grupos humanos. Um dos pontos mais criticados seria a visão de paisagem estática dos pronapianos, ou seja, os estudos não levariam em consideração os contextos. Isto é, privilegiava-se apenas o material, que seria retirado e levado ao laboratório, sem, portanto, observar mais atentamente as interações com a paisagem circundante. Em outras palavras, as interações entre as estruturas (culturas) e o meio, e entre as próprias estruturas, não seriam consideradas nessa avaliação. Sendo assim, se deixaria de visualizar a complexidade de agregação social que pode estar expressa na forma de agrupamento das estruturas.

1.2 As estruturas monticulares: estudos e discussões

Existem vários objetos ou estruturas arqueológicas que permitem ao pesquisador reportar-se a um determinado período pretérito. Neste trabalho serão destacadas as estruturas monticulares como fonte de questionamentos e discussão.

Esses montículos (figura 2) são morfologicamente muito semelhantes em toda a América, porém com algumas distinções como localização, cultura material e significado, ligadas às diferenças culturais de seus ocupantes. No interior destas construções é característico ocorrer alto teor de matéria orgânica, resultante de intensa atividade humana que concentrou materiais de origem animal e vegetal.



Figura 2- Exemplar de um cerrito no Uruguai. Fonte: Iriarte, 2003, p. 89.

Conforme as mais recorrentes denominações, os cerritos tratam-se de montículos artificiais formados por acúmulo de material orgânico e também terra, lítico, cerâmica, ossos, etc. São geralmente encontrados em terrenos baixos e alagadiços sendo facilmente perceptíveis no terreno. Sua construção enquanto túmulo chega a receber datações de cerca de 5000 anos AP (Antes do Presente).

Mazz (1996) diz que essas elevações são produto de grupos caçadores-coletores, pescadores com grande mobilidade. A denominação “cerrito” seria, no entanto, bastante ampla e serviria para agrupar estruturas ligadas a diferentes atividades como enterramentos, rituais e cotidiano doméstico.

Desde o começo do século, pesquisadores argentinos (TORRES, 1991; LOTHROP, 1932, entre outros) haviam estudado, nos imensos terrenos baixos e alagadiços ao longo do rio Paraná, sítios arqueológicos que tinham forma de cerritos, ou aterros, em sua quase totalidade eram cerâmicos, mas restos de alimentação provinham de caça ou pesca. No Brasil, aterros ou tesos só eram conhecidos então da ilha de Marajó e eram também de grupos ceramistas (SCHMITZ, 1997, p. 223).

No Rio Grande do Sul, os primeiros estudos sobre aterros foram dirigidos, a partir da década de 1970, pelo pesquisador do Instituto Anchietano de Pesquisas Pedro Inácio Schmitz e pelos arqueólogos Guilherme Naue e Pedro Mentz Ribeiro. Esses, em um primeiro momento, entenderam os aterros como táticas de adaptação em terras inundáveis.

Percebe-se que os estudos sobre estes aterros no início do século XX ainda não tinham se expandido pelas demais regiões do Brasil e nem teriam descoberto as diversificações de cultura material. Até então eram essencialmente grupos com desenvolvimento da cerâmica. As primeiras pesquisas se davam no sentido de entender sua formação. Buscaram-se então, num primeiro momento, metodologias para desvendar se eram ou não intencionais. Segundo Schmitz,

na Argentina, onde o fenômeno é muito comum, se discutiu se eram diques marginais do rio, ocupados por indígenas pré-históricos, ou aterros construídos intencionalmente por estes. Nossas sondagens sistemáticas na borda dos aterros provaram, sem margem de dúvida, que não foram depositados pela água, mas são resultado da ocupação humana, a qual por um lado, acumulou lixo no lugar do acampamento, e, por outro, ao menos em muitos casos, teria ajudado intencionalmente a levantar a plataforma para impedir a inundação pelas cheias (SCHMITZ & BAEZA, 1982 apud SCHMITZ, 1997, p. 224).

Os aterros, dessa forma, seriam ocupados por períodos longos, que chegariam a alguns séculos, e abandonados quando a lagoa se afastava muito do local, à medida que o ambiente tornava-se pantanoso e tornava difícil a pesca. Ainda segundo Schmitz (1997), se poderiam detectar agrupamentos, por exemplo, ao longo de arroios da lagoa Mirim, os cerritos estariam concentrados “aparentemente eles não formam aldeias, mas representam contínuas voltas aos mesmos lugares” (p. 235).

Existem ainda estudos que identificam uma elevação natural abaixo da construção denotando aproveitamento do terreno para posterior elevação. Ou seja, antes de ser construída a estrutura antrópica já existiria uma elevação natural no terreno, demonstrando a intenção de procurar um local mais alto para servir de base.

As estruturas monticulares são largamente estudadas no Uruguai onde devido ao grande número de enterramentos encontrados já se atribui mais fortemente a função ritualística e funerária a estas estruturas, embora não deixem de apresentar suas particularidades. Contudo, existem discussões que apontam para locais de habitação ligados a sazonalidade, já que se trataria de grupos caçadores-coletores e com agricultura incipiente.

Acredita-se que estas particularidades, diferenciações morfo-funcionais e de cultura material, sirvam de base para se pensar grupos humanos interagindo com o ambiente de diversas formas e criando variadas configurações de relacionamento sócio-culturais. Estudam-se, com isso, padrões de distribuição espacial e ambientais como relevo, recursos alimentares e formações (componentes da estrutura do aterro).

A discussão sobre artificialidade ou não dos cerritos já parece ter sido superada e entende-se que se tratem efetivamente de estruturas artificiais. Além disso, alguns aterros provavelmente foram ocupados por alguns milhares de anos.

Essas construções demandariam pessoas e esforços concentrados:

algunos trabajos (López e Bracco, 1992a) asimilaron la forma del cerrito a la un casquete esférico mensurable con cierta precisión. Este camino permite calcular, la energía, el tiempo, los días/hombre invertidos en este tipo de construcción en tierra. Esta arquitectura en tierra parece simbolizar o representar ciertos niveles de integración social, propios de las sociedades complejas incipientes, de fines del arcaico y principios del formativo del área andina (MAZZ e BLANCO, 1996, p. 50).

A questão da complexidade cultural é um ponto detidamente analisado por autores uruguaios. São avaliações amplas de diversas estruturas, bem como análises de paisagem que fornecem diversos elementos os quais corroboram com a idéia de desenvolvimento cultural, idéia oposta à falta de componentes sociais como hierarquias, simbologia/ritos e organização econômica.

Las estructuras monticulares en tierra, conocidas como cerritos de indios, han sido definidas recientemente a partir de datos de primera mano. Estas acumulaciones artificiales de tierra, fueron producto de una actividad humana, más o menos diseñada, con un sistema de construcción más o menos estandarizado y una fuerza de trabajo coordinada (López, J. et. AL 1992, 1994). Ferres (1927) había propuesto que los conjuntos de cerritos respondían a un diseño deliberado, no obstante su interpretación funcional de los túmulos como montículos domésticos para habitar en zonas inundables, fue discutido por Lopez e Bracco (1992)(MAZZ e BLANCO, 1996, p. 50).

A idéia do trabalho coordenado seria um aspecto da complexidade organizacional destes grupos, assim como os rituais de enterramento de determinados indivíduos e em contextos diferenciados dos demais. Assim se fundamentam noções de crenças e não apenas acumulações aleatórias. Para Mazz e Blanco (1996) a própria diversidade das formas, das disposições e uniões dos aterros seria vista como uma complexa culturalização da paisagem.

Coirollo (1996) ao interpretar as estruturas monticulares da ilha de Marajó, identifica como evidente que se tratassem de sociedades complexas, nas quais haveria uma estrutura social bem demarcada, desde o ponto de vista espacial, com a identificação de várias áreas de atividades sócio-culturais bem como o grau diferenciado de importância entre elas no complexo de cerritos da ilha.

Bracco e Pantasi (1999) ao interpretar as estruturas monticulares de Puntas de San Luis (no Uruguai), em termos funcionais, entendem que a técnica empregada permitiria utilizar materiais não cimentados para construir as estruturas em terra resistentes e conseqüentemente, perduráveis. Nessa mesma linha de pensamento seriam edificados cerritos localizados na Sierra de los Ajos ou no Bañado de San Miguel (também no Uruguai).

Segundo Prous (1992), os “cerritos” ou “comoros”, seriam pertencentes à mesma cultura tanto no Uruguai, na Argentina quanto no Brasil, ou seja, grupos com semelhantes formas de apropriação ambiental. E dessa forma, percebendo estas semelhanças, os pesquisadores podem relacionar e comparar as culturas materiais e compreender as movimentações e dispersões humanas no território, no caso específico, o território das Terras Baixas Platinas.

Geralmente as escavações no território uruguaio abrangem grande quantidade de sítios e estruturas que passam a ser investigados por longo tempo. As partes são estudadas de forma conjunta e também individualmente, buscando adentrar a complexidade das estruturas, entendendo-as de forma sistematizada. Existe uma grande atenção aos perfis estratigráficos, os quais permitem traçar uma feição de todo terreno a ser interpretado.

No Brasil, todavia, comumente estudam-se sítios individuais ou uma pequena área de sítios, sendo assim não se consegue fazer panoramas ambientais mais elaborados sobre dispersão e deslocamentos humanos. Entretanto, as semelhanças e diferenças entre as culturas materiais encontradas são constantemente apresentadas e discutidas na tentativa de compreensão destas estruturas.

Estudos em Santa Vitória do Palmar no Rio Grande do Sul, por exemplo, entenderam que as elevações no terreno seriam acumulação de detritos de habitação e ainda o homem teria a intenção de produzir um espaço que protegesse de inundações. Na descrição do material estariam presentes artefatos líticos, cerâmicos e restos biológicos animais e humanos (GIRELLI & ROSA, 1996).

Segundo Prous (1992), os ceramistas dos cerritos colonizaram também as terras baixas das Misiones argentinas, entre os rios Paraná e Uruguai. Acredita-se que os maiores serviram para sepultamento. As formas de enterramento seriam variadas, porém principalmente primários com alguns elementos do cotidiano como colares, furadores e zoólitos. Ferimentos detectados em alguns ossos atestariam atividade belicosa, envolvendo especialmente indivíduos do sexo masculino.

Nota-se a diversificação dos componentes, que permitem afirmações sobre habitações e permanências nos locais por determinado tempo. A idéia de sazonalidade é referendada por Schimtz e Beber (1996), para eles “os aterros não parecem resultar exclusivamente de atividade antrópica, mas de ação combinada do homem e da natureza” (p. 67). Assim a questão das enchentes ou secas em determinadas épocas do ano conduziriam os grupos a locais mais adequados para cada período.

Kern (1997) fala de movimentos sazonais ou longas expedições. “A ocupação dos cerritos da região de Rio Grande, por exemplo, era feita preferencialmente em

estações secas, fato comprovado pelos restos animais e vegetais” (KERN, op. cit. p. 115).

Há cerca de três milênios os grupos construtores de cerritos teriam intensificado a caça e a pesca devido a um possível aumento populacional que, por sua vez, os teria obrigado a uma exploração mais sistemática dos recursos naturais e ações para a defesa do território. Em grandes cerritos uruguaio foram verificados indícios, não apenas de uma diversificada coleta de vegetais, mas também de uma agricultura incipiente. Milho, feijão e abóbora provavelmente compunham a dieta desses grupos. Elementos da cultura material que preservaram restos de plantas auxiliaram na identificação das espécies vegetais.

Neste mesmo período teria aparecido a cerâmica desses grupos. Seriam vasos abertos de fundo plano utilizados provavelmente para preparar peixes. Esta cerâmica ficou conhecida como pertencente à Tradição Vieira. “Vieira é o local, em Rio Grande, onde Schmitz e Brochado (1960) pela primeira vez identificaram este material” (SCHMITZ, 1997, p.228).

Os sítios de Tradição Vieira apresentam uma distribuição que coincide com as paisagens abertas do sul do estado, onde predominam as coberturas vegetais de savana estépica e formações pioneiras, especialmente nestas últimas ocupando as áreas alagadiças em torno das grandes lagoas litorâneas, onde ocorre a maior parte dos ‘cerritos’, estrutura monticular caracteristicamente associada aos portados desta tradição cultural (ROGGE, 2004, p. 152).

Nas pesquisas de arqueólogos uruguaio no setor da bacia da Laguna Merín são descritas as observações sobre um ritmo de crescimento contínuo e constante nos aterros. Teriam ocorrido variações cíclicas, verificadas através das datações que poderiam se repetir em intervalos anuais. As unidades de estratificação seriam contínuas com variações tanto a nível vertical quanto horizontal, no entanto, essas variações não seriam contraditórias, mas atreladas aos estratos antrópicos. Bracco e Pantazi (1999) entendem esse crescimento como complexo e demorado que teria contado com a participação de várias gerações até seu estágio final:

(...) ya no podemos percibir a las estructuras monticulares como el producto de un grupo de trabajo movlizado, en algùn momento determinado, con el fin de realizar su construcción social total o parcial.(...) Su edificación demando, en diferentes casos, más de dos milênios. (p.23).

As estratégias antropológicas para estudar a relação homem-ambiente são bem colocadas nos pressupostos de F. Criado (1996 apud BRACCO e PANTASI, 1999), que entende as paisagens como produtos da vida social e que também são objetos de análise formal, seriam observadas as diversas ecodinâmicas reconsiderando assim a relação entre cultura e natureza. “*Se trata de comprender y explicar la lógica y la naturaleza, del desarrollo de ambientes modificados por el hombre*”(BRACCO e PANTASI, 1999, p. 37). Assim, trabalhos atuais sobre o tema têm privilegiado essas configurações sócio-ambientais para reconhecer algumas atividades desenvolvidas pelos grupos humanos.

Dessa forma, a arqueologia de um modo geral dedicou-se a uma forma de análise mais abrangente: macro-regional e regional, especialmente no estudo dos túmulos. Entendeu-se que estas estruturas só teriam começado a servir de túmulo em um período mais recente. Nesse sentido, as hipóteses sobre o início destas construções, de certa forma, poderiam ser alargadas para outras possibilidades, a saber, moradia e cerimonial. Em outras palavras, a utilização das estruturas monticulares pode ter sofrido várias alterações ao longo do tempo e de seu processo construtivo.

As observações macro-espaciais tornaram possível identificar locais específicos como os dedicados a cerimônias coletivas, ou de interação social. Os espaços cerimoniais também seriam identificadores de sociedades com organizações ditas mais complexas. Vários autores insistem que esse ponto demarcaria uma ruptura na visão que diz que não se desenvolveram na América povos com traços de complexidade além dos tradicionais Maias, Incas e Astecas. Idéia que continua em grande medida ainda sendo referendada nos meios de ensino.

Pérez (1999) procura analisar a estrutura sociocultural dos “construtores de Cerritos” aproximando os do sul do Brasil e do leste do Uruguai. Ele identificou uma

não homogeneidade na distribuição das construções em terra em diferentes áreas. Ficariam claras aqui as associações feitas com elementos da paisagem compostas com formas e disposições diversas (p.66). Os estudos sócio-culturais propõem que as estruturas monticulares estariam ligadas a elementos de identidade, corporação, agregação e a demarcação territorial.

A não uniformidade de materiais encontrados nos sítios dificulta afirmações sobre sua função específica. Segundo Prous (1992) “o processo de edificação dos cerritos não está totalmente esclarecido. Aparentemente, as habitações eram construídas antes de o montículo existir, pois existem vestígios de ocupação desde a base” (p.295). Além disso, existem diferenças regionais quanto à disposição das estruturas que podem ocorrer isoladas ou em agrupamentos. As pesquisas mais atuais já partem do pressuposto de que poderiam servir a múltiplas funções, principalmente, para atividades domésticas, fúnebres e ritualísticas.

A propensão dos grupos humanos em habitar ou margear regiões alagadiças tem estreita ligação com a própria biodiversidade de fauna e flora recorrente nestes locais. Não obstante, o auge de crescimento de espécies, muitas vezes, está condicionado à sazonalidade. Em função disso, pode-se pensar nos movimentos humanos também como resultado dessas alterações ambientais.

Vários pesquisadores aprofundam-se nessas questões do meio tais como alterações de paisagem, seja por agentes naturais ou antrópicos. Ao refletir-se sobre esses processos ambientais ampliam-se as possibilidades de formular hipóteses mais consistentes sobre as movimentações sociais. Entende-se que qualquer paisagem necessita ser vislumbrada com maior atenção para assim resgatar um pouco de sua complexidade, especialmente no que diz respeito à ação humana sobre suas feições.

Estudos sobre vegetação são bastante produtivos, posto que, ajudam a compreender o tipo de composição ambiental após sucessivas alterações climáticas, responsáveis também por mudanças nas formas de vida sobreviventes.

É interessante perceber que quando observadas extensões de território avalia-se também alterações entre variados componentes geográficos. Desta maneira, avaliar as combinações ambientais que interferiram em determinado espaço também auxilia na tarefa de tentar enxergar a participação humana na conformação desse contexto. Em

outras palavras, na paisagem cultural o homem não age sozinho nem a natureza sozinha o faz, mas sim a resultante desses agentes compõe as paisagens associadas às vivências sociais pretéritas.

Iriarte (2003) inicia sua tese colocando o problema das denominações impróprias dadas aos grupos nativo-americanos, constantemente denominados de primitivos e atrasados, diferentemente de alguns povos dos Andes e da Mesoamérica vistos como culturas complexas, ou pelo menos com graus de complexidade social. Uma das questões fundamentais de seu trabalho é exatamente apontar que existiram complexificações sócio-culturais nas imediações da bacia Platina não apenas intra-grupos, mas em diferentes tempos e lugares.

O mesmo autor ao estudar a região específica da Sierra de los Ajos no Uruguai expõe as evidências de complexidade na distribuição das estruturas dos sítios, onde é possível identificar dentre outros elementos espaços cerimoniais coletivos e áreas domésticas. *“The ‘constructores de cerritos’ constitutes a cultural complexity, one that can throw light on the multidimensional and diverse nature of early Formative societies in the Américas”* (IRIARTE, 2003, p. 8).

Seu intuito seria perceber não só a presença da complexidade nos grupos, mas identificar as diversas formas complexas que se criaram ao longo do tempo nesses territórios ainda pouco explorados pela arqueologia. Os modelos interpretativos mais flexíveis auxiliaram não somente explorar como se processaram as organizações dos grupos, mas confirmar esses grupos com detentores de formas complexificadas de organização sócio-cultural.

Para analisar as estruturas monticulares através de alguns de seus componentes precisa-se entender, antes disso, as interações ambientais dos seus grupos construtores, bem como seus próprios agentes humanos. Devido à ausência de relações etnográficas ou históricas com grupos conhecidos, na busca por compreender os grupos habitantes de cerritos pode-se utilizar alguns critérios tecnológicos da cultura material para caracterizar algumas de suas atividades sócio-culturais expressas no registro arqueológico.

1.3 Os cerritos e a cultura material lítica: patrimônio e memória cultural

O patrimônio cultural herdado das populações originárias é imenso, embora, muitas vezes, não se consiga tecer limites entre hábitos e conhecimentos já incorporados pela sociedade atual. Quando se reporta ao passado, ou aos grupos humanos que lá viveram e conservaram seu viés cultural, não se deixa de trabalhar com memória cultural, ou seja, procurar naqueles homens pretéritos algo atual, além da humanidade, o próprio passado sociocultural que se preservou de diversas formas na cultura material. É esta cultura material sobrevivente que possibilitará noções de vivências, experiências de mundo e tentames sócio-culturais nas quais o homem atual pode buscar não só suas raízes, mas explicações sobre seu próprio ser.

Segundo Kern (1997) “o conhecimento do pretérito acessado pela arqueologia faz parte da criação de uma memória social. Seria essa memória histórica o ponto de referência para o nosso presente” (p. 5). Assim, também, buscando suas origens o ser humano estabelece uma conexão com o passado, percebendo o processo de transformação de idéias que o homem vem passando ao longo dos tempos. Essa história de longa duração observada no Estado do Rio Grande do Sul serve não apenas para demonstrar que eles (os homens) efetivamente existiram, mas, sobretudo resgatar seus elementos cotidianos que de alguma forma permanecem registrados na paisagem cultural.

A complexidade dos dados arqueológicos examinados está disposta em variáveis múltiplas, desde a inserção dos sítios nas paleopaisagens geográficas até os tipos de sítios arqueológicos, as matérias-primas utilizadas, tipologias das indústrias (lítica, óssea, conchífera) as variações regionais, enfim os modos de vida dos grupos. Embora se tenham criado classificações didáticas como fases e tradições, baseadas em critérios arbitrários, percebe-se que essa realidade social passada apresentou-se bastante complexa e diversificada (KERN, 1997, p. 6-9).

No caso dos cerritos, a importância desses sítios seria exatamente em tratar-se de um domínio ambiental com difíceis condições não só de habitabilidade, mas de locomoção, rico em recursos alimentares de caça, pesca e coleta.

Para estudar os cerritos a partir do material lítico é preciso, antes de tudo, considerar esse tipo de cultura material como um recorte do todo cultural dessas estruturas e, dentro de sua possível significação, entender um pouco sobre o grupo social que o ocupou sob as mais diversificadas formas.

Ao estudar as evidências culturais (material lítico) no Rio Grande do Sul destacou-se na região dos campos abertos a chamada tradição Umbu. Em seus aspectos materiais destacou-se, por exemplo, a técnica de confecção de instrumentos que podia ser percussão e pressão e, ainda, por polimento e picoteamento. As ferramentas de percussão poderiam ser simples seixos, bastões de madeira ou chifres de veados.

Eram instrumentos confeccionados sobre núcleos ou lascas, principalmente com estas últimas daí afirmamos ser uma indústria de lascas [...] Para instrumentos sobre lascas, após um preparo no núcleo, por percussão direta, destacava-se uma lasca ou, empregando a técnica da percussão indireta, obtinha-se uma lâmina. De lâminas são fabricadas as pontas de projétil (KERN, 1997, p. 111-112).

Os pequenos raspadores e raspadeiras serviriam para raspar a carne de couro, as escamas de um peixe, a madeira, entre outras atividades bastante recorrentes nas estruturas de cerritos.

Os vestígios arqueológicos são indícios da atividade humana em determinado local. Além disso, existem os restos indiretamente ligados ao homem, mas que ajudam a revelar as condições em que viviam. São chamados de vestígios diretos, os testemunhos materiais presentes nos níveis arqueológicos. Os vestígios mais encontrados geralmente por sua durabilidade são pedras e cerâmica. Os indiretos, na maioria das vezes, são negativos que sugerem a existência de outros objetos.

A estrutura arqueológica (sítio arqueológico) é formada por um conjunto significativo de vestígios do qual é possível extrair informações sobre os grupos.

A arqueologia moderna é caracterizada, em grande parte, pela passagem do simples estudo dos vestígios da época para uma busca de estruturas a serem interpretadas. Em consequência, a coleta dos vestígios durante as escavações

é feita dentro de técnicas que permitem determinar as relações entre todos os elementos do quebra-cabeça arqueológico (PROUS, 1992, p. 26).

Existem três categorias que permitem classificar a composição: macro-estrutura, estrutura média, e micro-estrutura. A macro-estrutura analisa a organização de todo território relacionado a uma mesma população, já a estrutura média evidencia as diferenciadas áreas ou setores de um sítio. A última, micro-estrutura, evidencia cada conjunto estudado dentro de um sítio como alinhamentos de vestígios de postes, paredes, muros, canalizações, etc.

Já que o arqueólogo estuda o passado a partir de objetos modificados pelo homem (artefatos), deve ele ser capaz de colocá-los dentro de categorias classificatórias que permitam a comparação dos artefatos e as 'indústrias' (conjuntos de artefatos) entre si. Para tanto, deve elaborar uma ciência classificatória: a tipologia. Os objetos serão colocados em categorias (tipos) que podem ser morfológicos (em função da forma), tecnológicas (em função da fabricação), funcionais (finalidade dos artefatos) ou estilísticas (PROUS, 1992, p. 59).

Martins (1996), por exemplo, ao reunir as informações arqueológicas sobre o Planalto de Maracaju- Campo Grande no Mato Grosso do Sul- faz uma análise do material lítico encontrado no sítio Maracajú-1 através de um programa de computador especializado. Suas considerações se dão no âmbito da classificação e síntese de dados. Embora seu enfoque seja quantitativo, sua apreciação fornece elementos interpretativos bastante consistentes no resgate de dados sócio-culturais. Elencar atributos tem sido um dos caminhos percorridos pelos estudiosos de materiais líticos atualmente. São esses indícios que fornecem subsídios para entender os modos de fazer e usar as manufaturas que por sua vez refletem uma determinada identidade ou grupo cultural.

Ainda segundo aquele autor os instrumentos produzidos pelo homem trazem consigo criatividade e imaginário e mesmo quando feitos para exercerem funções semelhantes são etnicamente personalizados. “Além da perspectiva de uso cada objeto traz consigo o significado cultural que a ele é dado pelo fabricante, podendo conter

atributos de natureza religiosa, técnica, econômica, social ou decorativa”(MARTINS, 1996, p. 162).

O enfoque aos processos de fabricação de artefatos requer não apenas análises das etapas produtivas, mas entender a relação de um sítio em particular com um quadro mais amplo, ou seja, deve-se pensar na relação da peça estudada com o todo, conjunto da indústria lítica e suas relações com as outras estruturas do sítio. Em torno dessas questões delineiam-se premissas para conhecer um contexto focalizado, mas ao mesmo tempo inserido num horizonte cultural mais amplo.

São diversas as possibilidades para interpretação de coleções líticas, contudo neste trabalho observar-se-ão processos de produção dos artefatos segundo premissas da cadeia operatória. Todavia com relação “a função ao antigo artefato, os vestígios de sua utilização, a forma como o mesmo foi empregado, etc. São estudos especializados que abordam as etapas posteriores à confecção do objeto”(MARTINS, 1996, p.164).

Os estudos sócio-culturais desenvolvidos por pesquisas no Uruguai entendem que *“las estructuras monticulares pueden explicarse como elementos de identidad, corporación, agregación, demarcación territorial, acentuándose la alta disrupción en la vida comunitaria en cada momento de la construcción”* (FEMENÍAS, 1990 apud PEREZ, 1999, p. 73).

Embora as discussões não estejam encerradas, muito ao contrário, estão ainda bastante latentes, deixa-se claro que antes de tudo estudar os grupos pretéritos também é ver o homem atual refletido nas novas formas de agir e buscar os agentes culturais passados. Assim pode-se ver mais claramente a noção de patrimônio da humanidade impregnada na materialidade, ou seja, a dita cultura material do homem pretérito interessa a todos os indivíduos, visto que diz respeito à história da trajetória humana na Terra. Dessa forma, merece atenção, preservação e valoração enquanto componente cultural da vida humana.

O esforço em aprofundar cada vez mais a discussão sobre os cerritos de índios traduz em si também uma ânsia em entender o passado regional e ampliar bases para uma nova visão sobre os grupos originários que tem sido mantidos à margem tanto da história oficial, quanto da própria sociedade contemporânea de uma forma geral. O intuito é também resgatar nos componentes arqueológicos elementos que passem a ser

percebidos dentro da trajetória de todos os povos que habitaram e habitam o território americano.

2 OS CERRITOS DAS NASCENTES DO RIO BUTUY - SÃO BORJA: UM ESTUDO DE CASO

A mobilidade e a moderação põem os fins dos caçadores ao alcance dos seus recursos técnicos. É assim que uma modalidade de produção não evoluída pode se mostrar tão eficaz (SAHLINS [1972] 1977, p. 49 apud DIAS, 2003, p. 18).

2.1 Localização dos sítios arqueológicos: Butuy 1 e Butuy 2

O município de São Borja (figura 3) faz parte da região chamada de Campanha Ocidental Gaúcha, que compreende a porção oeste do estado do Rio Grande do Sul. Seu território é dito fronteiriço, pois está próximo à Argentina. São Borja é banhada pelo rio Uruguai, que serve também de limite com São Tomé, na Argentina. Faz parte, portanto, da região da América denominada Terras Baixas Platinas.

Sua história, ou ainda, sua “pré-história” de ocupação advém de pelo menos alguns milhares de anos quando seu território era habitado por grupos humanos de caçadores-coletores. Contudo, esta região tornou-se bastante conhecida, na História gaúcha recente, por ter sido uma das primeiras sedes dos chamados Sete Povos das Missões da Companhia de Jesus no século XVII, que se tratavam de agrupamentos construídos por padres jesuítas para a catequização dos nativos. Nessas missões predominavam índios guaranis - um de seus mais conhecidos líderes indígenas foi Sepé Tiaraju.



Figura 3-Imagem da região de oeste do Rio Grande do Sul, destaque São Borja. Fonte: Google Earth, 2009.

Segundo o historiador Porto (1954), São Francisco de Borja é o mais antigo dos sete povos das missões. Teria se originado de uma colônia de povoadores que São Tomé estabeleceu no final do século XVII a oriente do rio Uruguai. Assim teriam sido ocupadas as terras de uma grande estância de criação de gado *vacum* entre os rios Camaquã e Butuí. Porto descreve, também, as tentativas dos colonizadores europeus na catequização dos povos originários a partir do século XVII.

Desde os tempos iniciais da catequese que abria a Banda dos Charruas, com a fundação de Reyes (Japejú), à sua conquista espiritual, procuraram os jesuítas atrair os belicosos guenoas, que assim eram designados os vários ramos de guaicurus do sul que, assenhorando-se do cavalo, depredavam as campanhas aquém e além Uruguai.

Intenso foi o trabalho nesse sentido ficando, porém sem resultado prático todas as tentativas feitas. Indomáveis e livres, refratários à civilização, esses índios, que se dividiam em charruas, iarós, minuanos, mboanes e chanás, fugiam a todo contacto pacífico com os padres e, principalmente, com os tapes de quem tinham fundas queixas. E quando se aproximavam das reduções era sempre em caráter hostil, a fim de combater os tapes, roubando-lhes gados bovinos e cavalares (PORTO, 1954, p. 31).

Assim pode-se perceber como foram bastante violentos os contatos indígenas com o colonizador. Nesse combate, infelizmente, os mais fortes belicamente venceram extinguindo vários grupos. Charruas e Minuanos foram alguns desses que por serem povos bastante independentes não aceitaram subjugação e lutaram até seu total desaparecimento enquanto grupo humano.

No entanto, algo de suas culturas, ou mesmo de seus ancestrais, de alguma forma permaneceu registrada através de sua cultura material, hoje peças arqueológicas. Pode-se dizer então que o que hoje faz parte do município de São Borja já foi território indígena, assim como outros espaços em toda América.

O atual município de São Borja no Rio Grande do Sul teria sido fundado em 1833 e assim seria uma das cidades mais antigas do Estado e do Brasil. Embora a característica de município missioneiro tenha marcado sua história buscou-se resgatar um pouco de seu passado mais longínquo, ou seja, observar um pouco sobre sua “pré-história” de ocupação. Assim se estará vislumbrando, a partir dos registros arqueológicos, elementos componentes do ambiente vivenciado por grupos milenares que um dia povoaram o território são-borjense.

2.2 Trabalhos de campo

Os trabalhos arqueológicos realizados pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA), coordenado pelo Professor Doutor Saul Eduardo Seiguer Milder, da Universidade Federal de Santa Maria, iniciaram no ano de 2004 quando foram feitas as primeiras observações e prospecções no território são-borjense. Durante as prospecções encontraram-se cerritos em locais baixos (várzeas) e agrupados, os maiores estariam nos topos e bastante destruídos. As áreas em foco ficam nas proximidades dos arroios Capeati e Butui onde pôde ser observada grande quantidade

de material arqueológico em superfície, assim como foi possível mapear várias estruturas monticulares (fig. 4).

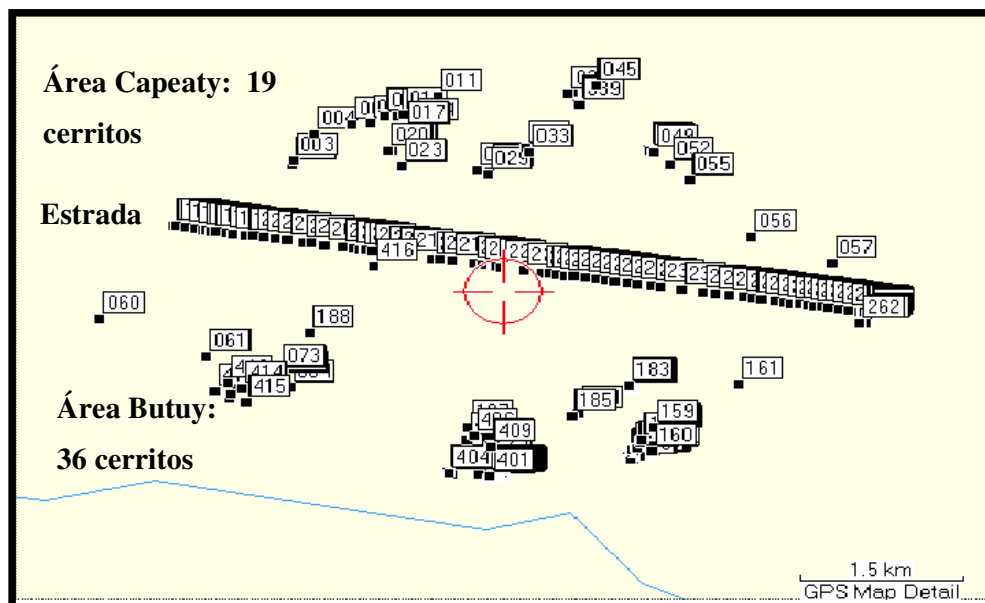


Figura 4-Mapeamento por GPS de 55 cerritos, localizados pela equipe LEPA. Fonte: Acervo LEPA.

Ocorreu, então, nesse mesmo ano de 2004 a intervenção em dois sítios monticulares, próximos ao arroio Butuy, que recebem os nomes respectivamente de Butuy 1 e Butuy 2. Nestes sítios fez-se um levantamento topográfico (fig. 5) para se ter maior visão de seu contexto e escavaram-se quadrículas intercaladas a partir de uma trincheira abrangendo os dois extremos dos sítios.

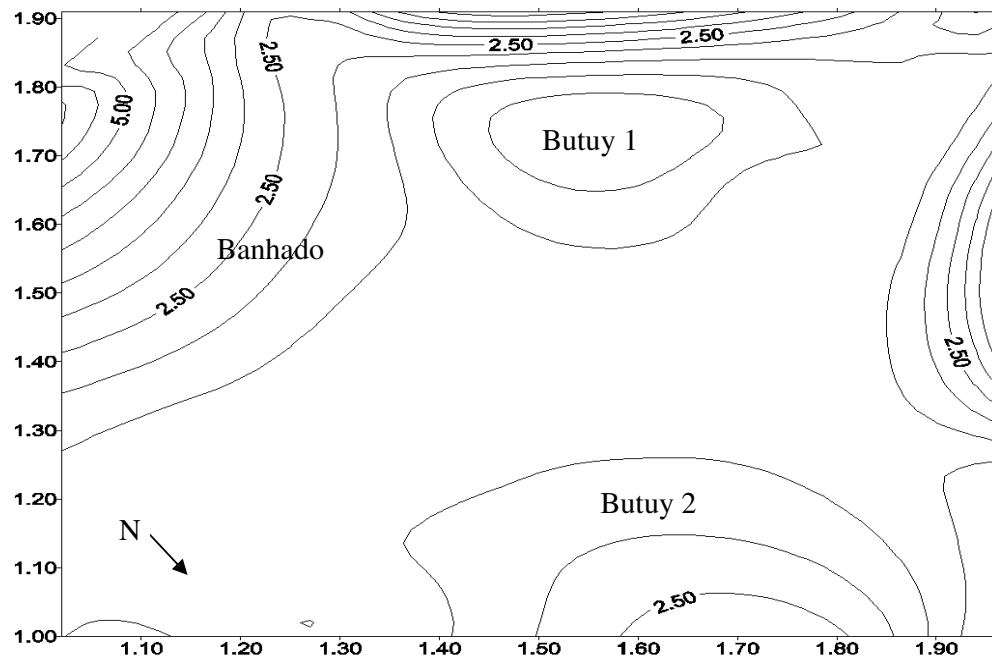


Figura 5-Levantamento topográfico dos sítios Butuy 1 e Butuy 2 de São Borja/RS. Curva de nível 0,5 m .
Fonte: LEPA.

A equipe do LEPA permaneceu na região durante uma semana (de 24 a 30 de abril), explorando tanto as estruturas quanto a paisagem, para perceber a relação dos sítios com o ambiente (ver figura 6). Contou-se, ainda, com intensa participação de moradores da região que forneceram materiais arqueológicos encontrados na região e colaboraram durante a permanência da equipe de estudos no município.

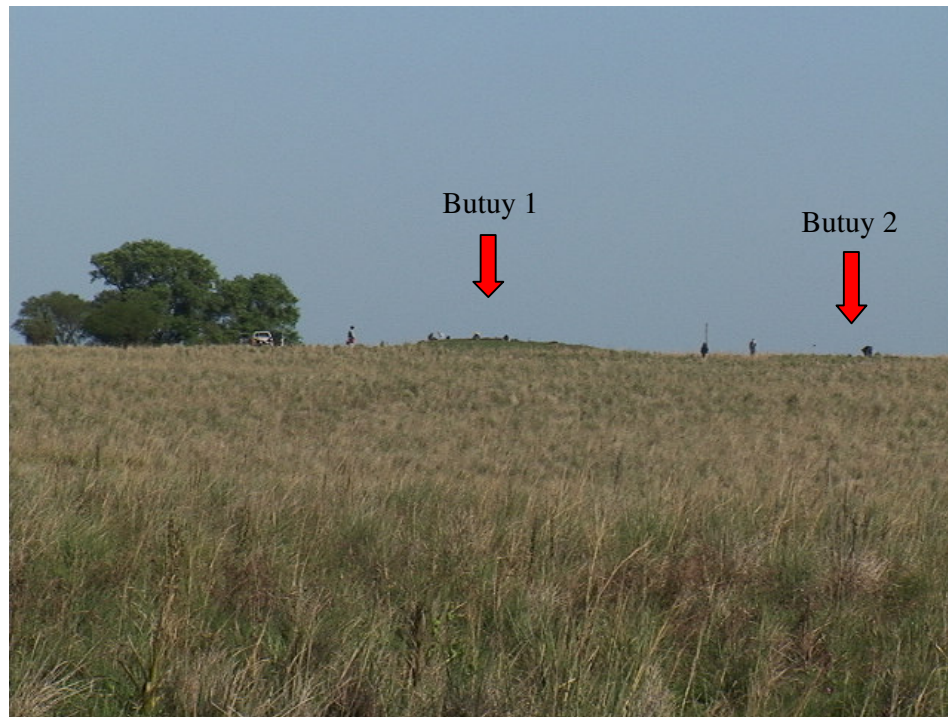


Figura 6-Vista dos cerritos Butuy 1 e Butuy2, São Borja/RS. Fonte: Acervo LEPA.

O Butuy 1 é o maior montículo, medindo 27 metros de diâmetro e o Butuy 2 com 16 metros de diâmetro. Verificou-se a presença de ampla área de banhado (fig. 7) e vários afloramentos basálticos.



Figura 7-Vista área alagadiça. Fonte: Acervo LEPA.

Demarcaram-se trincheiras transversais nas estruturas onde se escavaram quadrículas intercaladas em ambos os cerritos. No Butuy 1 foram demarcadas 16 quadrículas de 1,5 x 1,5m, já no Butuy 2 foi aberta uma quadrícula de 2 x 2m. Em ambos os cerritos houve prolongamento das quadrículas centrais. No primeiro prolongou-se as quadrículas 6 e 8, no segundo, criaram-se mais duas quadrículas na região central da estrutura (Q2 e Q3).



Figura 8-Profundamento da quadrícula 6, no Butuy 1. Fonte: Acervo LEPA.

Observou-se também a presença de pedras de basalto (matacões) com média de 20 cm de diâmetro que foram evidenciados durante as escavações, porém não apresentaram sinais de alguma formação estrutural específica, ou seja, não pareciam fazer sentido, mas talvez apenas jogados. É possível visualizar estes matacões na figura 9.

Quanto à profundidade dos sítios, isto é, a camada antrópica, chegou a 1,15 m no Butuy 1 e 40 cm no Butuy 2.



Figura 9-Trincheira abrangendo o Butuy 1, quadrículas centrais. Fonte: Acervo LEPA.

Os materiais arqueológicos resgatados foram em sua grande maioria peças líticas como lascas, lascas retocadas e núcleos plano-convexos, as quais serão alvo do estudo apresentado nesse trabalho. Além disso, resgatou-se um fragmento cerâmico, atribuído à chamada Tradição Vieira (primeiros grupos a confeccionarem artefatos de cerâmica), e recebeu-se, ainda, peças doadas por moradores da região como bolas de boleadeiras, material cerâmico (figuras 10 e 11) e pontas de projéteis (figura 12). Em laboratório receberam devida higienização e catalogação, bem como passaram pelas primeiras análises para identificação de suas características preliminares.



Figura 10 e Figura 11-Fragmentos cerâmicos, doados. Atribuídos à Tradição Vieira. Fonte: Acervo LEPA.



Figura 12-Pontas de projéteis (doadas), São Borja-RS. Fonte: Acervo LEPA.

O processo de análise inicia-se com estudos bibliográficos que fornecem os parâmetros para se determinar os aspectos fundamentalmente significativos, ou seja, aqueles que irão realmente fornecer respostas sobre os grupos produtores de tal material, o processo da produção e a possível finalidade. O intuito é apresentar alguns dados tipológicos e em seguida analisar um pouco da tecnologia de fabricação dos instrumentos presentes nos sítios. Sabe-se que se trata de um recorte cultural já que

engloba apenas alguns poucos componentes, contudo nos permite pensar um pouco sobre a produção e utilização destes artefatos (figuras 13 e 14) pelo homem.



Figura 13 e Figura 14-Instrumentos plano-convexos, São Borja-RS. Fonte: Acervo LEPA.

Baseando-se fundamentalmente em modelos tecno-tipológicos como os propostos por Rodet (2005), Dias (2003) e Hoeltz (2005), baseados na cadeia operatória dos objetos, busca-se trabalhar alguns aspectos significativos e específicos das coleções.

2.3 Contexto Ambiental dos Cerritos de São Borja: geologia, geomorfologia, hidrografia, vegetação, fauna e clima.

O município de São Borja fica a uma altitude de 96 metros, 56°00' de longitude, 28°39' de latitude, sua temperatura média anual é de 19,9 °C. O índice pluviométrico anual fica em torno de 1559 mm. Está localizado na ecorregião dos campos sulinos (figura 15).

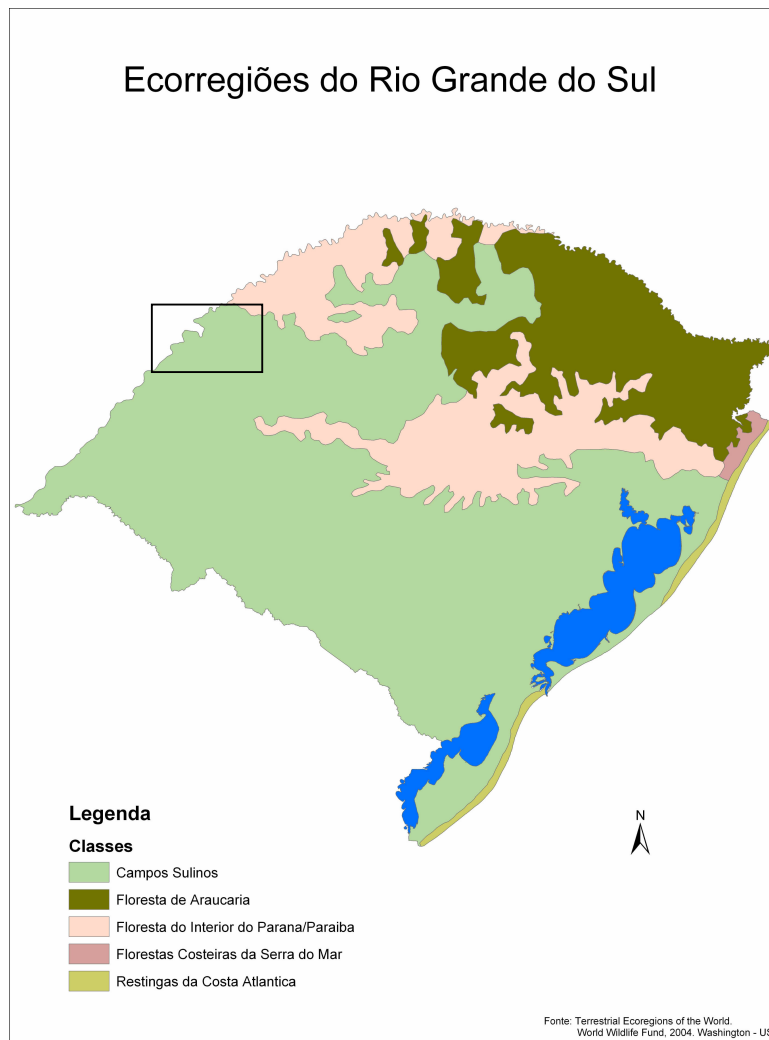


Figura 15-Mapa com ecorregiões do Rio Grande do Sul. Fonte: Fonte: <http://www.biodiversidade.rs.gov.br>

2.3.1 Geomorfologia e geologia

Conforme estudos geomorfológicos que mapearam as várias regiões do Estado sul rio-grandense, estabeleceram-se alguns parâmetros para estudos que podem ser brevemente resumidos em 3 grandes táxons. 1) Domínio Morfoestrutural; 2) Regiões

Geomorfológicas; 3) Unidades Geomorfológicas. Sendo assim, têm-se os domínios morfoestruturais em amplas áreas com grandes diferenciações geomorfológicas que estão ligadas a aspectos fitoecológicos e pedológicos. Embora as regiões geomorfológicas tenham caráter identificativo podem apresentar também diferenciações, o que permitirá dividi-las ainda em unidades geomorfológicas (segue esquema em ordem decrescente de abrangência).

Domínio Morfoestrutural → Região Geomorfológica → Unidade Geomorfológica
--

Quanto à região estudada no oeste do estado, buscaram-se referências destes estudos geomorfológicos para entender um pouco sobre o espaço onde estão assentados os sítios arqueológicos em questão. Conforme o relatório do projeto RADAM BRASIL (1982-83), São Borja está no domínio morfoestrutural das Bacias e Coberturas Sedimentares, dentro da região geomorfológica do Planalto das Missões e na unidade geomorfológica Planalto de Santo Ângelo.

O domínio morfoestrutural das Bacias e coberturas Sedimentares abrange 158.360 km², composta por litologias jurássicas e jurocretácicas capeadas por ocorrências restritas de sedimentos do Terciário. “Entre as lavas basálticas ocorrem intercalações de arenitos interderrames de origem eólica e de granulação fina a média” (RADAM BRASIL, 1983, p. 328).

Praticamente toda a porção norte do Estado (figura 16) se constitui no domínio das rochas magmáticas extrusivas (Formação Serra Geral), com predomínio do basalto, ocorrendo em algumas porções o diabásio e arenitos [Formação Botucatu] (AZEVEDO e DALMOLIN, 2006).

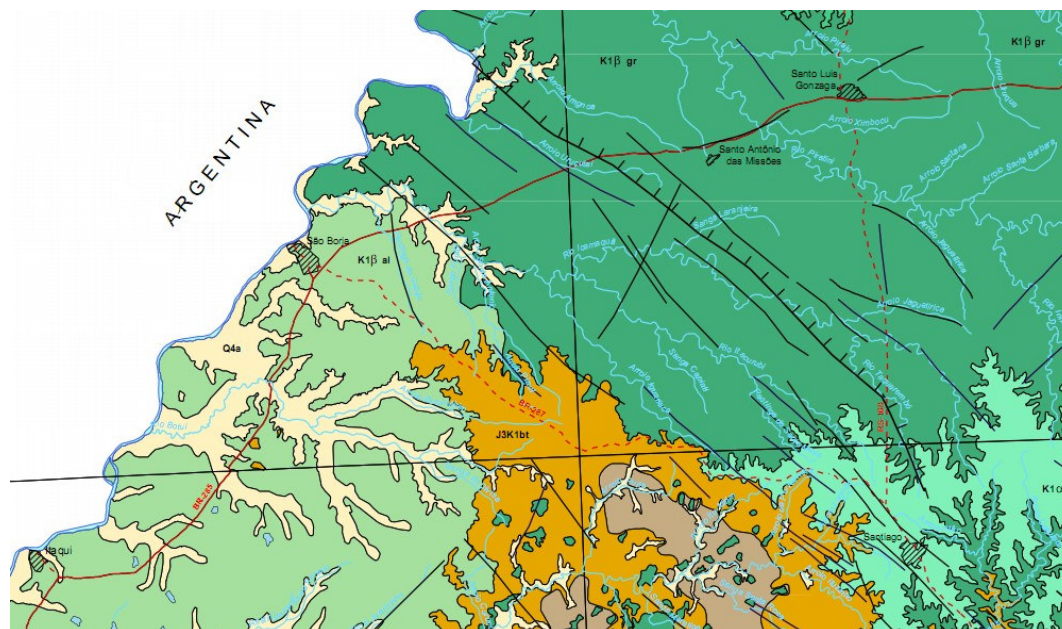


Figura 16-Detalhe do mapa geológico da região oeste do Rio Grande do Sul - Ver mapa completo no anexo A.

Os relevos planálticos compreendem 3 regiões geomorfológicas: Planalto das Araucárias, Planalto da Campanha e Planalto das Missões. Neste último estão inseridos os sítios estudados neste trabalho. Este possui uma superfície de 30 140 km² com relevo bastante homogêneo de colinas suaves (coxilhas), que seriam esculpidas em rochas vulcânicas basálticas da Formação Serra Geral, e ainda rochas sedimentares referentes à Formação [Botucatu] (RADAM BRASIL, 1983).

O Planalto das Missões é constituído por um conjunto de elevações longas, formando entre si depressões fechadas onde ocorrem, em grande parte, latossolos e solos podzólicos, distróficos, profundos, desenvolvidos a partir de basaltos e efusivas ácidas do jurocretáceo, e arenitos da Formação Tupanciretã, pertencentes ao Terciário A atividade agrícola dessa região é favorecida por apresentar Latossolos e Terras Roxas Estruturadas que substituíram a Floresta Estacional Decidual (RADAM BRASIL, 1983).

Esta área está inserida no modelo de aplanamento inumado. Isto quer dizer que devido a pouca inclinação da superfície, existe dificuldade de escoamento das águas provocando alagamentos no nível mais baixo. Dessa forma, o lençol freático permanece constantemente elevado com os processos químicos de redução, os solos vão adquirindo coloração acinzentada e avermelhada em níveis mais elevados.

O gradiente textural acentuado, as rochas do substrato com baixa permeabilidade e pouco profundas e o lençol freático normalmente elevado são responsáveis pela rápida instabilização morfodinâmica destas áreas, com a retirada da cobertura vegetal de savanas e estepes. Sob condições naturais, aparentemente se caracteriza como uma área de transição morfodinâmica, ou talvez de estabilidade muito precária e que passa a instável quando a ação antrópica permite a atuação dos processos morogenéticos ligados a escoamento superficial difuso e concentrado laminar (RADAM BRASIL, 1983, pp. 381-382).

2.3.2 Hidrografia e os banhados de São Borja/RS

O município de São Borja está incluído na Bacia Hidrográfica do Uruguai (ver figura 17). A bacia hidrográfica pode ser entendida como um conjunto de terras drenadas por um rio principal e seus afluentes.



Figura 17- Mapa com Bacias hidrográficas do Rio Grande do Sul. Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>, acesso em 10 maio 2009.

A Região Hidrográfica do Uruguai abrange a porção norte, noroeste e oeste do território sul-rio-grandense, com uma área de aproximadamente 127.031,13 km², equivalente a 47,88% da área do Estado. Essa Região está subdividida em dez unidades hidrográficas: Apuaê-Inhandava, Passo Fundo, Turvo-Santa Rosa-Santo Cristo, Butuí-Piratinim-Icamaquã, Ibicuí, Quaraí, Santa Maria, Negro, Ijuí e Várzea. A Bacia Hidrográfica Butuí-Piratinim-Icamaquã situa-se a nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, entre as coordenadas geográficas 28°30' a 29°15' de latitude Sul e 54°40' a 56°30'

de longitude Oeste. Abrange a Província Geomorfológica Planalto Meridional. Possui área de 8.144,81 Km², abrangendo municípios como Itacurubi, Itaqui e São Borja, com população estimada em 74.656 habitantes. Os principais cursos de água são os arroios Iquariçu, Piauí, Cabijú e os rios Butuí, Butuí-Mirim, Itacurumbi e Icamaguã.

Nessas regiões são recorrentes áreas de banhado, as quais favorecem a biodiversidade. Pode-se citar dois banhados próximos à região de estudo como bastante significativos do potencial biótico da região: banhado de São Donato (em destaque figura 18) e o Banhado Bororé, ambos vem passando ao longo dos últimos anos por um processo de drenagem devido à expansão agropecuária.



Figura 18-Principais banhados ou áreas úmidas do RS, com destaque para Banhado São Donato.
Fonte: www.fzb.rs.gov.br/museu/pesquisa/areas_umidas/intro.swf, acesso 12 jun 2009.

A palavra “banhado” que é utilizada no Rio Grande do Sul como sinônimo de área pantanosa é também conhecida em outros estados como pântano ou brejo. Os banhados seriam corpos d’água permanentes ou temporários, sem uma bacia hidrográfica bem definida, de contorno ou perímetro indefinido e sem sedimentos próprios com vegetação emergente e abundante e poucos espaços livres.

A reserva biológica do Banhado de São Donato faz parte do Projeto de Conservação das Áreas Úmidas do RS, desde 1993. Esta se localiza na Região das Missões, no banhado do mesmo nome. (figura 19). A flora deste banhado é riquíssima pela diversidade de espécies adaptadas ao meio palustre, incluindo gramíneas e ciperáceas de porte elevado e gravatás pertencentes ao gênero *Eryngium*. Acompanhando as elevações do terreno encontram-se corticeiras, salgueiros e as primeiras figueiras e timbaúvas. A fauna nesta área conta com capivaras, lontras, ratão-do-banhado, além de emas, quero-quero e sabiá.



Figura 19-Algumas informações sobre a biodiversidade do Banhado São Donato.
Fonte: http://www.fzb.rs.gov.br/museu/pesquisa/areas_umidas/intro.swf, acesso 12 jun 2009.

O Banhado do Bororé praticamente foi extinto com as drenagens efetuadas nos anos 60 e 70, com recursos do Governo Federal do Programa Pro-Várzeas. O banhado fica próximo ao Rio Butuí e foi amplamente utilizado no plantio de arroz.

2.3.3 Vegetação, fauna e clima

São Borja localiza-se numa área dita de Tensão Ecológica, ou seja, de contatos entre diversos tipos de vegetação onde ocorrem espécies da Floresta Estacional Decídua (Mata caducifólia), Savana Estépica (campanha gaúcha), Estepe (campos). Nas margens dos rios existem as chamadas Matas de Galeria. A vegetação dos campos da região do pampa é entrecortada por galerias e banhados.

No Município predomina vegetação de baixo porte denominada campo, onde ocorrem principalmente as gramíneas (*Paspalum* sp) grama forquilha, (*Axonopus* sp) grama missioneira, capim caninha, capim limão, capim rabo-de-burro (*Andropogon bocornes*) entre outras. Também associadas a essas plantas ocorrem espécies da família das compostas como a carqueja (*Bacharis trimera*), maria-mole (*Senecio brasiliense*), buva (*Conyza canadensis*). Outras espécies de porte baixo formam associações com gramíneas dependendo das condições e tipos de solo. Existe um grande número de plantas herbáceas, arbustivas e arbóreas com características de pioneiras, tais como: espinilho (*Acacia caven*), molhe (*Schinus molle*), lantana silvestre, aroeira periquita (*Schinus molle*), aroeira anacautica (*Schinus molle*), curupi, taleira, etc.. Estas espécies formam maciços e tem propagação principalmente pela avifauna, daí porque aparecerem com frequência ao longo dos aramados e também sob a rede elétrica, criando condições para o aparecimento de outras espécies arbóreas que precisam de sombreamento inicial².

² Fonte: www.saoborja.rs.gov.br, acessado em 2/6/2009.

Os banhados remanescentes e as várzeas têm vegetação típica, ocorrendo o papiro (*Cyperos giganteus*), o gravatá (*Eringium pandanifolium*) em associação com outras espécies, que podem ser arbóreas como a corticeira-do-banhado (*Eritrina cristagailli*), Salgueiro (*Slix humboldtiana*), chapéu de couro (*Echinodorus grandiflorus*).

As principais espécies vegetais destes espaços são butiá-yatá, o espinilho, o inhanduvai, e o capim santa-fé. Ocorrem muitas espécies de gramíneas e leguminosas de grande importância e potencial forrageiro.

Na fauna, destacam-se a ema, o veado campeiro, a coruja-do-campo, o furão, além de outras tradicionais, como a perdiz e perdigão. Nas áreas de banhado são referidas mais de 200 espécies na região, tais como, garças, biguá, colhereiro, jaçanã, saracura, martim pescador, corvinho e diversas espécies de marrecas e marrecões.

O Planalto das Missões apresenta uma das maiores temperaturas médias anuais do estado gaúcho. Essa região morfológica sofreria ainda o efeito da continentalidade, o que favorece variações de temperatura.

Estudos sobre alterações climáticas identificam as mudanças ambientais ocorridas durante o tempo. No caso da região sul esses estudos ajudam a identificar os possíveis deslocamentos e permanências de grupos humanos.

O ambiente do sul do Brasil e leste uruguaio sofreram profundas alterações em um curto período geológico, ocasionadas pelas alterações do nível mar oriundas do último glacial (Würm, estágio isotópico 1). Durante esta, o nível do mar esteve 130m abaixo dos níveis atuais, fazendo desta região uma planície fértil e de alta produtividade (Holz, 1999). Mais do que isso, esta planície pode ter servido como ponto de acesso entre a região andina e a planície pampeana, possivelmente os primeiros povoadores desta planície tiveram origem em grupos andinos que, após a última glaciação, e a subida dos níveis marinhos e conseqüentemente o surgimento do Rio da Prata. Os grupos viventes na zona pampeana (Sul do Brasil e Uruguai) acabaram isolando-se e tomando novos rumos em seu comportamento cultural (SILVA JUNIOR, 2008, p. 57).

Nesse sentido adaptativo as estruturas monticulares foram interpretadas em primeiros estudos como refúgios artificiais para montagem de acampamentos pequenos, para estabelecimento em zonas alagáveis de inverno situados muito próximos a zonas de

banhados artificiais, lagoas ou cursos d'água inundáveis em épocas inverniais, “Os aterros parecem representar a base de habitações e serem destinadas a elevá-las acima do nível das inundações inverniais” (BROCHADO,1974 apud SILVA JUNIOR, 2008, p. 57).

Segundo este modelo então, tais grupos eram bem mais complexos do que se imaginava, eram populações grandes que se reuniam em aldeias de porte médio, utilizando tais estruturas como demarcadores territoriais, estruturas internas da aldeia, túmulos e locais de rituais.

Já outro modelo entende que a organização econômica dos grupos teve ajustes para habitar determinados ambientes conforme a época do ano. O modelo proposto para caçadores coletores complexos “se inspira en el desplazamiento espacial propuesto por Binford (1980) para colectores, con sitios residenciales logísticos, y sitios de caza en ambientes de alta productividad”(López, 2001, p.09 apud SILVA JUNIOR, 2008, P. 58). Assim os autores ao compararem os dados verificaram que os sítios uruguaiois são mais antigos que os brasileiros.

Dessa forma, a análise das particularidades ambientais é uma ferramenta que permite entender um pouco das possíveis adaptações humanas bem como seus deslocamentos. Contudo, as características ambientais permitiriam não só uma adaptação do homem à natureza, mas também uma adequação dos espaços às necessidades humanas, além de refletirem um cunho simbólico bastante expressivo quando se tratam de caçadores-coletores.

3 O HOMEM E A CULTURA MATERIAL LÍTICA

O nomadismo é inerente à sociedade e economia dos grupos caçadores coletores, pois como não possuem agricultura, sobrevivem e vivem do manejo ambiental e da administração eficiente dos seus recursos em todas as estações do ano (MILDER, 1999, p. 9).

3.1 Os pretéritos grupos humanos na região sul do Brasil

Segundo Milder (1999) os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul eram grupos nômades de caçadores coletores que viviam do manejo ambiental e administração eficiente de recursos em todas as estações do ano. Dessa forma, seria inerente a singeleza e a escassez de sua cultura material. A organização social é fortemente influenciada por esse modo de vida nômade, com baixa densidade populacional e bastante simples. Simples “na medida em que não existem instituições ou grupos especializados ou formalizados que possam ser diferenciados como econômicos, políticos ou religiosos” (p.9-10). Ainda conforme o autor, os grupos caçadores coletores seguem uma dinâmica sazonal, os alimentos existem em tempos e espaços determinados, mas nem sempre se encontram nos mesmos tempos e espaços. Dessa forma, estaria justificado plenamente o estilo nômade.

As transformações ambientais ocorridas há milhares de anos, especialmente na transição do Pleistoceno para o Holoceno (aproximadamente 10000 anos atrás), propiciaram o surgimento das paleopaisagem. O homem inserido nesta paleopaisagem teve grande inter-relação com o meio. “Os primeiros caçadores coletores terão uma cultura com características próprias à dos caçadores coletores mais recentes, já melhor adaptados ao meio ambiente, agora menos hostil do que aquele que os pioneiros encontraram” (GOMES, 2002, p.27). Dessa forma, esse caçador coletor mais antigo será chamado Paleoíndio (11000 AP – 8500 AP).

Milder (2000) faz considerações sobre um modelo paleoclimático para o início da ocupação humana do Rio Grande do Sul. Fala sobre a não estaticidade atmosférica, observando o potencial dinâmico do clima. Entende que as variações climáticas provocam mudanças em todo determinado clima regional onde os grupos humanos desenvolvem estratégias para sua permanência.

No final do Pleistoceno, com a última glaciação, o Rio Grande do Sul já teria povoamento humano. O ambiente sofria alterações contínuas que modificavam as paisagens. Devido a essa dinâmica ambiental as populações pré-históricas, da mesma forma, iniciaram um ciclo dinâmico de adaptações.

Conforme Hoeltz (2005) as condições de frio, seca e aridez atingiram fortemente o estado sul-riograndense e suas planícies compuseram-se de florestas rarefeitas de árvores tortuosas e estepes arbustivas. Sendo assim, os caçadores das savanas que migraram em direção ao território gaúcho devem ter sofrido poucos problemas de adaptação, pois ocuparam um tipo de paisagem aberta (campos e estepes), semelhante aos domínios vegetais que predominaram em todo continente.

A complexidade vegetal somente pode ser compreendida se relacionada aos múltiplos fatores como os relevos, as condições pedológicas, as oscilações climáticas da transição Pleistoceno-Holoceno e, mais recentemente, as erosões antrópicas. Dessa forma o território gaúcho compõe-se com paisagens abertas (campos), e paisagens fechadas (floresta subtropical com e sem araucária) (HOELTZ, 2005).

Como já referendado, a adaptação dos grupos não foi rígida e mecânica, pois aconteciam diversos deslocamentos sazonais. A própria exploração da fauna e flora obedecia, geralmente, as estações do ano.

As transformações pós-pleistocênicas situam-se, portanto, na origem das alterações do ambiente geográfico, que apresentam uma diversidade de recursos alimentares e uma cobertura vegetal mais densa e variada às populações pré-históricas. Este período parece encerrar a grande crise do Holoceno Inicial, pois o povoamento Pré-histórico de ter-se ampliado e os sítios arqueológicos são, deste momento em diante, mais numerosos (HOELTZ, 2005, p. 31).

Do período do Holoceno Médio em diante, teria sido identificado pelos pesquisadores maior de vestígios arqueológicos que períodos anteriores. Classificaram-se duas populações distintas: os grupos caçadores coletores e os grupos ceramistas. Para caçadores coletores criaram-se quatro tradições tecnológicas líticas: os coletores litorâneos de moluscos (concheiros ou sambaquis da planície costeira); a tradição lítica dos talhadores de bifaces das florestas (tradição Humaitá); a tradição lítica com pontas de projétil dos campos (tradição Umbu) e, por fim, a tradição lítica dita tardia de formadores de montículos (cerritos) que se situaram nas áreas de banhado nos campos do sul e nas bordas das lagoas litorâneas. Quanto às tradições ceramistas, que teriam ocuparam as mesmas regiões, contudo, mais tardiamente existe: a tradição Taquara cujos grupos situaram-se no planalto, a tradição Viera, que se localizou nas áreas de campo e a tradição Tupiguarani, de âmbito quase continental, que esteve representada em todas as áreas de selva do território (HOELTZ, 2005, p.32).

Ao tratar sobre os grupos da chamada tradição Umbu entende-se que sua área de dispersão chega ao norte, até o nordeste do estado do Paraná e da república do Paraguai; a oeste, nas províncias argentinas de Corrientes, Entre Rios e Misiones; a leste o Oceano Atlântico; e ao sul da América, no Estreito de Magalhães. Seria no nordeste do Rio Grande do sul nos vales dos rios Taquari e Antas que estariam as datações mais antigas com cronologias que chegariam a 9430 AP (DIAS, 2003).

Seria característico dos grupos de tradição Umbu a produção de seus artefatos tanto sobre as matérias primas líticas quanto sobre material ósseo e conchífero. Puderam ser identificados sobre material ósseo, principalmente furadores, pontas duplas, espátulas, anzóis, agulhas, retocadores, raspadores e ornamentos sob a forma de dentes perfurados e sobre material conchífero, geralmente encontram-se contas perfuradas de carapaças de moluscos. Já para a produção dos artefatos líticos utilizou-se preferencialmente: sílex, calcedônia, arenito silicificado, basalto, quartzo. A escolha das matérias primas “dependem não apenas das disponibilidades regionais, mas também das exigências dos artefatos a serem produzidos” (SCHMITZ, 1985, apud HOELTZ, 2005, p.34).

A técnica utilizada para o lascamento seria a percussão direta, contudo, os retoques por pressão são as marcas mais características desta tradição. Segundo Kern

(1983/1984, p.104 apud HOELTZ, 2005, p. 34), os retoques desta indústria seriam de melhor qualidade técnica em relação aos de tradição Humaitá mesmo na elaboração dos bifaces. E ainda, segundo o autor, caçadores coletores já utilizariam a técnica do polimento.

Seus artefatos líticos típicos são especialmente as pontas de projétil (pedunculadas com aletas, triangulares ou foliáceas), seguidas de inúmeras lascas, raras laminas, facas bifaciais, raspadores médios ou pequenos (terminais, laterais, plano-convexos, com pedúnculo, circulares, discoidais, elípticos, unguiformes, quadrangulares, triangulares, com escotadura em ponta), furadores, folhas bifaciais, pequenos bifaces, percutores. Igualmente presentes na indústria, porém, menos freqüentes, tem-se as lesmas (ou raspadores laminares terminais), buris, talhadores (chopper chopping tool), grandes bifaces, suportes de percussão, mós entre outros. Associados a estes artefatos encontram-se, eventualmente, machados semipolidos ou polidos, boleadeiras, alisadores, etc. (HOELTZ, 2005, p.35).

Dessa forma, pode-se perceber que as características das indústrias apontam para uma complexidade em seus artefatos, os quais estariam sendo adaptados às tarefas diárias como corte e raspagem. Percebe-se que as adaptações se davam também conforme o ambiente e as ofertas alimentares de animais e vegetais. Por isso convencionou-se fazer uma diferenciação mais clara das necessidades de objetos específicos em áreas de campos abertos mais propensos a caça de pequenos animais e, por outro lado, as florestas mais densas onde predominariam animais de maior porte ou mesmo material vegetal com maior massa para ser explorado.

3.2 Os grupos cerriteiros e sua interação com o meio

A chegada dos primeiros grupos humanos na região de ocorrência de cerritos carece de dados contextuais, remontando provavelmente ao último período glacial (Würm-Winconsin), em condições climáticas mais frias e secas de que as atuais, com

um considerável nível de regressão dos mares e lagoas (Kern 1991 apud SILVA JUNIOR, 2008, p. 56).

Segundo estudos no Uruguai (MAZZ, 1996), as regiões mais úmidas tiveram semelhantes tipos de assentamentos humanos, como as terras baixas de Brasil e Uruguai, que seriam os aterros.

En la cuenca de la Laguna Merín, un proceso de cambio ambiental posterior al óptimo climático (González, 1988; Bracco, 1992; 1995), estimulo el desarrollo cultural de poblaciones que se asentaron en ricos e biodiversos humedales, vinculados al litoral Atlántico y a los cambios estáticos del holoceno. El rasgo cultural más notable será la construcción de estructuras monticulares en tierra, a partir del IV milenio AP. Sin descartar otras funciones, muchas ilustradas por la arqueología sudamericana, no hay dudas del carácter predominantemente funerario de estos trabajos en tierra, denominados 'cerritos' en Uruguay y 'aterros' en Brasil (Femenías et al. 1990; López Mazz 1990 apud MAZZ, 1996, p. 272).

Ainda, segundo estas pesquisas, embora este desenvolvimento cultural das Terras Baixas uruguaias e sul-brasileiras, e que apresenta desenvolvimentos similares em outras regiões sul americanas, deveria, porém ser visto e compreendido como parte de um processo adaptativo específico, com decisões e inovações nos níveis econômicos, tecnológicos, político/sociais, territoriais, simbólicos, etc.

Esses povoadores iniciais do sul do continente estariam relacionados possivelmente a grupos de origem andina (Pontas rabo-de-peixe ou *fishtail*). Estes são denominados de Tradição Umbú que está dividida em vinte e quatro fases, em associação com cerritos ou em sítios isolados, a fase mais antiga possui datação de 9.595±175 A.P. (C14 – não calibrado) e 10.400±110 A.P. (C14 – não calibrado), na denominada Fase Uruguai.

Quanto a origem dessas populações de caçadores coletores, é provável que tenham se desenvolvido na região entre Rio Grande do Sul, Corrientes e noroeste do Uruguai, a partir da fase Uruguai de tradição paleoindígena (SCHMITZ, 1981, p. 117). Esta afirmação fundamenta-se na observação de que as pontas de projétil da República Oriental do Uruguai são réplicas das identificadas no sul do Brasil. Além disso, dados recentes revelam

correspondentes no sul da Argentina, excluindo, portanto, a possibilidade de que tais grupos tenham se originado nas regiões da Patagônia – conforme se supunha anteriormente. E quanto a sua evolução, parece pouco provável que tenham evoluído até um acultura ceramista ou agroceramista. É mais plausível afirmar que os fragmentos cerâmicos evidenciados em sítios arqueológicos mais tardios correspondam a aquisições efetuadas através do contato com os grupos vizinhos Guarani, Vieira ou Taquara (SCHMITZ, op. cit. apud HOELTZ, 2005, p. 35).

Seria algum tempo após a transição Pleistoceno-Holoceno que surgiriam as primeiras estruturas de aterros resultante do isolamento ou diferenciação ligada as mudanças climáticas do período pós-glacial, principalmente com a subida geral dos níveis dos mares. Esses bandos nômades e semi-nômades se deslocavam de forma estacional por uma ampla área do sul do Brasil, ocupada por pequenos grupos. Segundo a noção de cultura de difusora surgem no Uruguai e expandem-se pelo sul do Brasil. Seriam grupos especializados em caçar pequenos animais, na coleta de plantas e frutos silvestres e a pesca nas zonas litorâneas fluviais e marítimas (SILVA JUNIOR, 2008, p. 57).

Estudos revelam que a maioria dos sítios mais antigos se encontra atualmente possivelmente submersos. É durante o evento denominado *Ótimo Climático* (entre 6.000-4.000 anos AP) que ocorrem alterações significativas no processo evolutivo desses grupos, aonde chega ao fim o *período Paleoíndio* e começa o chamado *Período Arcaico* (López, 2002) dos povos construtores de aterros, interrompe-se os trânsito pela paleocosta e desaparece a paleo-planície ora citada, que dá lugar ao atual estuário do Rio da Prata entre Argentina e a República Oriental do Uruguai. A gênese das estruturas, situada cronologicamente no V milênio AP., quando são construídas as primeiras estruturas de aterros, sejam possivelmente produto desses grupos de caçadores-coletores pré-cerâmicos ora referidos. Dado a sua intensa mobilidade pelo território, se atribui a função inicial dessas estruturas relacionadas com a questão territorial “(...) la transformación de los ecosistemas significó un progresivo ajuste en las estrategias de caza y de recolección” (López, 2002). A estabilização das condições climáticas após o denominado *Ótimo Climático* entorno aos 3.000 anos AP. leva a uma maior intensificação na construção dos aterros, e um desenvolvimento cultural mais intenso desses grupos humanos, passando ao denominado *Período Formativo* (LOPES, 2001 apud SILVIA JUNIOR, 2008, p.57).

Os cerritos, enquanto estruturas adaptativas, indicariam um maior domínio sob as condições naturais. A partir de 1967, com trabalhos mais sistemáticos no sul do Brasil, começou-se a atribuir vinculações entre os materiais localizados a nível arqueológico com os grupos “charruas”, “minuanos” e “guaranis”. As identificações se davam a partir de dados etnográficos colhidos principalmente dos séculos XVIII e XIX.

Estes estudos, influenciados pela corrente teórica difusionista, estruturaram modelos que procuravam mostrar a vivência dos grupos pescadores, caçadores, coletores, e já podiam incluir agricultura aos grupos que desenvolveram estratégias adaptativas em ambientes predominantemente baixos e alagadiços (PEREZ, 1999). *“Dichas estrategias incluyen la sobreelevación de las áreas de habitación mediante la construcción de montículos de tierra”* (SCHMITZ, 1981, 1991 apud PEREZ, op. cit).

Segundo pesquisas mais amplas verificou-se a densidade e o tamanho dos sítios a efetiva ocupação entre os sítios, a própria complexidade estrutural, foram postas como indicadores empíricos de sistemas socio-culturais complexos.

Los elementos antes mencionados, presentes en el registro arqueológico de las Tierras Bajas rochenses, aparecen con otros elementos, que en diferentes aspectos apoyan la identificación de sociedades complejas: ecosistemas de alta productividad, extensificación en la explotación de recursos, linealidad de los patrones de asentamiento, énfasis en la explotación de recursos acuáticos indicadores de demarcación espacial, aumento de los niveles de organización social y de la actividad ritual (López y Bracco, 1994 apud MAZZ, 1996, p. 272).

Um dos aspectos mais conhecidos refere-se à possibilidade de diferenciação social incipiente, que é marcada pelo trato diferencial dispensado aos mortos algo que permaneceria expresso de alguma forma no registro arqueológico (MAZZ, 1996).

Para o pesquisador Mazz (1994), a paisagem arqueológica deve ser entendida de forma contínua observando o espaço como recurso. *“Las estrategias adaptativas serían el conjunto de conductas culturalmente transmitidas, con las cuales la población interatua com el entorno natural y social”* (op. cit, p. 129 apud MAZZ, 1994, p. 66).

Primeiramente entendidos como construções adaptativas em ambientes inundáveis. Depois ligada a movimentos sazonais. Com as análises espaciais falou-se

em padrões de assentamento e a mobilidade primeiro exploratória depois colonizadora. *“Cuando hablamos de Tierras Bajas, nos referimos a extensas planícies con zonas inundables. En estas planícies de diferente drenaje, bordes zonas com palmares que a sua vez articulan com algunas sierras”* (MAZZ, 1994, p. 68).

Segundo estudos uruguaios, os conjuntos de cerritos apresentam uma organização, ou seja, não são distribuídos de forma aleatória, e ainda, as análises feitas relacionando com as fontes de água poderiam sugerir padrões culturais em varias áreas da América do Sul. Aspectos levantados sobre os cerritos uruguaios (MAZZ, op. cit, p. 70):

- 1) *El cerrito es producto de episodios relativamente contínuos de uso, pudiendo haber uso intermitente;*
- 2) *El crecimiento de los cerritos es fruto de un labor acumulativa, vinculada a la re-utilización dentro del contexto sistêmico (sensu Schiffer, 1987);*
- 3) *La cultura de los cerritos em gran medida es función de su permanência en el contexto sistêmico. Por lo tanto, es de esperar que exista una relación más o menos directa entre dimensión y antigüedad;*
- 4) *El crecimiento em número de los conjuntos de cerritos, es también función de su permanência em el contexto sistêmico* (MAZZ, 1994, p. 70).

As regiões de serras teriam sido ocupadas antes, especula-se que pelo menos 1000 anos antes das Terras Baixas, assim abrem-se as discussões sobre as expansões. *“Uma posibilidad es que las Tierras Bajas no estuvieran aun aptas para esa colonización y outra es que las causas que provocan esa expansión no estuvieran aún presentes. La tercera posibilidad surge de la combinación de las anteriores”* (MAZZ, 1994, p.71).

En cuanto a la construcción cultural del paisaje (sensu Criado, F. 1991), la distribución de los túmulos en el espacio no se presenta como aleatoria, al contrario ella acompaña y reafirma los accidentes geográficos que estructuran la región. De esa manera, aparece como significativa la distribución lineal entorno a: a) los cursos de agua que constituyen una complicada red de drenaje, b) los bordes de las terrazas que marcan los antiguos niveles de las extensas tierras inundables, y c) en cima de las

serranías que dominan las planicies con palmares y las zonas anegadizas (MAZZ, 1996, p. 273).

Os objetivos fundamentais dessas escavações centravam-se em conhecer as condutas e o processo construtivo das estruturas em terra que caracterizam a paisagem cultural. E ainda buscavam aprofundar o estudo das relações entre os povos construtores de cerritos e a costa Atlântica.

En las Tierras Bajas del Pantanal de Mato Grosso, y en su transición hacia los dominios chaqueños la acumulaciones de sedimentos y restos de comidas, hicieron posible habitar y usar estacionalmente los recursos de estas tierras inundables (Rogge y Schmitz, 1994-95). Ocupados desde tiempos pre-cerámicos, estos aterros sirvieron para caza, habitación, pesca pero también para cultivar (op. cit.). Estas construcciones poseen abundantes restos cerámicos y de gasterópodos. No se dispone de información detallada sobre la estructura de los asentamientos, la economía, ni el tipo de sociedad que produjo los trabajos en tierra” (MAZZ, 1996, p. 276).

3.3 Caçadores-coletores e a produção de artefatos

As análises dos materiais arqueológicos buscam, sobretudo, elencar traços culturais dos grupos humanos que de alguma forma apropriaram-se dos objetos. Nesse sentido, as respostas surgiram de acordo com os parâmetros usados pelo pesquisador.

Nesse trabalho, enfatizou-se abordar aspectos morfológicos e também tecnológicos buscando-se reunir informações específicas, embora ainda não totalmente aprofundadas sobre a tecnologia de fabricação. O intuito é discutir a partir das coleções líticas sobre os grupos construtores de cerritos no sentido de reconhecer as particularidades ainda que restritas apenas ao aspecto lítico destas complexas estruturas. Conforme Consens (2000) “o arqueólogo, ao proceder a uma análise dentro de um modelo, não trabalha mais com os objetos, senão com seu discurso, com o que ele diz deles”.

Nesse sentido optou-se por trabalhar na análise lítica com pressupostos da cadeia operatória – tentando agregar informações desde a busca da matéria prima, fabricação até o abandono dos artefatos. A cadeia operatória dos artefatos diz respeito à série de operações envolvidas em qualquer modificação da matéria pelos seres humanos, assim poder-se-ia visualizar grande parte das variáveis que envolvem o processo de lascamento.

“Os estudos tecnológicos foram utilizados como ferramenta teórico-metodológica para estudar as indústrias líticas [...] A técnica, em termos gerais, pode ser definida como mediadora entre natureza cultural-material e social” (AUDOUZE, 1999 apud VIANA, 2005, p. 46).

A interpretação tecnológica baseia-se na leitura de estigmas de lascamento.

Essa leitura visa alcançar as intenções do artesão durante todo o processo de elaboração das peças líticas, atividade que desencadeia uma seqüência de etapas previamente estabelecidas, que vão desde a coleta da matéria-prima até o abandono final do objeto, uma ‘histoire de l’outil’ (TIXIER, et al., 1980, 36) e tem como finalidade gerar ‘uma caracterização técnica da produção de diferentes instrumentos líticos’, bem como ‘uma caracterização técnico funcional do instrumental lítico’ (LOURDEAU, 2006, p. 694- 695 apud NUNES, 2008, p. 24).

Ainda conforme Nunes (2008) tipologia e tecnologia, enquanto métodos científicos visam solucionar problemas de compreensão. O surgimento e permanência de cada metodologia dependerá de sua capacidade de resolver as questões que vão sendo levantadas.

Segundo Lima (2000), os modelos utilizados atualmente no estudo de caçadores/coletores, ligados ao evolucionismo cultural da antropologia, vêm privilegiando sobremaneira modos de subsistência, tendo basicamente tipologias evolutivas como estrutura de referência.

Nos últimos anos, um forte descontentamento com a visão estreita desses modelos rígidos veio à tona, diante da variabilidade observada etnograficamente e reconhecida arqueologicamente entre caçadores-

coletores. A disciplina começou a se conscientizar da notável diversidade dessas sociedades, surgindo um crescente interesse por um melhor entendimento da multiplicidade de configurações que elas assumiram (LIMA, 2000).

Existe atualmente uma necessidade em identificar as condições e os processos que conduziram algumas dessas sociedades para formas mais complexas de organização e, ainda, de entender a criação de diferenças de *status* social, econômico e político entre os caçadores da pré-história brasileira. As tentativas dos pesquisadores em ultrapassar as barreiras impostas pelos próprios métodos de estudo instigam os novos estudiosos. Esses novos horizontes são buscados incessantemente na Arqueologia para avançar seu conhecimento sobre seu principal foco: o homem. Um aspecto que tem se mostrado frutífero na Arqueologia é a compreensão dos dados da cadeia operatória.

O conceito de cadeia operatória foi formado primeiramente por Mauss (1993), embora já tenha aparecido na obra de Leroi-Gourhan intitulada *O Gesto e a Palavra*, editada, primeiramente, na década de 1950. Leroi-Gourhan, com preocupações substancialmente diferentes de Mauss, formalizou e deu coerência prática à noção de cadeia operatória, introduzindo-a nas análises tecnológicas (VIANA, 2005, p. 60).

Segundo Viana (op. cit., p. 64), a tecnologia pode alterar-se da trajetória lógica, mas segue os parâmetros da cultura a qual pertence. “Tal lógica pode não ser universal, autoevidente ou mesmo auto-suportante, mas será, mesmo assim, consistente internamente”.

Para completar a noção de cadeia operatória, é importante que também sejam tratados os aspectos cognitivos presentes na mente de antigos artesãos, bem como os aspectos relacionados à função e ao funcionamento dos instrumentos inseridos de forma direta ou subjacente na noção de cadeia operatória de produção e utilização dos instrumentos’ (VIANA, op. cit., p. 68).

Esse tipo de abordagem preocupa-se com os processos cognitivos idealizados antes de serem efetivados na prática, ou seja, o objeto técnico seria resultado de um esquema de produção.

O conhecimento técnico por sua vez, está também constituído por um esquema operatório conceitual, caracterizado por uma sucessão de estados geométricos idealizados, ou seja, representações mentais, memorização, avaliação das restrições e preferências dentro de um conjunto de métodos empregados, perceptíveis na cadeia operatória. Nesse sentido, antes de uma seqüência de gestos para execução ou implementação, “parece existir na mente do lascador alguma espécie de seqüência intencional, organizada num esquema operatório conceitual” (PELEGRIN, 1993, p. 23). A observação de um certo número de cadeias operatórias (distintas produções) permite a reconstrução do universo técnico pertencente a uma determinada cultura. Assim, diferentemente da cadeia operatória que se desenvolve num caminho linear, o esquema técnico é mais amplo, podendo incluir vários métodos (KARLIN; JULIEN, 1996 apud VIANA, 2005, p. 71).

Viana explica, por exemplo, que no processo do *façonnage*, a saber, que consiste no lascamento, por etapas sucessivas, de um suporte (lasca suporte ou bloco) de matéria-prima, o objetivo é moldar uma matriz cujas bordas serão, num primeiro momento, organizadas para obter-se um ou mais instrumentos. As atividades de *façonnage* poderiam estar relacionadas a qualquer nível evolutivo de debitagem (VIANA, op. cit., p.75).

Conforme Consens (2002, p. 38) os sistemas de assentamento, enquanto nova base de classificação, dos grupos humanos refletiriam as adaptações das condutas humanas aos sistemas ecológicos, refletidos e contidos nos recursos locais os tipos de assentamentos reconheceram na literatura: forrageiros e caçadores coletores.

Para Dias (2002) entender a mobilidade como aspecto estruturante das sociedades caçadoras coletoras, permite distinguir os sítios com distintas funcionalidades. Assim poder-se-iam entender as ocupações específicas das diferentes regiões. “Este é o instrumental teórico básico para que possamos compreender o registro estático como produto de comportamento humano e perceber a variabilidade artefactual como resultado de um sistema de relações”(p. 77).

Os ditos grupos forrageiros seriam os de maior mobilidade residencial, por isso possuiriam áreas de armazenamento e grupos especializados em áreas com recursos diferenciados. Já os caçadores coletores, por apresentarem menor mobilidade, carecem de armazenamento. O abastecimento se processaria através de busca em distintas áreas.

Resume Binford, “os forrageiros, movem os consumidores em direção à comida com freqüentes movimentos residenciais, enquanto os coletores movem a comida aos consumidores geralmente com menores movimentos residenciais’ (1980, p. 15 apud CONSENS, 2002, p. 39).

A partir de estudos sobre os comportamentos humanos e sua mobilidade, tanto territorial quanto social, teceram-se teorias sobre os graus de complexidade dos grupos humanos. Ainda, segundo Consens (2002) “uma maior complexidade implica mais partes no conjunto e maior diferenciação ou especialização dessas partes”. O sedentarismo aparece, assim, apenas como conseqüência do processo de intensificação de CC [caçadores coletores] complexos (p. 44).

Consens compreende que os demais fatores que interferem no meio ambiente devem ser levados em consideração durante a interpretação do registro arqueológico, “[...] nós investigadores devemos, primeiro, reconhecer e estabelecer a estrutura dos recursos de um determinado meio ambiente, para assim, depois, fazer referências entre este ambiente e outro de características muito similares” (CONSENS, 2002, p. 48).

Com relação à mobilidade dos caçadores coletores, Consens (2002) acredita que os grupos precisam desenvolver um sistema amplo de busca pelos suplementos básicos que garantissem sua sobrevivência. O autor lembra que as quantidades de proteínas, calorias, minerais e lipídios necessários para assegurar a manutenção do grupo, não podem ser obtidas nas condições de variação estacional e de ecótono dentro de uma área pequena. Surge assim a necessidade de mover-se: conseqüentemente, a mobilidade é a essência dos CC da pré-história (p.49).

Entretanto, os vestígios deixados pelo homem pré-histórico no ambiente nem sempre são facilmente compreendidos apenas relacionando-os com as possíveis facilidades de subsistência. Deve-se pensar, ainda, que existem os fatores não materiais resultantes das interações sociais que ficaram expressos na paisagem os quais necessitam maior reflexão sobre sua verdadeira função. Deve-se dessa forma considerar

a existência de estruturações ideológicas, ou mesmo simbólicas, que podem estar evidenciadas na paisagem, como no caso de montículos, enterramentos, plataformas ou elevações artificiais, etc.

O sedentarismo não se revela apenas porque um grupo possui estruturas com diversos graus de complexidade (caso dos montículos). Tão pouco pode ser identificado se reconhecido de forma isolada ou independente, em sistemas de retorno diferencial (SRD) e em economias de armazenagem (WOODBURN, 1980). Porque quase todos os CC utilizam alguma forma dos SRD e, em particular, utilizam aquelas que são mais sofisticadas (ARNOLDO, 1996, p. 103 apud CONSENS, 2002, p. 50).

Para alguns autores, a mobilidade é um fator altamente positivo, pois reduz custos e aumenta o acesso aos recursos essenciais, assegurando assim a estabilidade “considerando todos os problemas que implica o sedentarismo, não gera surpresa que os grupos de CC têm a tendência a continuar seus movimentos se eles são possíveis” (HITCHCOCK, 1982a, p. 252 apud CONSENS, op.cit., p. 52).

Frente a estas discussões, pretende-se pensar uma forma de perceber o material que se aproxime das utilizações, possíveis significações, ou seja, das relações sociais desenvolvidas no cenário pretérito onde os únicos personagens que não usam palavras para relatar sua história, mas que conservam resquícios de modificações humanas que costuma-se chamar de traços culturais.

4 A INDÚSTRIA LÍTICA DOS CERRITOS DE SÃO BORJA

O Homem Econômico é uma invenção burguesa, (...) [e] não se trata que os caçadores coletores hajam dominado seus 'impulsos' materialistas, senão que simplesmente nunca fizeram deles uma instituição (SAHLINS [1972] 1977, p. 26 apud DIAS, 2003, p. 18).

4.1 Algumas discussões e interpretações a partir da tecnologia

As análises de materiais líticos, nada mais são do que tentativas interpretativas sobre sua produção dos artefatos e ainda sua relação com homem inserido num determinado ambiente. Nesse sentido, essa complexa rede de relacionamento pode ser acessada de variadas formas. Cada pesquisador segundo sua formação, corrente teórica e tipo de resposta, ou busca, seleciona uma abordagem.

No estudo dos diferentes aspectos sociais, econômicos e culturais das comunidades pode-se recorrer à análise do registro arqueológico. É nestes componentes que se busca compor um pouco do cenário pretérito. “Tais objetos foram importantes na criação e recriação do universo social, devendo ser entendidos como meio de comunicação e expressão” (BEZERRA DE MENEZES, 1988, apud MORAIS, 1999, p. 22).

Nos ambientes tropicais o registro arqueológico que mais resiste são os inorgânicos como lítico e cerâmico. “Desse modo, tais tipos de evidências concretas, que se traduzem em aspectos materiais da cultura, assumem importância capital no reconhecimento dos modos de vida e das estratégias de interação entre o homem e o meio, considerando-se o universo das comunidades pretéritas” (MORAIS, 1999, p. 23).

É a partir dos estudos da Arqueologia da Paisagem que através das geociências se deram os primeiros esforços em entender um pouco sobre o entorno, o ambiente do sítio – o próprio conceito de sítio arqueológico foi sendo alterado e vem sendo buscadas novas formas de ver o espaço ocupado pelas populações pretéritas. As paisagens seriam

bastante importantes também para a identificação de novos registros (sítios). Esses aspectos são amplamente discutidos por Morais (1999) e fazem parte de sua teoria sobre o Modelo Locacional. Tratam-se de novas alternativas para a identificação e interpretação dos ambientes arqueológicos.

Segundo Schiffer (1972 apud MANSUR, 1986/1990), o registro arqueológico pode ser entendido como resultado de padrões de comportamento ligados a um sistema cultural. Da mesma forma, os artefatos fazem parte de um sistema cultural, por sua vez a sua análise deve resgatar as atividades humanas aos quais se associaram, partindo de sua origem até seu descarte final, momento este no qual passaram a fazer do contexto arqueológico

Entendendo-se que a morfologia não é casual, é com o estudo tecno-tipológico que se resgatam a bagagem cultural do artesão bem como as etapas recorrentes à fabricação de formas pré-concebidas representadas pelo artefato, que provém de modelos morfológicos transmitidos durante as gerações (MANSUR, 1986/1990, p. 122).

Schiffer salienta que as atividades humanas que podem ser abstraídas a partir do estudo tecno-tipológico e funcional dividem-se em quatro processos básicos: procura de matéria prima, manufatura, uso e descarte (Schiffer, 1972, p. 158). Como a manufatura de um artefato lítico é basicamente uma atividade extrativa, sua ação gera uma grande quantidade de resíduos de lascamento, que são descartados imediatamente após sua produção. A análise deste refugo oferece-nos uma série de informações referentes a tecnologia de produção de um artefato, sendo seu estudo fundamental para a compreensão das categorias de atividades levadas a cabo em um sítio arqueológico (DIAS, 1994, p. 423).

Segundo Dias (2007) é a partir da década de 1980 que se pensou mais reflexivamente, através dos estudos tecno-tipológicos, os aspectos de permanência e mudança atrelados as indústrias líticas do sul do Brasil. Sob a ótica da cadeia operatória, ou seqüência de produção, admitiu-se que a descrição dos atributos tecnológicos transmitiriam informações sobre o processo tecnológico. Enquanto que, por outro lado, a tipologia apenas observa o objeto acabado.

A tecnologia busca nos resíduos de lascamento ou debitagem cada passo específico de sua manufatura fato que permite maior aproximação com as estratégias e concepções inerentes ao artesão, ações alcançadas em partes sob o paradigma da variabilidade. A variabilidade é pensada de forma a obter subsídios sobre “o tipo de matéria-prima e mecânica de fratura, as variações individuais entre os produtores e as estratégias de uso, manutenção e descarte dos objetos” (DIAS, 2007, p. 36). Sendo assim, a observação das respostas dadas as diferentes situações, ambientais e sociais - previsão, distribuição, periodicidade, produtividade, mobilidade exploração de recursos - permite, a partir da forma e composição dos conjuntos líticos, observar as diferentes escolhas tecnológicas.

Rodet e Alonso (2007) apontam para as dificuldades de padronização nas terminologias líticas. Entretanto ressaltam que seria essencial estudar sua “performance humana”- que seria sua capacidade de criar e transformar. Nesse sentido seriam configuradas as reflexões do lascador traduzindo-se em operações cognitivas e sensório-motoras realizadas em etapas de acordo com suas habilidades e conhecimentos pessoais. Essa seria uma maneira de encontrar o ser humano impregnado nos artefatos líticos.

As indústrias líticas brasileiras têm sido definidas como “simples” em contraposição as ditas elaboradas como as da Europa por exemplo. Em termos conceituais explicam-se estas classificações da seguinte forma:

Simple no sentido de um produto final (instrumento desejado) muito próximo do produto inicial (a lasca suporte bruta de debitagem ou o bloco suporte). São indústrias com poucas etapas na elaboração de suas cadeias operatórias (RODET, 2006, apud RODET & ALONSO, 2007, p. 149).

Para esses autores essa simplicidade das indústrias implica numa maior dificuldade de análise. Segue seu discurso:

Enfim, o que gostaríamos de ressaltar é que esta simplicidade dificulta a compreensão dos conjuntos: a relação entre o instrumento procurado e o suporte é, em geral, tênue. Por exemplo, a maioria dos unifaciais plano-convexos é realizada sobre lascas de início de debitagem com mais ou menos córtex (RODET & ALONSO, 2007, p. 150).

Para que se contemple de forma mais adequada o estudo tecnológico faz-se necessário a interdisciplinaridade agregando assim especialmente informações geológicas, geomorfológicas e paisagísticas.

Pela perspectiva histórico-cultural, a Tradição Umbu pressupõe uma unidade tecnológica relacionada a sítios líticos que apresentam em seus conjuntos pontas de projétil [e instrumentos pequenos como raspadores] (...) [já] os estudos de vertente processual buscaram investigar como a organização da tecnologia influenciava a variabilidade formal dos artefatos da Tradição Umbu (DIAS, 2007). Os artefatos enquanto marcadores de espaços-temporais foram sendo atrelados as diferentes fases criadas regionalmente segundo tipologias e seriações.

Em termos geográficos, a tradição umbu está associada a regiões de clima subtropical, e aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, abrangendo também o Uruguai e as Províncias Argentinas de Misiones e Corrientes. Quanto a cronologia, o início desta ocupação teria se dado na Transição Pleitoceno-Holoceno, situando-se os sítios mais antigos na região sudoeste do Rio Grande do Sul. A elevação da umidade e temperatura a partir de 6000 AP (antes do presente) e a conseqüente expansão da vegetação florestal teriam estimulado o aumento demográfico, associado a migrações e a diversificação cultural materializada pelas distintas fases arqueológicas (DIAS, 2007, p. 35)

Mello (2005) entende que a tecnologia pode ser vista como um sistema. E essa abordagem sistêmica respaldada pelos conceitos empregados na cadeia operatória permitirá analisar a produção do instrumental lítico.

Com análises apenas tipológicas os objetos semelhantes eram classificados morfológicamente e incluídos em diferentes culturas. Porém as análises tecnológicas permitem maior expansão para elementos sócio-culturais. “Dessa forma, a abordagem sistêmica das indústrias líticas pré-históricas, através da percepção das cadeias operatórias, proporciona também expandir para campos culturais, espaciais e econômicos (BOEDA ET AL., 1990 apud MELLO, 2005)”.

Por esse motivo, seriam então feitas muitas críticas a simples criação de tipologias que implicariam apenas em procedimentos de diferenciação. Essa visão tipológica não discutiria a utilização, ou seja, de avaliar se trata-se efetivamente de um

objeto que teria sido utilizado, e só em caso positivo poderia então ser denominado instrumento.

E ainda, valer-se apenas do instrumento finalizado, sem ao menos pensar sobre seus passos técnicos de classificação, não possibilita alcançar diferenças funcionais. Entretanto é preciso ter em mente que diferenças funcionais e tecnológicas nem sempre implicam em diferenças culturais, por exemplo, grupos diferentes poderiam estar utilizando semelhante tecnologia de fabricação, ou ao contrário, o mesmo grupo cultural poderia desenvolver variadas (e diferenciadas) tecnologias conforme influências, sejam elas de ordem natural (ambiente) ou social. Questionamentos sobre os processos tipológicos de fabricação questionam também a forma de utilização.

O objeto levado em conta pelo observador como tipo já está carregado de informação que não vem do objeto, mas da analogia considerada para determiná-lo. Essa analogia é só uma intuição. Por exemplo, um bordo retocado se torna sinônimo de utilização. Se esse retoque é lateral consideramos, por analogia com nossos próprios instrumentos ou com aqueles dos ditos povos primitivos, que ele deveria servir para raspar: acordo com a tipologia já se tratará de um raspador. Mas essa informação, da existência de um raspador, é exata? Trata-se realmente de raspadores? Em função dessas deficiências teórico-metodológicas, a tipologia impossibilita que se alcance os conhecimentos postos em prática para se chegar ao objeto (MELLO, 2005, p. 41).

Dessa forma, o objeto técnico só permite que se conheça essa inteligência técnica. “Essa inteligência é definida através da reconstrução do sistema (onde é preciso, fazer cruzamento dos usos, dos objetos e das matérias-primas), e pelas relações desse sistema com outros componentes estruturais de uma sociedade” (MELLO, 2005, p. 41). “O objeto técnico é aquele objeto estudado através de uma análise tecnológica, como testemunho de uma interação entre o homem e seu meio (BOEDA, 1991), ou seja, aquele objeto que é estudado como resultado de uma cadeia operatória” (GENESTE, 1991 apud MELLO, 2005, p. 41).

Segundo Mello (2005) a técnica estaria mediando natureza e cultura sendo assim uma atividade racional. Não seria biologicamente adquirida, porém socialmente apreendida e socialmente transmitida. Já a tecnologia estaria preocupada em entender as

técnicas. Portanto, a tecnologia enquanto ciência procura nos fatos técnicos a atividade humana, ou seja, os fatos técnicos são, enfim, reflexos dos fatos sociais.

Ainda conforme Mello, não se consegue estudar o instrumento isoladamente, pois ele só existe com os gestos que o tornam eficiente. A cadeia operatória encerraria três ordens de fatos: sequência de gestos e operações (processo técnico), os objetos (meios de ação na matéria) e conhecimento específico (*connaissances*). Esquemáticamente ter-se-ia então: gestos + objetos + conhecimentos.

O objeto pode ser entendido ainda dentro de dois planos temporais que possibilitam compreensão em relação a determinados elementos num sentido análogo. Existem os planos sincrônico e diacrônico (MELLO, 2005): no sincrônico: o objeto é como indivíduo entre o conjunto de objetos ocupando um lugar temporário no desenvolvimento das operações técnicas, embora o indivíduo contenha a especificidade. Já no diacrônico: o objeto é relacionado aos objetos que lhe são anteriores, passando a ser compreendido através de uma apropriação da dimensão evolutiva do objeto e mesmo sistema que o insere.

Pode-se colocar então que a diferença entre abordagem tipológica e tecnológica: é que a primeira percebe o objeto isoladamente: como produto enquanto que última entende uma ligação entre os vários sistemas. “Em tecnologia eles correspondem a duas questões que emergem quando confrontados com um objeto não familiar: Para que isso? (função) e como isso trabalha? (funcionamento)” (MELLO, 2005, p.77). “As situações de atividade dos instrumentos são caracterizadas por três pólos: o sujeito (aquele que utiliza o instrumento), o instrumento e o objeto sobre o qual a ação, com a ajuda do instrumento, é dirigida” (MELLO, op. cit, p. 80).

Dessa maneira, deve-se perceber a posição instrumental do artefato, pois o artefato não seria em si instrumento. Para ser considerado instrumento depende da utilização pelo sujeito. “Assim um mesmo artefato pode ter *status* instrumentais bem diferentes segundo os sujeitos, e para um mesmo sujeito, segundo as situações” (MELLO, 2005, p. 82).

Um artefato lítico tem uma cadeia operatória, um conjunto lítico (coleção) pode ter variadas cadeias operatórias.

Todo o objeto, portanto, é portador de um esquema de funcionamento. Sua função essencial é de transformar os materiais. Esse esquema é a essência mesma do objeto, e é a razão de sua existência, e isso nos fará com que, em vez de privilegiarmos o estudo da produção e da função de um objeto, passemos a considerar, também, o funcionamento do instrumento (RABARDEL, 1995 apud MELLO, 2005, p. 100).

Um objeto pode ser decomposto em três partes (LEPOT, 1993, BOEDA, 1997 apud MELLO, 2005, p. 100):

- a) uma parte receptiva de energia que põe o instrumento em funcionamento;
- b) uma parte preensiva que permite ao instrumento funcionar, ela pode em certos casos se superpor à primeira;
- c) uma parte transformativa.

Cada uma dessas três partes descritas é constituída de uma ou de várias Unidades Tecno-Funcionais (UTFs). Essas são elementos e/ou características técnicas que coexistem em uma sinergia de efeitos. Uma parte distal ou proximal, um bordo, um talão, etc., são alguns dos elementos considerados. Um ângulo, um plano de secção, uma superfície, um gume, etc., constituem características técnicas participantes da definição de uma UTF. “Cada objeto técnico resulta da sinergia de propriedades com conseqüências técnicas precisas” (MELLO, 2005, p. 100).

Observam-se ainda sobre os planos de corte:

planos de corte são aqueles criados pela intersecção de duas superfícies, sendo que eles já podem apresentar-se favoráveis à utilização, ou, em certos casos, são objetos de uma organização (retoques) em vista a uma funcionalização do bordo. Nesse caso, essa modificação forma um novo plano, denominado de plano de bico (MELLO, 2005, p. 101).

Para Lemonier (apud DIAS, 2007) tecnologia seria um produto social e as técnicas, enquanto produções sociais expressariam e definiriam identidades. Dessa forma as diferentes estratégias de criação e manutenção de um dado ambiente social possibilitariam distinções entre grupos, e ainda, dispares concepções simbólicas.

Essa espécie de particularidade individual ou grupal será percebida como fenômeno estilístico. Para Sackett (apud DIAS, 2007, p. 37) “o estilo é uma qualidade latente e inerente a qualquer variação artefactual, na medida em que a forma é constituída de escolhas feitas pelo artesão, conscientemente ou não, de um amplo espectro a sua disposição”.

Com isso compreendeu-se estilo e função como aspectos complementares que irão, por conseguinte, determinar a morfologia dos artefatos e as características das cadeias operatórias que os conceberam. “O aspecto funcional dos artefatos reside na maneira como suas formas servem a um determinado fim e o aspecto estilístico reside nas escolhas tecnológicas, culturalmente determinadas, que lhes deram origem (SACKETT, 1977, 1982, 1993 apud DIAS, 2007, p. 37).

Bueno (2007) ao trabalhar com a Teoria do *Design* (de Schiffer e Skibo, 1997), fala sobre a relação entre a *performance* nas escolhas realizadas pelos artesãos que definem o *design* dos objetos. O *design* seguiria a *performance*, Isto é o artesão moldaria seu artefato seguindo a melhor adequação para o uso até ser descartado.

A idéia de utilização de uma mescla entre as abordagens francesas e americanas (BUENO, 2007) proposta pelo autor seguiria uma nova tendência teórica onde os dois modos de pensar não seriam excludentes, mas sim complementares. Nesse sentido considera-se que também neste trabalho é possível trabalhar com a complementaridade dessas duas visões teóricas.

Existem variadas possibilidades para análise de um artefato arqueológico ou mesmo de uma coleção, assim cada forma irá elencar especificidades nos objetos de estudo. Busca-se nesse estudo observar as características que relacionam as lascas e os instrumentos, ou seja, através do estudo de cadeia operatória resgatar possíveis movimentos e escolhas dos grupos fabricantes de instrumentos posteriormente depositados no interior dos cerritos.

Segundo Gamble (2002), os fatos adquirem significado mediante explicações. Atualmente os arqueólogos não se prendem a uma explicação apenas, “*la tendencia actual es aceptar que hay muchos pasados [...] Lo importante es entender que los arqueólogos de nuestro tiempo están también atentos al proceso mediante el cual se genera conocimiento sobre el pasado*” (p. 21).

É dessa forma que se tentou chegar a algumas considerações a partir da produção destes e os possíveis usos dos grupos humanos. Entendendo-se que a cultura material contempla não somente os objetos que o ser humano é capaz de criar, mas componentes ligados a vida em sociedade. A cultura material constitui uma parte ativa nos processos de construção social (GAMBLE, 2002).

Segundo Boëda (2004) a evolução das técnicas enquanto materiais sensíveis da relação homem/ambiente seguiria as perspectivas apontadas por Leroi-Gourhan o qual se amparou nas noções de tendência e evolução técnica. Assim os objetos seriam resultado de certo determinismo funcional, ou seja, necessidade evolutiva geral dos aparatos técnicos buscando-se, da mesma forma, uma maior eficácia. Essa forma de pensamento descarta o predomínio do biológico sobre o técnico, isto é, “a evolução das técnicas não é mais considerada como submetida à evolução biológica”(BOËDA, 2004, p. 20).

Ainda nessa visão se entende que o objeto é pensado antes de sua fabricação. Sendo assim, há uma abstração do objeto (idealizado) antes de sua produção enquanto objeto concreto.

O objeto abstrato é uma soma de subconjuntos funcionais, cada um caracterizado como um instrumento perfeitamente acabado. O objeto concreto é o resultado de uma evolução que, em virtude de uma espécie de convergência interna, de adaptação a si mesmo, culmina na organização sinérgica de seus diferentes componentes (BOËDA, 2004, p. 22).

Conforme essa teoria deve-se procurar nesses objetos concretos duas grandes categorias de artefatos: o núcleo e o instrumento.

O núcleo é o bloco de pedra inicial, escolhido para ser fraturado, sobre o qual se lêem, após o fraturamento, as marcas dos estados técnicos, bem sucedidos ou não.

A lasca é o produto retirado do núcleo por fraturamento. Ela poderá ser utilizada como está, graças ao fio natural de suas bordas, ou, ao contrário, ser objeto de modificação do todo ou de partes das bordas para melhor satisfazer aos fins almejados, operação chamada de confecção ou retoque (BOËDA, 2004, p. 24).

Quando se trata de transformação do objeto abstrato para concreto visa-se, exatamente, uma redução sucessiva do bloco até que chegue ao volume desejado. A esse tipo de produção nomeia-se de *façonnage*. Seria inverso ao processo de debitação, já que o objetivo não é a obtenção das lascas para utilização, mas sim os núcleos. Portanto na *façonnage* as lascas seriam os detritos (BOËDA, 2004).

Pensando-se ainda a relação do homem com o espaço entende-se, segundo Boëda (2004), que seria uma relação recíproca entre o meio e o humano e o meio cultural onde se criam áreas culturais. Estas áreas culturais apresentaram características comuns. Contudo, o meio será um fator impositivo fazendo com que o homem supere os desafios impostos. Essa resposta dada pelo grupo ligada ao seu potencial cultural criaria a cultura.

Dessa forma, o autor deixa claro que não existiria um determinismo restringindo a imposição do ambiente sobre a cultura nem o inverso, porém uma relação recíproca e especialmente complexa. Deve-se pensar não apenas na funcionalidade de abastecimento, mas também no potencial ritualístico que porventura o ambiente representa na constituição identitária do grupo humano.

Nesse viés os estudos dos espaços humanos propõem reflexões várias que não podem estar presas apenas a possíveis facilidades e acessibilidades. Doravante, deve-se ampliar a percepção para possíveis questões simbólicas que poderiam também ser significativas para permanência ou não dos grupos culturais em determinados ambientes. Esse ponto pode ficar mais visível quando observada a presença humana em locais de difícil acesso ou mesmo aparentemente inóspitos.

4.2 Aspectos metodológicos e caracterização do material lítico

A metodologia de análise utilizada neste trabalho busca alcançar não somente alguns aspectos tipológicos na caracterização do material lítico das coleções estudadas,

mas também aspectos tecnológicos que possibilitem vislumbrar como e com que preferências foram confeccionados os artefatos.

Embasando-se em alguns autores que trazem em seu trabalho formas de acessar a tecnologia (RODET, 2005; HOELTZ, 2005) de fabricação das peças líticas, a seguir apresenta-se o esquema sobre a metodologia de análise das coleções (RODET, 2005) dos cerritos de São Borja em discussão neste trabalho. Assim são apontados os principais aspectos que caracterizarão não apenas tipologicamente as coleções em lascas, núcleos e instrumentos, mas também se pode refletir sobre a tecnologia de produção dos objetos líticos. Na descrição do material lítico será dada mais ênfase aos instrumentos: lascas retocadas e núcleos retocados (raspadores).

Em geral o ponto de partida para o estudo do material lítico é o reconhecimento dos instrumentos. Assim identificam-se as convergências dos processos da cadeia operatória, ou seja, os resultantes de lascamento terão ligação direta com a produção dos instrumentos, possuindo marcas identificáveis do processo anterior ao acabamento da peça.

A indústria lítica se apresenta como uma categoria de vestígio cultural favorável a reconstrução de cadeias operatórias (exemplo figura 20) por sua conservação e registro das etapas de transformação da matéria. Esse processo costuma caracterizar: a aquisição (da matéria prima), a produção dos suportes (debitagem ou *façonnage*) para os instrumentos ou usos imediatos e a confecção do instrumento desejado (fase final) (DIAS, 1994).

A redução inicial ou preparação dos núcleos constitui-se no produto resultante da atividade de aquisição de matéria-prima, podendo os resíduos desse processo serem usados diretamente como artefatos ou serem selecionados como base para a produção de outro instrumento (COLLINS, 1975, p. 20-21). As peculiaridades culturais representadas nesta etapa refletem-se no processo de seleção para posterior uso ou transformação do refugo que lhe é conseguinte (DIAS, 1994, p. 424).

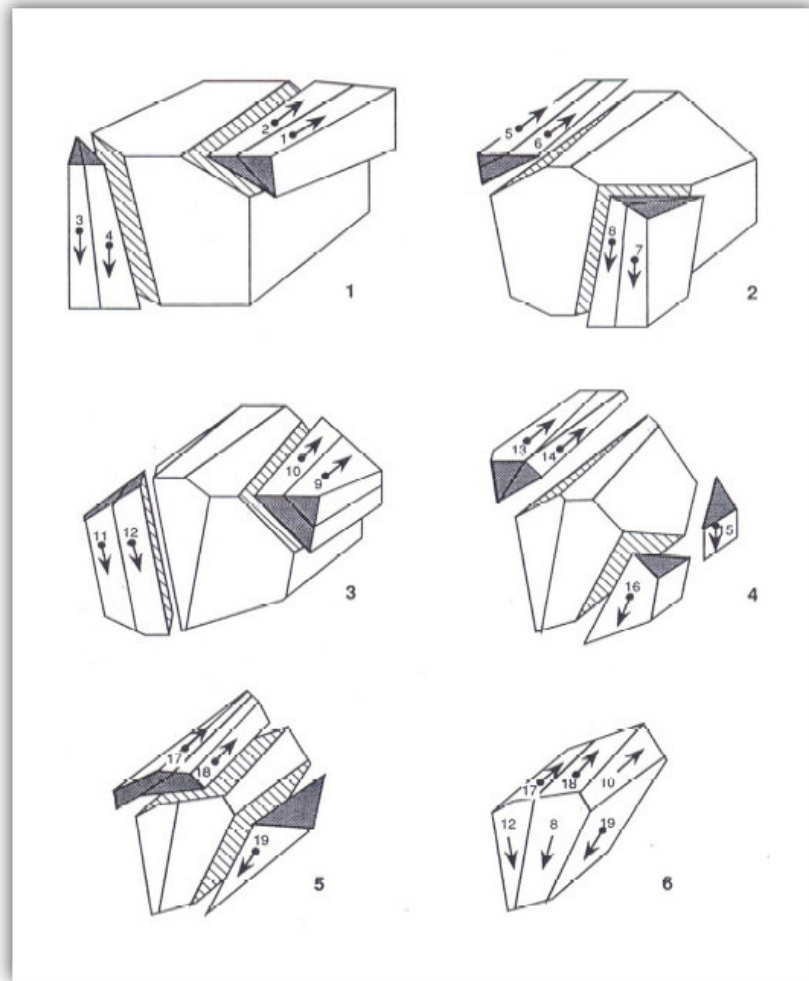


Figura 20-Representação das etapas de redução lítica. Fonte: NUNES, 2008.

No estudo tecnológico das indústrias líticas é importante a distinção entre métodos e técnicas de lascamento. Os métodos podem ser por definição: *façonnage*, debitage e retoque. Já as técnicas dizem respeito às formas de percussão que podem ser direta, bipolar ou prensiva (ver figuras seguintes).

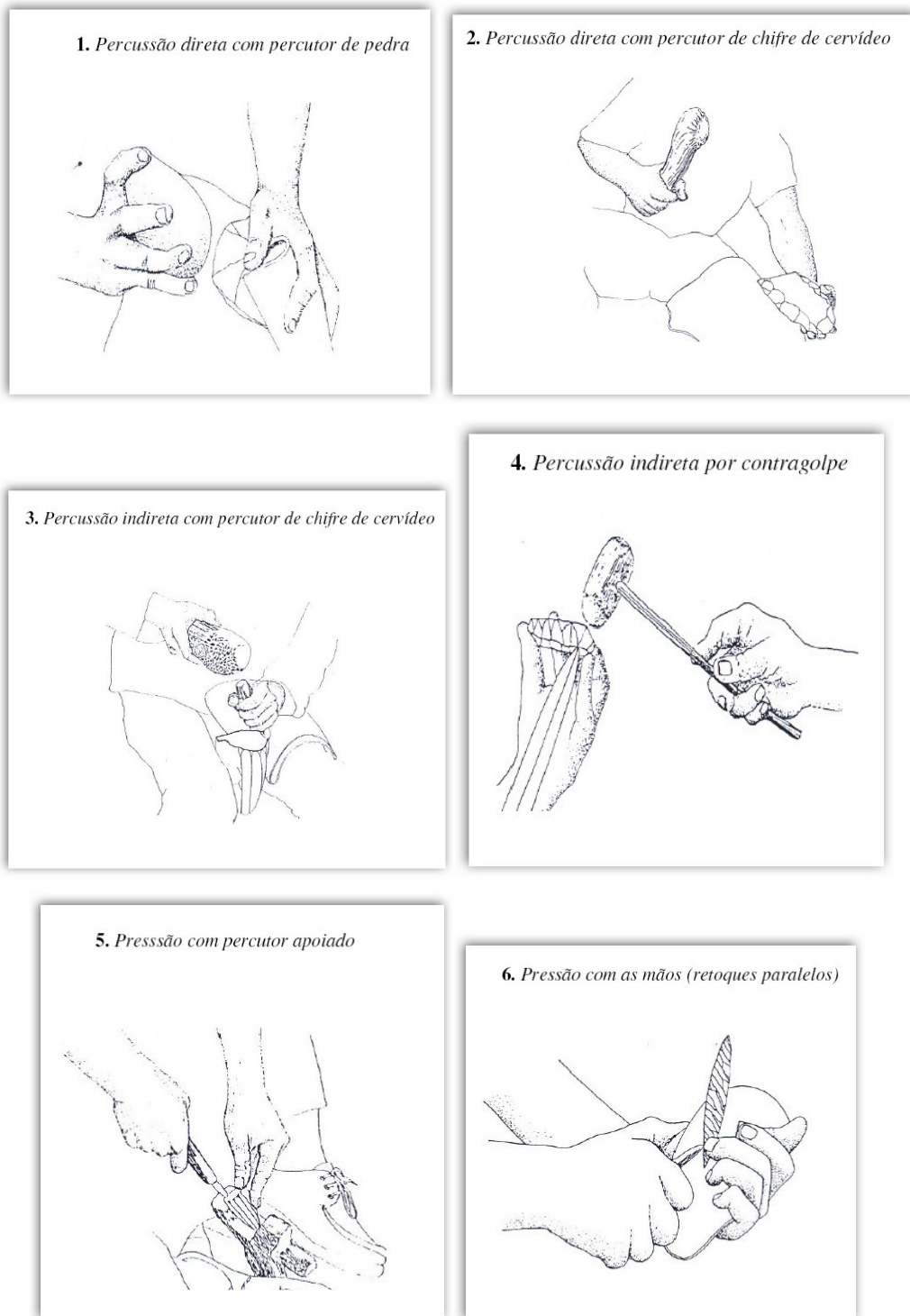


Figura 21- 1, 2, 3, 4, 5 e 6 Representam as técnicas de percussão no lascamento lítico. Fonte: NUNES, 2008.

As técnicas de lascamento ajudam a entender como a peça foi fabricada, com que tipo de percutor (duro ou mole, por exemplo), possíveis gestos do lascador, posição corporal, enfim estas técnicas colaboram na percepção das etapas da cadeia operatória de forma geral.

Para iniciar as análises precisam-se esclarecer alguns conceitos fundamentais como: lascamento, debitagem, *façonnage* e retoque.

O termo mais amplo que se utiliza para falar na confecção lítica é o lascamento. Este compreende qualquer etapa, no entanto, existem as definições mais específicas como a debitagem e a façonagem. A debitagem tem como intuito extrair lascas que posteriormente podem sofrer, ou não, alterações em busca de adequação para ter utilidade. Já na façonagem, as lascas são dispensadas, pois o que se pretende é moldar o núcleo a fim de torná-lo utilizável (instrumento). Já os retoques podem aparecer tanto na lascas quanto nos núcleos, geralmente com o objetivo de moldar um gume mais afiado.

Dessa forma, quando se consegue entender se objetivo do lascamento é a lasca ou o núcleo, ou ainda, que os dois processos estão acontecendo dentro da indústria lítica pode-se traçar um panorama da indústria em análise.

4.3 Análise geral dos sítios

Procedeu-se primeiramente uma análise geral dos sítios, verificou-se conforme cada quadrícula o número de possíveis instrumentos e posteriormente elencaram-se algumas peças significativas para observar aspectos tecnológicos de forma mais específica e a partir disso compor algumas considerações sobre as coleções estudadas.

Verificou-se que as coleções líticas dos sítios Butuy 1 Butuy 2 são compostas principalmente pela matéria prima arenito silicificado (Formação Botucatu). A porcentagem do arenito no primeiro é de mais de 92%, seguido por calcedônia com 6,25% e quartzo com 0,54%. Já no segundo sítio as porcentagens são: 95,1% arenito, 3,6% calcedônia e 0,7% quartzo (ver gráficos abaixo).

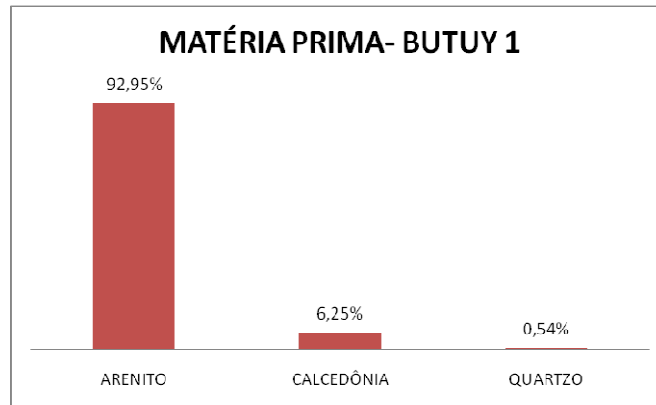


Gráfico 1- Porcentagem da matéria prima do sítio Butuy 1.

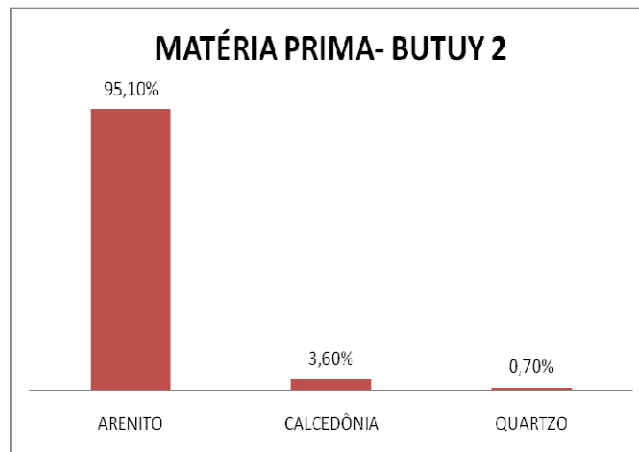


Gráfico 2- Porcentagem da matéria prima do sítio Butuy 2.

A seguir apresentam-se as tabelas discriminando cada uma das classes tipológicas elencadas as quais são: lascas, lascas *siret*, núcleos, e os instrumentos entre eles os resultantes de lascas com retoque (no gume) e núcleos (especialmente os

piramidais – plano-convexos). A partir destas classes parte-se então para uma análise mais detalhada, ou seja, aspectos tecnológicos de algumas peças (instrumentos) mais representativas da coleção. Serão analisadas 5 peças de cada categoria – núcleo e lasca retocada de cada sítio. Busca-se, dessa forma, apresentar alguns resultados interpretativos sobre os cerritos estudados.

Tabela 1-Classificação Tipológica Geral por Sítio/Sítio Butuy 1

Quadrícula	Lasca	Lasca <i>siret</i>	Núcleo	Instrumento lasca retocada	Instrumento núcleo	Indeterminado	Total
Q2	38	0	1	1	4	1	45
Q4	957	0	0	5	5	1	968
Q5	86	5	0	5	2	1	99
Q6	5320	4	14	45	17	13	5413
Q10	769	0	07	12	5	1	794
Q15	41	2	0	1	0	0	44
							7363

O total de peças no Butuy 1 chega a 7363. Existe predominância de lascas em todas as quadrículas, ou seja, uma dispersão pela estrutura monticular. Foram identificadas ainda lascas de acidente de lascamento, as *siret*. Os núcleos são poucos e em geral de pequeno tamanho. Os artefatos classificados como instrumentos característicos da coleção – lascas retocadas e planos convexos – também estão dispersos, contudo predominam nas quadrículas centrais (6 e 10).

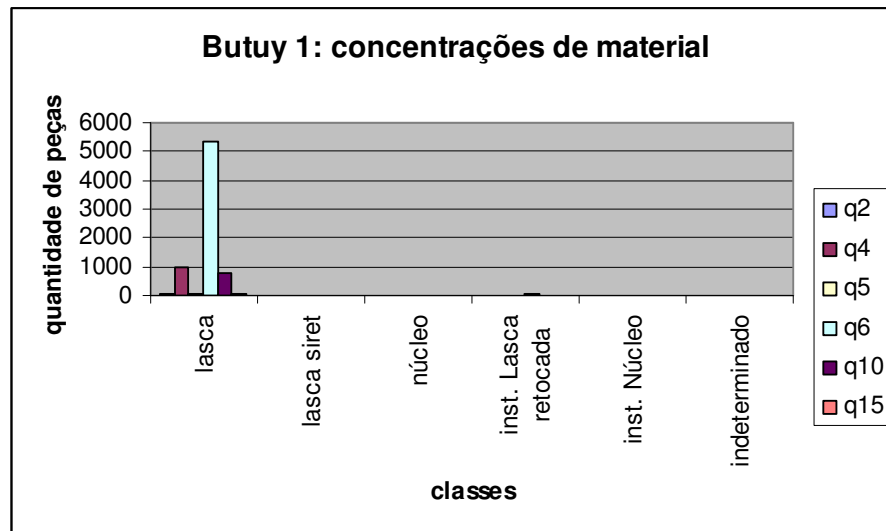


Gráfico 3-Concentrações do material lítico no sítio Butuy 1.

Tabela 2-Classificação Tipológica Geral por Sítio/Sítio Butuy 2

Quadrícula	Lasca	Lasca siret	Núcleo	Instrumento lasca retocada	Instrumento núcleo	Indeterminado	Total
Q1	517	8	3	7	4	33	572
Q2	555	1	1	15	0	10	582
Q3	136	0	0	7	2	0	145
							1299

Já no Butuy 2 o total de peças chegou a 1299. Da mesma forma, percebe-se no Butuy 2 que a quadrícula central (q2) apresentou a maior concentração de lascas. O gráfico abaixo evidencia o predomínio das lascas também nas demais quadrículas.

O predomínio das lascas fica evidente dentro e fora da estrutura dos cerritos, contudo, nota-se aqui a não presença de lascas *siret*, acidentes de lascamento. Este poderia ser um indício de locais onde não está ocorrendo lascamento, se comparada a incidência desses indícios na estrutura do cerrito. Contudo, sabe-se que variáveis isoladas não confirmam esse tipo de hipótese.

A maior quantidade de lascas com retoque apresenta-se sem córtex (gráfico 5). Isso poderia indicar que são aproveitadas como instrumentos após serem retiradas através da façonagem dos instrumentos piramidais.

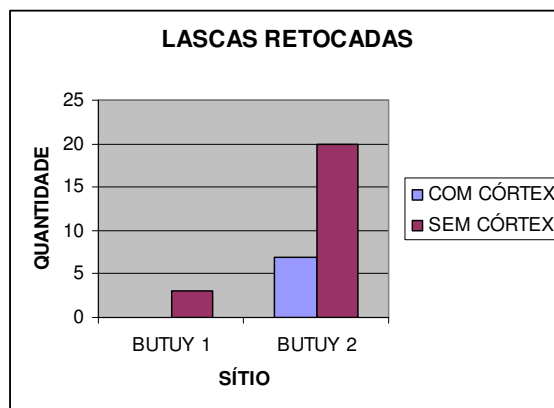


Gráfico 5-Lascas com retoque quanto a presença de córtex nos sítios Butuy 1 e Butuy 2.

4.3.1 Análise individual de algumas peças (instrumentos)

Procurou-se trabalhar algumas questões referentes à tecnologia analisando mais detidamente alguns aspectos tecnológicos de instrumentos presentes nos dois sítios. Para isso elencaram-se parâmetros sobre as características individuais das peças (bem

como procurou-se através do desenho de algumas peças perceber particularidades técnicas - ver apêndice A) que caracterizassem a indústria presente nos sítios estudados.

Nos instrumentos núcleos (plano-convexos) as variáveis analisadas são: forma básica; matéria prima; estado de preservação; medidas; quantidade de superfície natural; origem da matéria prima; alterações; tipo de lascamento; tipo de núcleo; tipo de plataforma; cantos da plataforma; tipo de instrumento; tipo de modificação; posição da modificação; posição do retoque; repartição do retoque; delimitação do retoque; morfologia do retoque e ângulo do gume.

Já as variáveis observadas no material lítico para as lascas retocadas são: forma básica; medidas; preservação; medidas; quantidade de superfície natural; origem da matéria prima; alterações; tipo de lascamento; tipo de instrumento; tipo de lasca; tipo de quebra/laterais; tipo de plano de percussão; canto dorsal do plano de percussão; face dorsal superior; tipo da modificação; posição do retoque; repartição do retoque; delimitação do retoque; morfologia do retoque e ângulo do gume.

As características são apresentadas de forma comparativa entre os sítios na tentativa de ver semelhanças e particularidades nas coleções. Além disso, espera-se compor um banco de dados que facilite inclusive futuras comparações. E, ainda, levantando-se estas informações contribui-se com o enriquecimento das pesquisas sobre materiais líticos presentes em estruturas monticulares.

Ao analisar os núcleos plano-convexos (ver análise individual e desenhos nos apêndices A1.1 e A1.2) verificou-se que basicamente tinham: forma básica de instrumento; a matéria prima é o arenito silicificado; o estado de preservação é completo; quanto à superfície natural, a maioria no Butuy 1 apresentou ausência desta, contudo, no Butuy 2 a maioria apresentou 1/3 de superfície natural; quanto à origem da matéria prima seriam blocos de arenito; alterações não foram detectadas, a não ser possível alisamento em uma peça no Butuy 1; o tipo de lascamento utilizado é o unipolar. Os gráficos abaixo discriminam os dados básicos e o número de peças analisadas respectivamente no Butuy 1 e no Butuy 2.

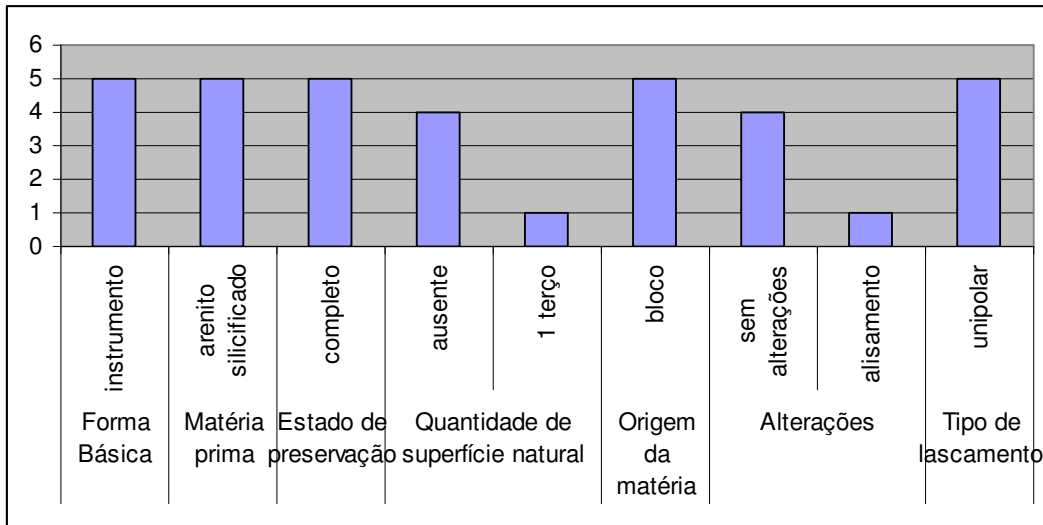


Gráfico 6-Dados básicos sobre instrumentos do sítio Butuy 1.

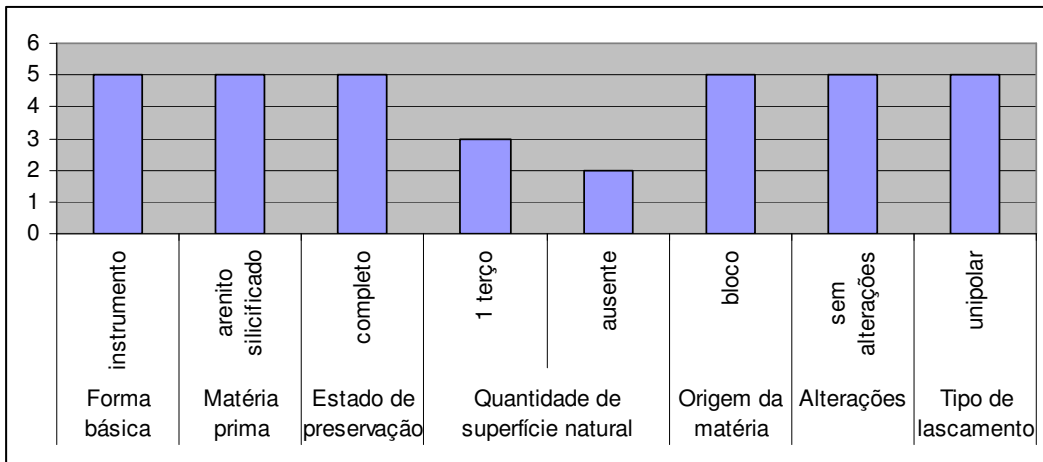


Gráfico 7-Dados básicos sobre instrumentos do sítio Butuy 2.

As características desses plano-convexos, enquanto núcleos (embora o suporte seja uma lasca) seriam: tipo de núcleo piramidal, parcialmente discóide e trapezoidal no Butuy 1 e no Butuy 2 piramidal e discóide (estrutura parcial); já o tipo de plataforma seria maioria lisa nos dois sítios, sendo que cada um também apresentou uma facetada; os cantos da plataforma de percussão apresentaram-se em todas as peças com redução. Abaixo o gráfico discrimina os dados dos núcleos e quantidade de peças.

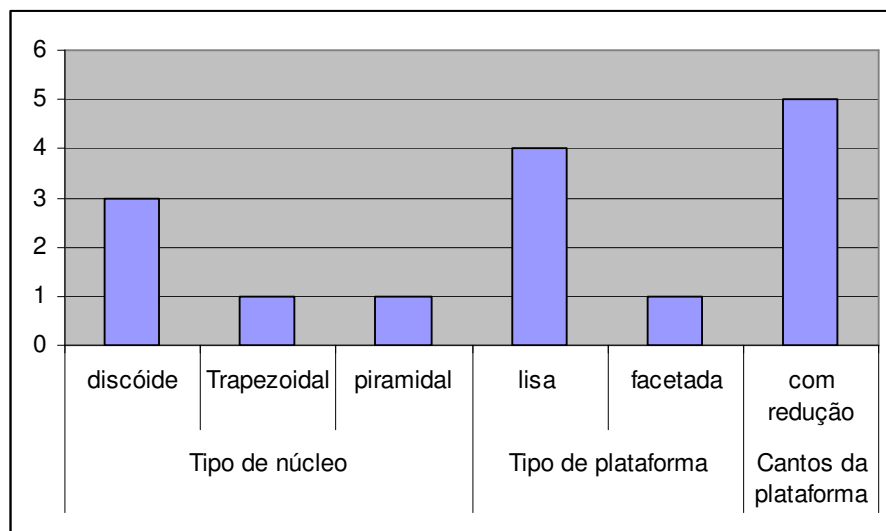


Gráfico 8-Dados de núcleo do sítio Butuy1.

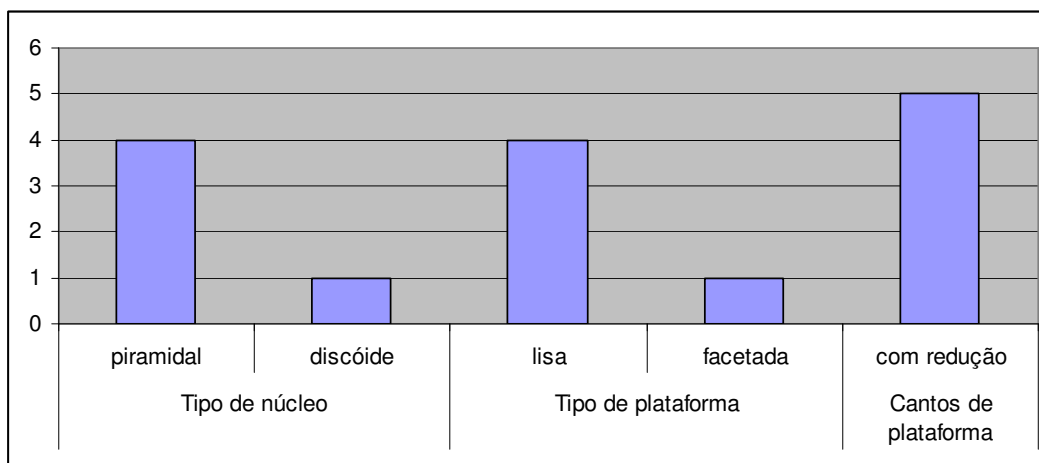


Gráfico 9-Dados de núcleo do sítio Butuy 2.

Quanto às características dos instrumentos observou-se que: o tipo de instrumento seria peça unifacial em ambos os sítios; o tipo de modificação seria retoque e marcas de uso sendo que estas últimas são mais frequentes no Butuy 1 e as primeiras no Butuy 2; a posição das modificações feitas nas peças (UTFs) encontram-se em geral em todo o bordo (proximal, mesial e distal em relação ao buldo da lasca suporte); quanto a posição do retoque, a maioria apresenta retoque direto, porém observou-se no Butuy 1 a ocorrência também do retoque direto e inverso e, ainda, direto inverso e alternativo; a repartição do retoque apresentou-se no Butuy 1 em geral descontínuo, e em uma peça parcial, já no Butuy 2 todos são parciais; a delimitação desses retoques é irregular no 1 e irregular e convexo no 2; finalmente, a morfologia dos retoques apresenta-se como subparalelo e subparalelo e escalariforme, respectivamente nos sítios. Os gráficos abaixo discriminam essas informações.

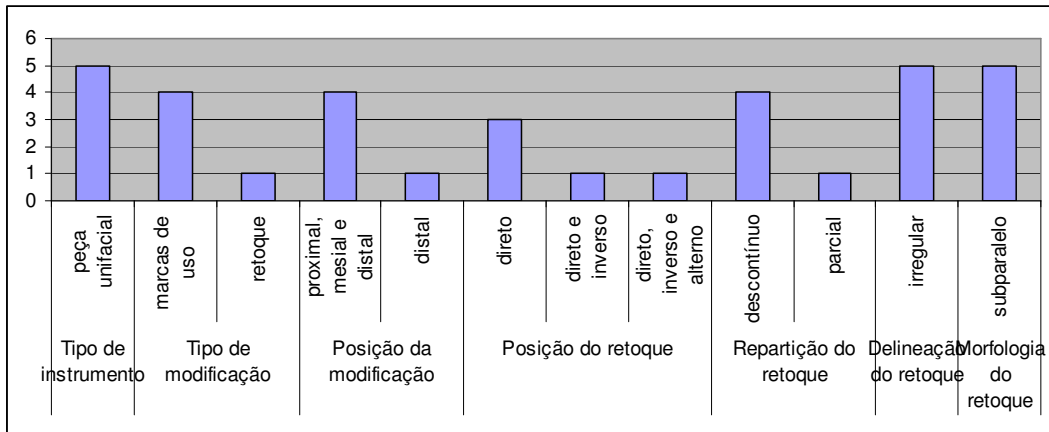


Gráfico 10-Características dos instrumentos no sítio Butuy 1.

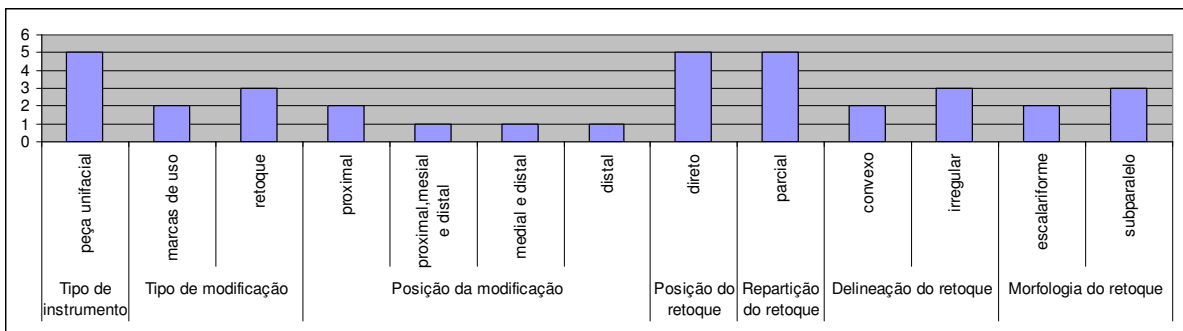


Gráfico 11-Características dos instrumentos no sítio Butuy 2.

Com relação às análises das lascas retocadas (ver análise e desenhos no apêndice A2.1 e A2.2) verificou-se que os dados básicos sobre as peças apresentaram semelhanças quanto: a forma básica, por tratarem-se de instrumentos; a matéria prima predominante nos sítios é o arenito silicificado; em geral o estado de preservação é bom, com peças completas, ou seja não estão quebradas ou erodidas; a superfície natural das peças está ausente em praticamente todas elas, aparecem vestígios em uma das peças do

Butuy 1; a matéria prima parece advir de blocos; as peças não apresentaram alterações, como a pátina por exemplo; e o tipo de lascamento é unipolar no total da peças analisadas. Abaixo os gráficos discriminam as informações relatadas.

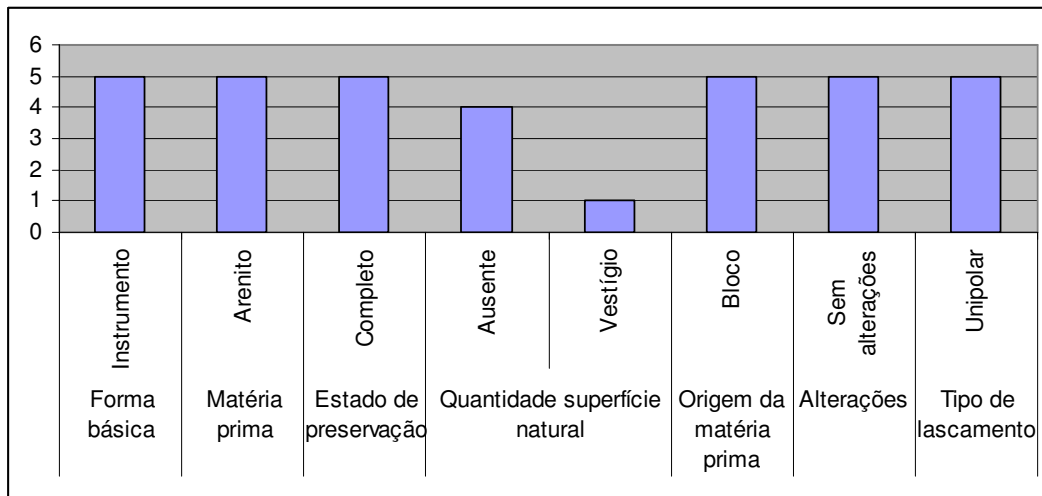


Gráfico 12-Dados básicos sobre lascas retocadas no sítio Butuy 1.

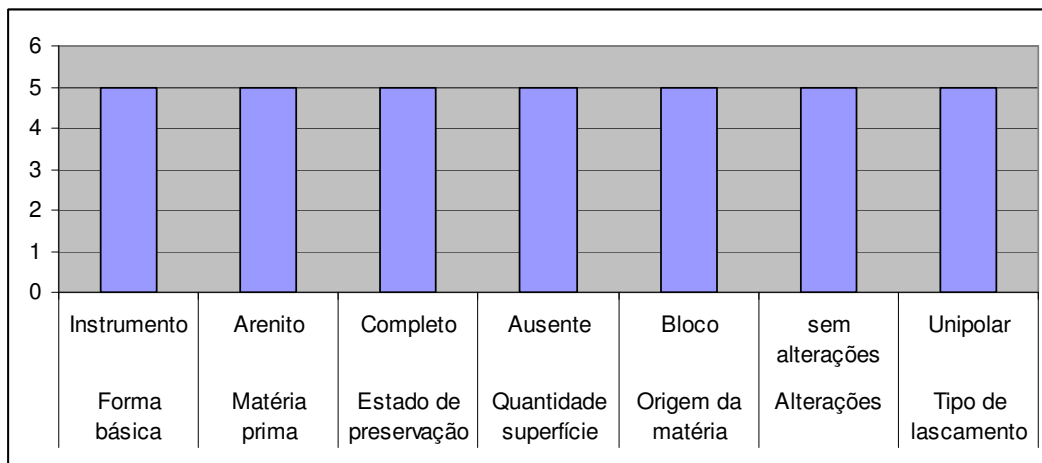


Gráfico 13-Dados básicos sobre lascas retocadas do sítio Butuy 2.

Quanto às características particulares dessas lascas evidenciou-se que: quanto ao tipo de instrumento são lascas retocadas; os tipos de lasca classificaram-se em lasca de preparação e *façonnage*, contudo examinou-se uma possível lasca de reavivagem no Butuy 1; quanto ao tipo de quebra, em geral a maioria não possuía quebra, porém uma peça do Butuy 2 apresentou quebra na região mesial; quanto ao tipo de plano de percussão, a maioria apresentou-se liso, entretanto, observou-se no primeiro sítio um linear e um com modificação; o canto dorsal do plano de percussão apresentou-se na maioria das peças do Butuy 1 com redução, apenas uma peça não possuía, já no Butuy 2 apenas 2 peças apresentaram redução; as faces dorsais antes da debitage apresentavam sinais de retiradas anteriores, a maioria com até 2 negativos nos dois sítios, 2 peças com mais de 2 negativos no Butuy 1 e negativos aleatórios em uma peça do Butuy 2. Os gráficos abaixo discriminam as informações relatadas.

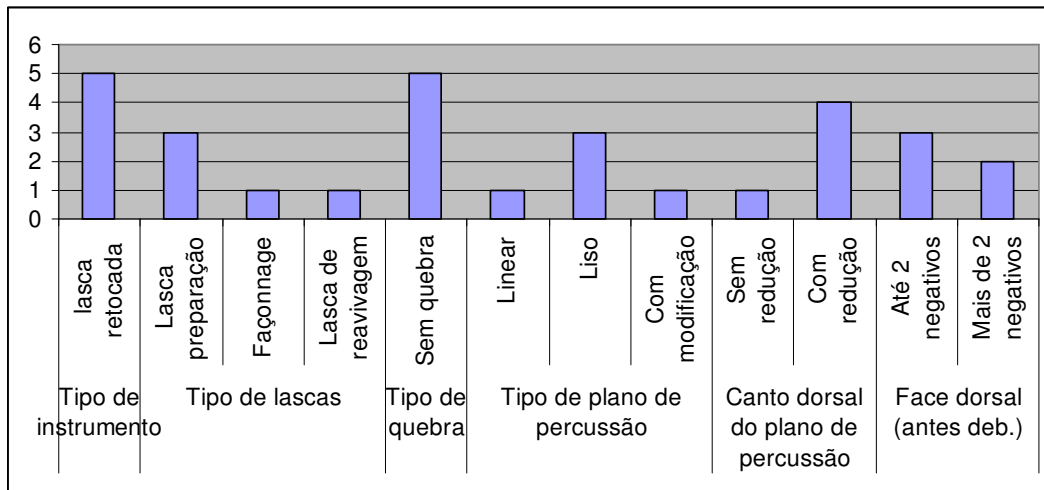


Gráfico 14-Características de lascas do sítio Butuy 1.

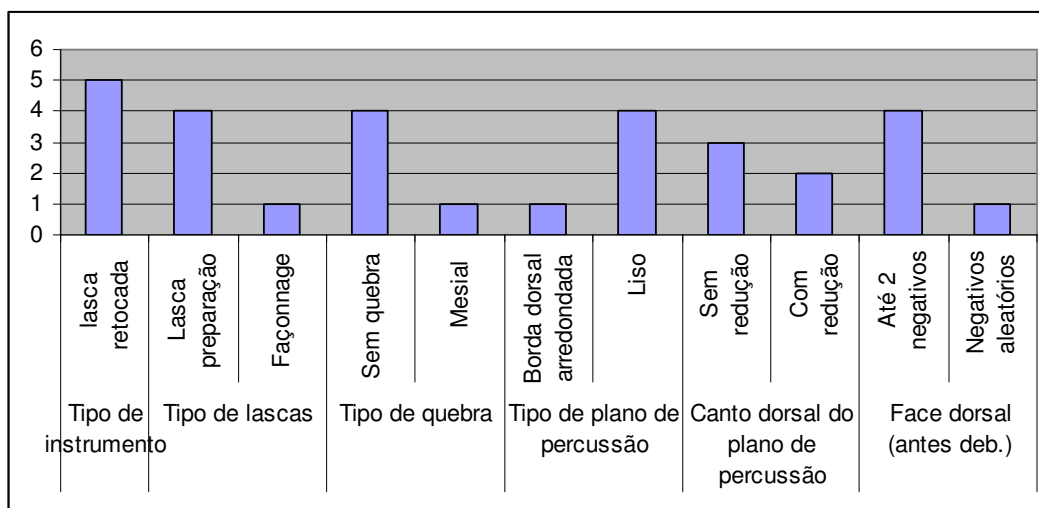


Gráfico 15-Características de lascas do sítio Butuy 2.

No que diz respeito às características das peças (lascas retocadas) como instrumentos observou-se: tipo de modificação predominante, no Butuy 1: marcas de uso, já que parece haver desgaste da peça e ainda retoques são recorrentes, no Butuy 2 identificou-se como predominante os retoques; a posição das modificações encontram-se nas regiões proximal e distal, mesial e distal e proximal no 1, já no 2 aparece nas regiões proximal, mesial e distal, na mesial e distal e apenas na mesial; a posição dos retoques em geral é direto, apresentando também alguns diretos e inversos, e uma peça no Butuy 1 apresentando apenas retoque inverso; a repartição do retoque é em sua maioria descontínuo ou parcial, este último predomina no Butuy 1 e o descontínuo é maioria no Butuy 2; a delineação do retoque apresenta-se como irregular, retilíneo e côncavo no Butuy 1, enquanto que no Butuy 2 observou-se apenas retoques irregulares; e a morfologia dos retoques apresentou-se como subparalelos nas peças dos dois sítios. Os gráficos abaixo propiciam vislumbrar as informações relatadas de forma comparativa com as devidas classificações e quantidades.

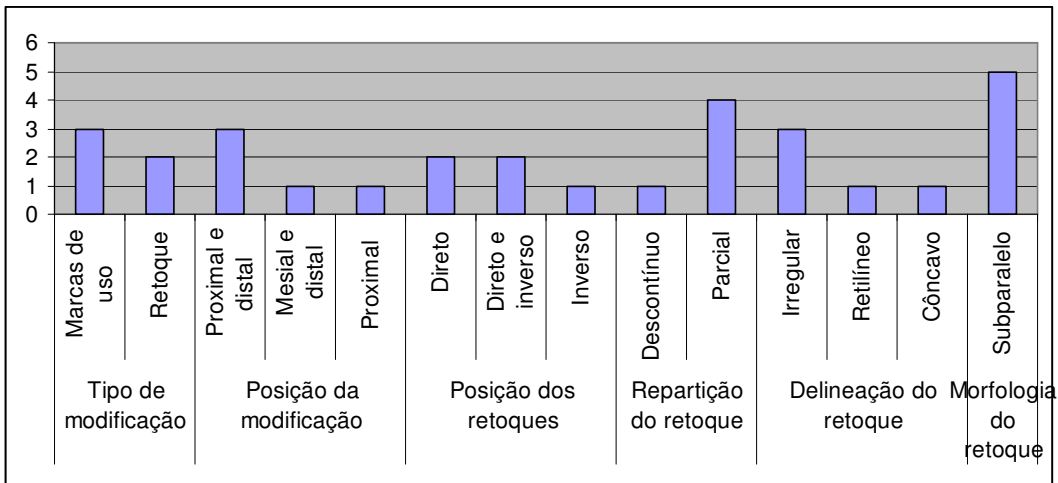


Gráfico 16-Características dos instrumentos lascas retocadas do sítio Butuy 1.

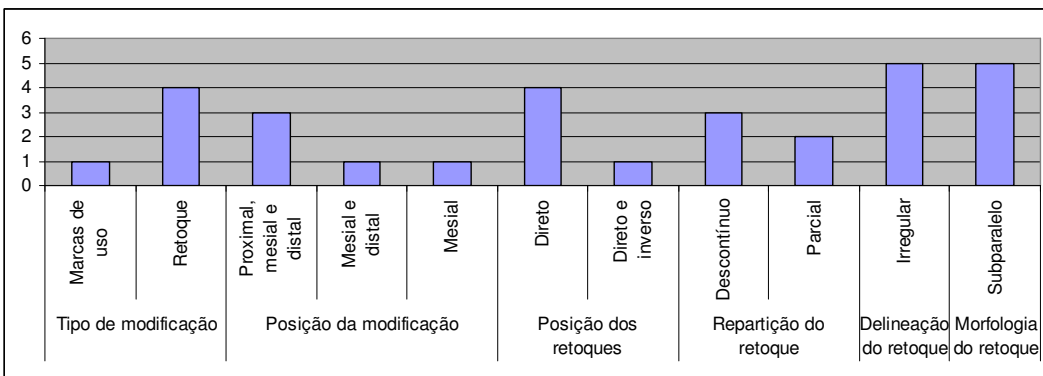


Gráfico 17-Características dos instrumentos lascas retocadas do sítio Butuy 2.

4.3.2 Alguns resultados e considerações a partir das análises

Quanto à indústria dos cerritos são-borjenses pode-se falar que a maioria dos artefatos é confeccionada sobre lascas. A técnica de fabricação é a percussão direta e unifacial. Percebeu-se ainda lascamentos nos bordos externos do plano de percussão.

Os instrumentos mais característicos percebidos nos sítios foram os raspadores plano-convexos e lascas com retoque. Dessa forma, associaram-se lascas como sendo resultantes da confecção de tais peças, posto que requerem retiradas específicas a fim de alcançar seu formato peculiar. Além disso, especula-se que a diversidade de coloração das rochas permite pensar em intensa busca por suportes para confecção de ferramentas.

Os instrumentos plano-convexos são unifaciais freqüentes na pré-história brasileira, estes são encontrados desde a passagem Pleistoceno/Holoceno até o contato com os europeus. Essa denominação recobre na verdade vários tipos de objetos seja pela morfologia, técnica de fabricação, ou função (ALONSO et al. ,2007, p. 1).

Não existiria, portanto, uma apreciação de instrumento plano-convexo uniforme. Os autores geralmente se remetem à definição do objeto ou a descrição de suas características tecno-morfológicas. Assim verifica-se que provavelmente todas as regiões dos bordos poderiam ser utilizadas nas atividades podendo-se falar em peças com utilização rotatória. Diferentes retoques e ângulos para atividades múltiplas, das mesmas peças.

Verificou-se, então, que os implementos acumulados indicariam algum tipo de habitação (permanente ou não) e as lascas e os núcleos propõem uma oficina de confecção lítica nas proximidades dos sítios.

Nos sítios Butuy 1 e Butuy 2, a grande quantidade de lascas encontrada nas escavações permite pensar em uma necessidade de produzir instrumentos para corte e raspagem, fundamentais em atividades cotidianas, já que se trata de grupos caçadores-coletores.

Ribeiro (1991 apud LEMES, 2008, p. 57) acredita que os raspadores (plano-convexos) serviriam para raspar a carne do couro, as escamas dos peixes e também a madeira. As facas e os furadores eram utilizados para furar o couro usado nas vestimentas, cortar a carne, peles, couro e madeiras. Os bifaces serviriam para retalhar os animais e as lascas estariam relacionadas às funções de cortar, raspar e furar.

O arenito, matéria prima principal na confecção dos instrumentos, estaria provavelmente em afloramentos com certa distância dos sítios estudados posto que não foram localizadas as fontes nos arredores e pelo fato das peças estarem sendo utilizadas até o esgotamento de seus gumes, ou seja, não havendo mais ângulos para reavigem das peças.

Para Vilhena-Vialou (1980), os núcleos são documentos privilegiados para a compreensão de como foram concebidos e realizados os lascamentos. Eles testemunham a sucessão de gestos de lascamentos até o momento da interrupção ou esgotamento do material. Os negativos de retirada ficam impressos nas faces dos núcleos, preservando, assim, a dinâmica empreendida pelo artesão na transformação da matéria-prima. O aproveitamento do potencial de debitação de um núcleo está diretamente correlacionado à disponibilidade de matéria-prima. (MARTINS, 1996, p. 250).

A etapa de debitação (feita sobre bloco) seria realizada fora dos limites do cerrito, provavelmente próximo às fontes de matéria prima. Seria neste lascamento primário que seriam escolhidas as lascas suporte para a confecção dos raspadores, ainda com vestígios de córtex. Conforme Alonso et al. (2007) “A debitação faz parte do momento da retirada da lasca suporte. Trata-se de uma fase rápida e nem sempre está presente nos vestígios estudados, pois pode ter ocorrido fora dos sítios de abrigo”.

Já a fase de confecção dos instrumentos, propriamente dita, corresponderia a *façonnage* destas lascas suporte, onde há um controle das retiradas para moldar o suporte transformando-o em núcleo, devido às retiradas feitas sobre este. Estes núcleos tratam-se de peças unifacias que apresentariam formas piramidais. Estes seriam propícios a utilização para raspagem de vegetais e de couro de animais, por exemplo.

A *façonnage* corresponderia então a uma ‘etapa obrigatória’, uma vez que, a fase de retoque pode ou não estar presente, dependendo do tipo de gume desejado. A *façonnage* pode ser a etapa mais elaborada da cadeia operatória de um instrumento plano-convexo, e pode comportar vários momentos. Assim os retoques podem ser posteriores ao processo inicial da confecção dos instrumentos.

As lascas suporte para a confecção dos núcleos seriam moldadas para confecção dos instrumentos plano-convexos. Especula-se que talvez algumas etapas de *façonnage* e retoque poderiam ter sido implementadas sobre o montículo, devido a presença das resultantes características desses processos. Seriam essas lascas típicas de *façonnage* e lascas típicas de pequenos retoques, ou ainda de possível reavivamento de gume. Os acidentes de lascamento são expressos pela presença de lascas *siret* sobre a estrutura monticular. Isso poderia corroborar com a idéia do lascamento (*façonnage*) sobre os montículos.

Observou-se na análise das lascas retocadas que estas fariam parte da produção dos planos convexos, já que, em geral, tratam-se de lascas de preparação, ou *façonnage*, que estariam sendo modificadas, retocadas, para o uso, possivelmente corte e raspagem de carne, couro ou madeira, por exemplo. Enfim participariam da mesma forma que os plano-convexos como instrumentos cotidianos dos grupos que habitaram as imediações das estruturas monticulares por determinado tempo. Pois conforme Martins (1996), a partir do tamanho dos instrumentos pode-se conjecturar a respeito da dimensão e da densidade do material em que eles foram, ou seriam, utilizados, pois pequenas dimensões de lascas e artefatos podem estar ligadas ao trabalho sobre material orgânico tanto de origem animal e vegetal.

Embora se entenda essa relação entre as peças num processo de cadeias operatórias, não se conseguiu acessar adequadamente essas interligações pelo insucesso de tentativas de remontagem. Caso se conseguisse encaixar algumas lascas nos núcleos ficaria então mais clara idéia de *façonnage* sobre a estrutura monticular, ou seja, confirmar-se-ia o local da confecção das peças e a procedência dos resultantes de lascamento, afirmando-se assim uma cadeia operatória específica.

Quando se tratou sobre tecnologia de produção, elencou-se particularidades técnicas e metodológicas. Isso está sendo buscado já, desde quando se procura pensar esse processo de produção específico com suas escolhas particulares. Os aspectos tecnológicos, embora representados pela análise em algumas peças específicas, apresentam um panorama do tipo de indústria pesquisada.

Não obstante, a própria acumulação já admitiria tratarem-se de grupos com certo grau de sedentarismo e complexa organização social. A característica de indústria com

produção de instrumentos específicos com características similares (raspadores, lascas retocadas) e a construção das estruturas em terra com múltiplas funcionalidades também são referências para se falar em grupos com grau de complexidade cultural.

Sendo assim, entende-se que os cerritos de São Borja trazem em seu arranjo algo de próprio, além das especificidades tecnológicas de seu material, o retrato dos fatores culturais agindo sobre o ambiente natural, em um movimento de adaptação e ou/modificação, visando à manutenção da vida humana no caminhar dos tempos.

CONCLUSÃO

O Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, dentre suas linhas de pesquisa, apresenta uma linha específica em arqueologia. Neste tema enquadrou-se o trabalho com estruturas monticulares pré-coloniais denominadas cerritos. O esforço em aprofundar cada vez mais a discussão sobre os “cerritos de índios” traduz em si também uma ânsia em entender o passado regional e ampliar bases para uma nova visão sobre os grupos originários que tem se mantido à margem tanto da história oficial, quanto da própria sociedade contemporânea de uma forma geral.

Os estudos deste trabalho estiveram vinculados ao Programa Arqueológico do Banhado do MBororé desenvolvido pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA/UFSM) a partir do ano de 2004.

Os montículos em terra (cerritos) teriam possivelmente várias funcionalidades, entre elas funerária, habitacional, ritual e demarcação territorial. De uma forma geral, as diferenciações entre os grupos humanos ditos pré-coloniais têm sido feitas em grande parte a partir dos vestígios arqueológicos estudados. Deste modo, observa-se nos componentes arqueológicos aspectos da trajetória dos povos no território americano.

Ao trabalhar com os materiais líticos presentes nos cerritos, tentou-se obter algumas respostas sobre esse passado que ficaram preservadas de alguma maneira na cultura material, já que esta engloba também o humano impregnado na materialidade.

Discutindo-se sobre a cultura material dos grupos humanos alcança-se um pouco de seu cotidiano, ainda em grande parte desconhecido, posto que seus vestígios são bastante restritos. Embora sejam avaliadas nesse estudo algumas características do material lítico dos cerritos de São Borja/RS, já se torna possível expandir um pouco mais os conhecimentos sobre a história humana passada. Além disso, buscou-se enfatizar a discussão sobre a complexidade das sociedades pretéritas e sua inegável carga cultural que merece ser não apenas estudada, mas preservada enquanto memória e patrimônio comum a toda humanidade.

Os trabalhos de campo ocorreram no município gaúcho de São Borja/RS e estenderam-se 7 dias, contando com a participação de 12 pesquisadores. Resgatou-se dos cerritos Butuy 1 e Butuy 2 uma significativa quantidade de material lítico, entorno de 9000 peças. Na sua maioria lascas, lascas retocadas e “raspadores” esgotados.

Para estudar os cerritos a partir do material lítico é preciso, antes de tudo, entender esse tipo de cultura material como um recorte do todo cultural dessas estruturas e, dentro de sua possível significação, compreender um pouco sobre o grupo social que o ocupou sob as mais diversificadas formas.

Verificou-se que os instrumentos recorrentes eram pequenos raspadores e lascas retocadas. Observou-se que possivelmente seriam confeccionadas fora dos montículos. Especulou-se que um possível reavivamento do gume pudesse ocorrer sobre a estrutura. Sua técnica de fabricação incluiria a percussão direta com grande aproveitamento da matéria-prima, posto que a maioria das peças já não possui ângulo de percussão, ou seja, foram esgotadas pelo uso e reavivamento. Seriam possivelmente utilizadas em tarefas cotidianas de corte e raspagem de animais e vegetais.

Não se pode afirmar que tenham servido como túmulo, já que os dados para essa afirmação não são satisfatórios, ou seja, não foram encontradas estruturas funerárias, nem ossos que pudessem indicar um sepultamento no local. Mesmo que tenham características semelhantes a estruturas funerárias de outras regiões das chamadas Terras Baixas Platinas, não se pode afirmar que essas estruturas tiveram finalidade funerária a partir dos vestígios encontrados.

Embora, nesse trabalho tenha-se estudado, ainda que de forma preliminar, apenas o material lítico resgatado de dois cerritos, entende-se que as respostas mais completas sobre estas estruturas exigiriam a ampliação dos estudos a uma maior quantidade de sítios. Contudo, a partir dos sítios analisados, pode-se dizer que o território sul rio-grandense é bastante rico em informações sobre seus pretéritos habitantes. Cabe aos pesquisadores debruçarem-se sobre os vestígios materiais para alcançar informações mais detalhadas sobre os modos de vida dos caçadores-coletores.

O patrimônio cultural herdado das populações originárias é imenso. Torna-se impossível tecer limites entre hábitos e conhecimentos já incorporados (mesmo que re-significados) pela sociedade atual. Ao voltar-se para o passado o ser humano pode

entender melhor o que se passa com seu presente, visto que somos resultados dos processos culturais. A cultura material enquanto “sobrevivente” preserva, ainda que de forma residual, o passado cultural humano. É este tipo de cultura que nos aproxima de possibilidades quanto às noções de vivências, experiências de mundo e sócio-culturais.

Estas acumulações artificiais de terra seriam produto de atividade humana organizada. Tal idéia do trabalho coordenado seria um aspecto da complexidade organizacional destes grupos, assim como os rituais de enterramento de determinados indivíduos e em contextos diferenciados dos demais. Assim se fundamentam noções de crenças e não apenas acumulações aleatórias.

Espera-se que os dados arqueológicos, no momento que exprimem a complexidade cultural dos grupos humanos, contribuam para a desconstrução das mentalidades discriminatórias e preconceituosas. Ao mesmo tempo ao atrelar-se um conhecimento científico às coleções líticas estudadas pode-se mostrar a comunidade de forma mais palpável o conhecimento tecnológico humano desenvolvido já há milhares de anos.

Enfim, tudo que se apreende sobre o passado da humanidade compõe a mentalidade histórica que deve ser repassada e repensada como forma de crescimento sócio-cultural, ou seja, deve contribuir com a redução das diferenças e preconceitos sociais historicamente erigidos.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Márcio; CUNHA, Ana Carolina; DUARTE, Débora; MOREIRA, Tiago ; MOURA, Letícia ; DINIZ, Lilian ; RODET, M. J. . Cadeia operatória: como se elabora um instrumento "plano-convexo. In: Ana Paula de Paula Loures de Oliveira. (Org.). **Arqueologia e Patrimônio de Minas Gerais**. Juiz de Fora: Editar, 2007, v., p. 129-144.

AZEVEDO, Antônio Carlos; DALMOLIN, Ricardo S. D. **Fatores de Formação dos solos**. Disponível em <w3.ufsm.br/física.../fatores_de_formação_ISC_8cap_2006.doc> Acesso em 10 jun 2009.

BOËDA, E. Uma antropologia das técnicas e dos espaços. In: **Habitus**. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 2004. pp.19-49

BUENO, Lucas. Organização tecnológica e teoria do *design*: entre estratégias e características de *performance*. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei. **Das Pedras aos Homens: tecnologia lítica na arqueologia Brasileira**. Belo Horizonte: Argumentum, 2007, pp. 67-94.

BRACCO BOKSAR, Roberto; PANTAZI, Cristina Ures. Ritmos y dinámica constructiva das las estructuras monticulares. In: MAZZ, José M. Lopez; SANS, Mónica (compiladores). **Arqueología y Antropología de las Tierras Bajas**. Uruguay: Departamento de Publicaciones da Universidade de La República, 1999.

COIROLO, Alicia Durán. Funcionalid de los cerritos dentro del sistema socio-cultural de Marajó antes del contacto con el europeu. In: COIROLO, Alicia Durán; BOKSAR, Roberto Bracco (edt). **Arqueologia de las Tierras Bajas**. Universidad de la República, 1996.

CONSENS, Mario. Debitagem e classificação: ou como construir sínteses culturais sem todo o registro lítico. In: **Anais do IX Congresso da SAB (CD-ROM)**. Rio de Janeiro, ago de 2000.

CONSENS, Mario. Entre caçadores, coletores e forrageiros: introdução à teoria da mobilidade. In: **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 35/36, p.34-104, jan./dez. 2002.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DANIEL, Glyn. **Introdução a pré-história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

DAVID, Nicolas; KRAMER, Carol. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p 13-60, dezembro de 2002.

DIAS, Adriana S. Da tipologia à tecnologia: reflexões sobre a variabilidade das indústrias líticas da Tradição Umbu. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei. **Das Pedras aos Homens: tecnologia lítica na arqueologia Brasileira**. Belo Horizonte: *Argumentum*, 2007, pp. 33-66.

DIAS, Adriana S. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado, USP: São Paulo, 2003.

DIAS, Adriana Schmidt. Análise tecno-tipologica da industria do abrigo-sob-rocha RS-C-43: CAPIVARA I (Ivoti, RS). In: CONSENS, Mario; MAZZ, José López; CURBELO, Márcia Del Carmen. **Arqueologia em El Uruguay:120 años despues**. VIII Congreso Nacional de Arqueología Uruguay. Uruguay, Departamento de Arqueología, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1994.

DIAS, Adriana Schmidt. Modelos de mobilidade e sistema de assentamento e suas implicações para o estudo das sociedades caçadoras coletoras do sul do Brasil. In: **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.26, n.35/36, p.34-104, jan./dez. 2002.

GAMBLE, Clive. **Arqueología básica**. Barcelona, Espanha: Ariel Pré-história, 2002.

GIRELLI, Maribel; ROSA, André Osório. Prospecções Arqueológicas em Santa Vitória do Palmar, RS. In: COIROLO, Alicia Durán; BOKSAR, Roberto Bracco (edt). **Arqueologia de las Tierras Bajas**. Universidad de la República, 1996.

GOMES, Flamarion Freire da Fontoura. **Arqueologia e Pré-História Platina na Margem Esquerda do Médio Uruguai: Uruguaiana**. Dissertação de Mestrado. UFSM, Santa Maria, 2002.

HOELTZ, Sirlei Elaine. **Tecnologia Lítica: uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos**. Tese de doutoramento. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

IRIARTE, José. **Mid-holoceno emergent complexity and landscape transformation: the social construction of early formative communities in Uruguay, la Plata Basin**. Tese de doutorado. Lexington, Kentucky, 2003.

KERN, Arno Alvarez (org.). **A arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

LEMES, Lucio. **O sítio do Areal e a Região do Rincão do Inferno: a variabilidade gestual e o modelo locacional para a fronteira Oeste do Rio Grande do Sul**. (Dissertação de Mestrado)MAE/USP, São Paulo, 2008.

LEMONS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense. 2000.

MANSUR, Maria Estela. Instrumentos líticos: aspectos de análise funcional. In: **Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG**. Belo Horizonte. V. 11:115-169- 1986/1990.

LIMA, Tania Andrade. Complexidade emergente entre caçadores/coletores: uma questão para a pré-história brasileira. In: **Anais do IX Congresso da SAB (CD-ROM)**. Rio de Janeiro, ago de 2000.

MARTINS, Gilson Rodolfo. **Arqueologia do Planalto Maracaju-1 através da análise quantitativa de sua indústria lítica**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1996.

MAZZ, José López. Aproximación al territorio de los “constructores de cerritos”. In: CONSENS, Mario; MAZZ, José López; CURBELO, María del Carmen. **Arqueología en el Uruguay: 120 años después**. VIII Congreso Nacional de Arqueología Uruguaya. Uruguay, Departamento de Arqueología, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1994, pp. 65-78.

MAZZ, José López. Trabajos en tierra y complejidad cultural en las Tierras Bajas del Rincón de los Indios. In: COIROLO, Alicia Durán; BOKSAR, Roberto Bracco (editores). **Arqueología de las Tierras Bajas**. Universidad de la República, 1996.

MAZZ, José López ; BLANCO, Sebastián Pinto. Distribución espacial de estructuras monticulares em la cuenca de la Laguna Negra. In: COIROLO, Alicia Durán; BOKSAR, Roberto Bracco (editores). **Arqueología de las Tierras Bajas**. Universidad de la República, 1996.

MELLO, Paulo Jobim de Campos. **Análise de sistemas de produção e da variabilidade tecnofuncional de instrumentos retocados**. As indústrias líticas de sítios a céu aberto do vale do rio Manso (Mato Grosso, Brasil). Tese de doutoramento. Porto Alegre, 2005.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer, Caçadores Coletores: a problemática arqueológica sobre os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul. In: SANTOS, Julio Ricardo Quevedo dos. **Rio Grande do Sul, 4 séculos de história**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer. Caçadores coletores: a problemática arqueológica ambiental sobre os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul. **Revista do CEPA**. Vol.23, n. 30. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC. Pg. 7-56, 2000a.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer. **Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul: uma perspectiva geoarqueológica**. Tese de doutorado. São Paulo, 2000b.

MORAIS, J. L. **Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista**. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE / USP, .Tese de Livre Docência, 1999.

NUNES, Luiz Coimbra. **Terminologia lítica: tecnologia para o estudo da pedra lascada**. Goiânia, UCG, 2008.

PESEZ, Jean Marie. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo. Martins Fontes, 1993.

PÉREZ, L. C. Funebria y sociedad entre los constructores de cerritos del Este uruguayo. In: MAZZ, José M. López; SANS, Mónica (compiladores). **Arqueología y Antropología de las Tierras Bajas**. Uruguay: Departamento de Publicaciones da Universidade de La República, 1999.

PORTO, Aurélio. **História das missões orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Selbach & Cia, 1954.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1992, p.293-302.

RADAM BRASIL. **Levantamento de Recursos Naturais da secretaria do Planejamento da Presidência da República**. IBGE. 1982/3 vol. 33.

RODET, Maria Jaqueline. Princípios metodológicos de análise das indústrias líticas lascadas - aplicação às séries do norte de Minas Gerais e regiões circunvizinhas. In: **Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Campo Grande: Atas do XIII Congresso da SAB, 2005, pp. 1-18.

RODET, Maria Jaqueline; ALONSO, Marcio. Uma terminologia para a industria lítica brasileira. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei. **Das pedras aos homens: tecnologia lítica na Arqueologia brasileira**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007, pp. 141-154.

ROGGE, Jairo Henrique. Fenômenos de Fronteira: o contato cultural entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. In: **Canindé**, Xingó. Nº 4, dez de 2004.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Os aterros dos Campos do Sul: a tradição Vieira. In: KERN, Arno A. (org). **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SCHMITZ, P. I.; BEBER, Marcus Vinicius. Aterros no Pantanal do Mato Grosso do Sul, Brasil. In: COIROLO, Alicia Durán; BOKSAR, Roberto Bracco (edt). **Arqueologia de las Tierras Bajas**. Universidad de la República, 1996.

SILVA, Fabíola Andréa. As tecnologias e seus significados. In: **Canindé**, Xingó, nº 2, dez 2002, p 119-138.

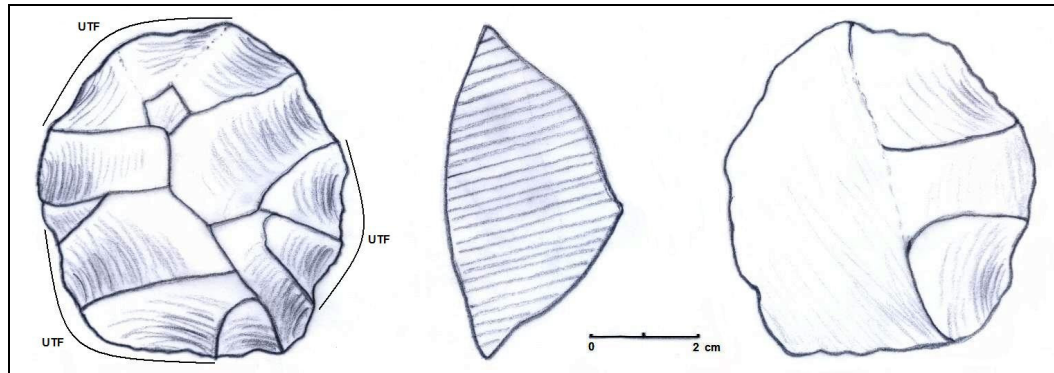
SILVA JUNIOR, Luiz Carlos da. Diversidade e convergência das dinâmicas ambientais e humanas na região da Laguna dos Patos – para um programa de estudo paleo-ecológico do Banhado do Colégio, Camaquã – Rio Grande do Sul, Brasil. In: **Annali dell’Università di Ferrara**. Itália, Museologia Scientifica e Naturalistica. Volume especial, 2008.

VIANA, Sibeli Aparecida. **Variabilidade tecnológica do sistema de confecção dos instrumentos líticos lascados de sítios lito-cerâmicos da região do Rio Manso/MT**. Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

**APÊNDICE A - Desenhos e análises individuais dos instrumentos
(núcleos e lascas retocadas).**

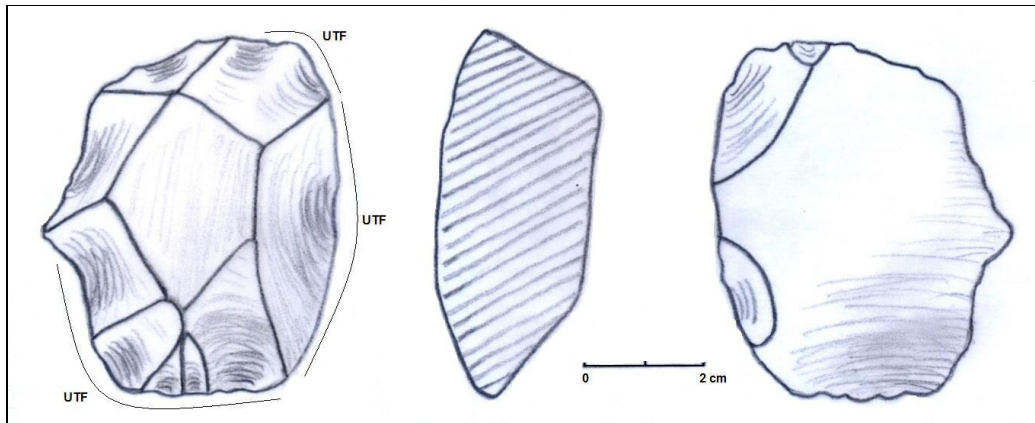
A1 ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS NÚCLEOS:

A1. 1 BUTUY 1



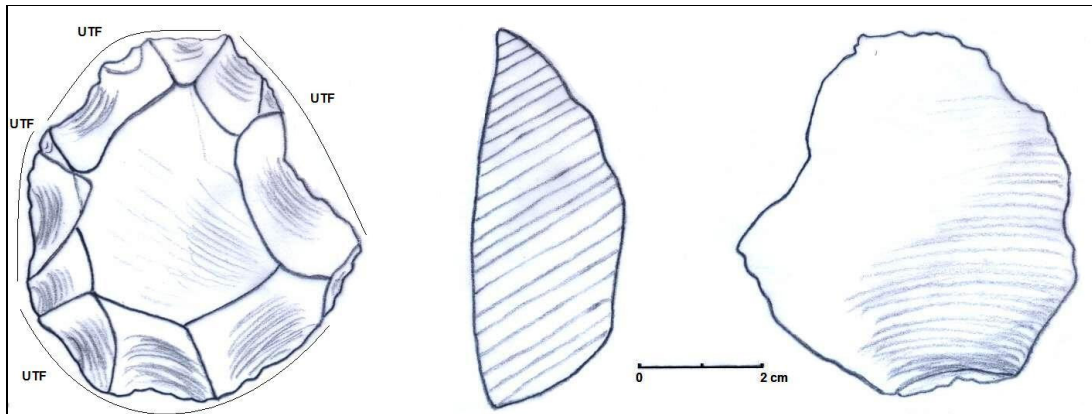
Peça 1- catálogo: 375-04

- 1-Forma Básica: instrumento
- 2-Matéria prima: arenito silicificado
- 3-Estado de preservação: completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura: 5,9 x 5,2 x 3,5
- 5-Quantidade de superfície natural: ausente
- 6-Origem da matéria prima: bloco
- 7-Alterações: sem alteração
- 8-Tipo de lascamento: unipolar
- 9-Tipo de núcleo: discóide
- 10-Tipo de plataforma: lisa
- 11-Cantos da plataforma: com redução
- 12-Tipo de instrumento: peça unifacial
- 13-Tipo de modificação: marcas de uso (arredondamento)
- 14-Posição da modificação: proximal, mesial e distal
- 15-Posição do retoque: direto
- 16-Repartição do retoque: descontínuo
- 17-Delineação do retoque: irregular (curvo)
- 18-Morfologia do retoque: subparalelo
- 19-Ângulo do gume: PC:80° ;PB: 60°



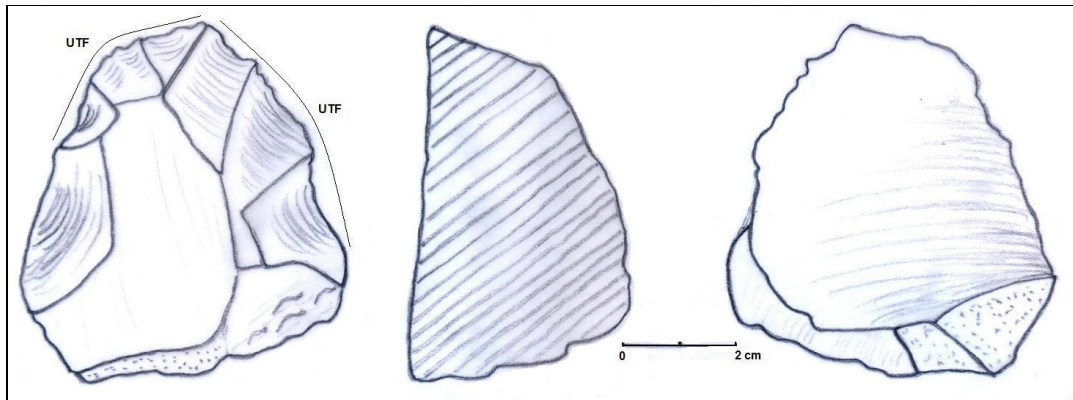
Peça 2- catálogo: 375-06

- 1-Forma Básica:** instrumento
- 2-Matéria prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 5,9 x 4,9 x 2,2
- 5-Quantidade de superfície natural:** ausente
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de núcleo:** discóide
- 10-Tipo de plataforma:** lisa
- 11-Cantos da plataforma:** com redução
- 12-Tipo de instrumento:** peça unifacial
- 13-Tipo de modificação:** retoque
- 14-Posição da modificação:** proximal, mesial e distal
- 15-Posição do retoque:** direto e inverso
- 16-Repartição do retoque:** descontínuo
- 17-Delineação do retoque:** irregular
- 18-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 19-Ângulo do gume:** PC:70° ;PB: 90°



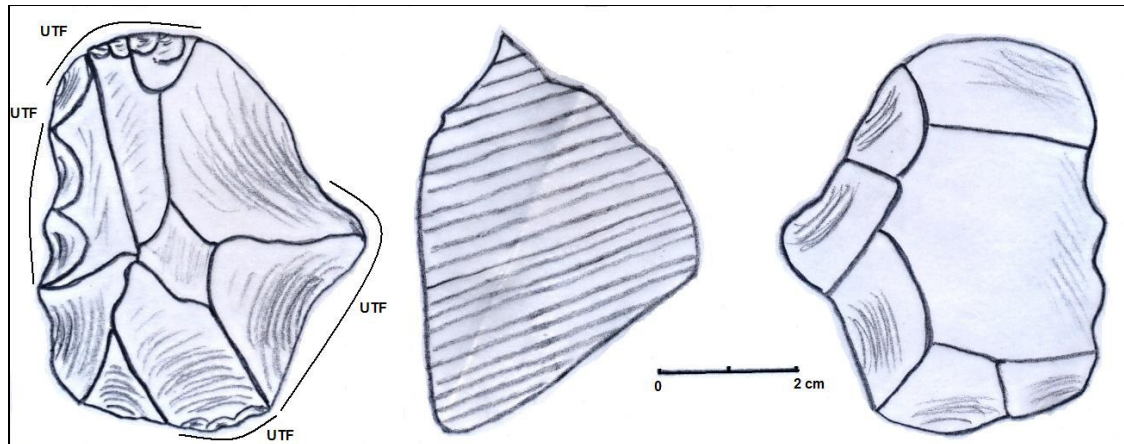
Peça 3- catálogo: 375-06

- 1-Forma Básica:** instrumento
- 2-Matéria prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 5,4 x 6 x 2,5
- 5-Quantidade de superfície natural:** ausente
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de núcleo:** trapezoidal
- 10-Tipo de plataforma:** lisa
- 11-Cantos da plataforma:** com redução
- 12-Tipo de instrumento:** peça unifacial
- 13-Tipo de modificação:** marcas de uso (arredondamento)
- 14-Posição da modificação:** proximal, mesial e distal
- 15-Posição do retoque:** direto
- 16-Repartição do retoque:** descontínuo
- 17-Delineação do retoque:** irregular (curvo)
- 18-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 19-Ângulo do gume:** PC:70° ;PB: 80°



Peça 4- catálogo: 375-10

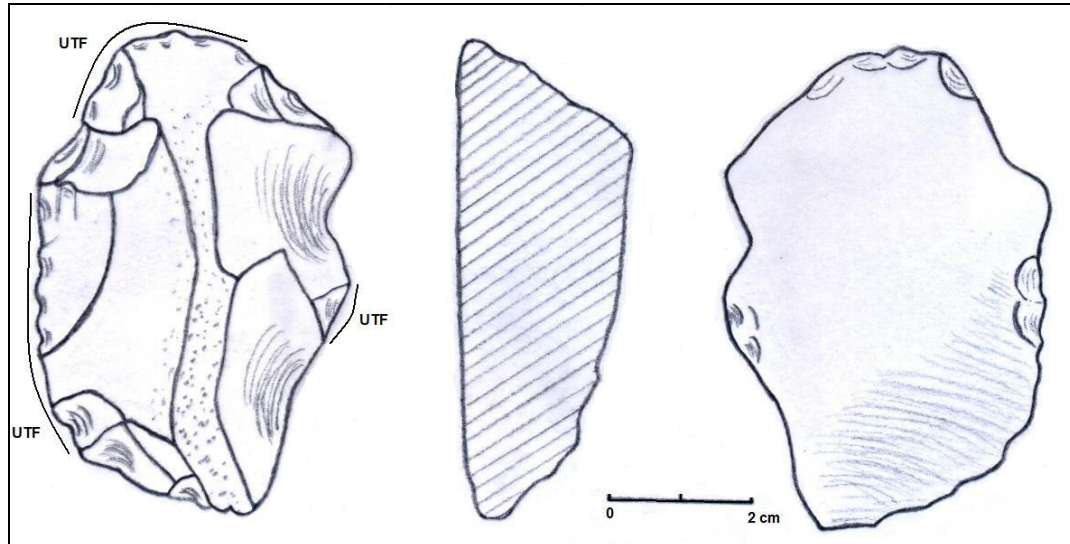
- 1-Forma Básica:** instrumento
- 2-Matéria prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 5,7 x 5,5 x 3,7
- 5-Quantidade de superfície natural:** 1/3
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de núcleo:** piramidal
- 10-Tipo de plataforma:** lisa
- 11-Cantos da plataforma:** com redução
- 12-Tipo de instrumento:** peça unifacial
- 13-Tipo de modificação:** marcas de uso
- 14-Posição da modificação:** distal
- 15-Posição do retoque:** direto
- 16-Repartição do retoque:** parcial
- 17-Delineação do retoque:** irregular
- 18-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 19-Ângulo do gume:** PC:70° ;PB: 80°



Peça 5- catálogo: 375-10

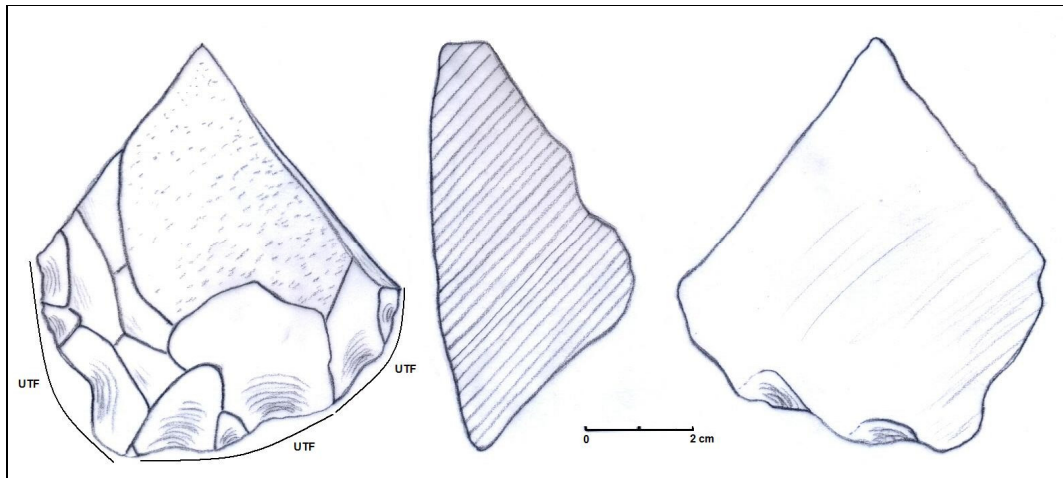
- 1-Forma Básica:** instrumento
- 2-Matéria prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 5,7 x 4,6 x 3,9
- 5-Quantidade de superfície natural:** ausente
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de núcleo:** discóide (estrutura parcial)
- 10-Tipo de plataforma:** facetada
- 11-Cantos da plataforma:** com redução
- 12-Tipo de instrumento:** peça unifacial
- 13-Tipo de modificação:** marcas de uso
- 14-Posição da modificação:** proximal, mesial e distal
- 15-Posição do retoque:** direto, inverso e alterno
- 16-Repartição do retoque:** descontínuo
- 17-Delineação do retoque:** irregular
- 18-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 19-Ângulo do gume:** PC:70° ;PB: 90°, 110°

A1.2 BUTUY 2



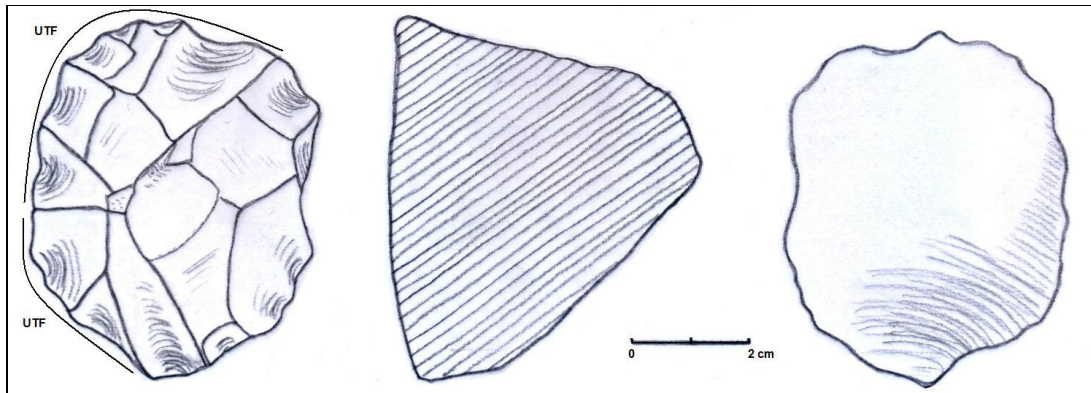
Peça 1- catálogo: 376-01

- 1-Forma Básica:** instrumento
- 2-Matéria prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 6,7 x 4,4 x 2,5
- 5-Quantidade de superfície natural:** 1/3
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de núcleo:** piramidal
- 10-Tipo de plataforma:** lisa
- 11-Cantos da plataforma:** com redução
- 12-Tipo de instrumento:** peça unifacial
- 13-Tipo de modificação:** marcas de uso
- 14-Posição da modificação:** proximal
- 15-Posição do retoque:** direto
- 16-Repartição do retoque:** parcial
- 17-Delineação do retoque:** convexo
- 18-Morfologia do retoque:** escalariforme
- 19-Ângulo do gume:** PC:60° ;PB: 70°



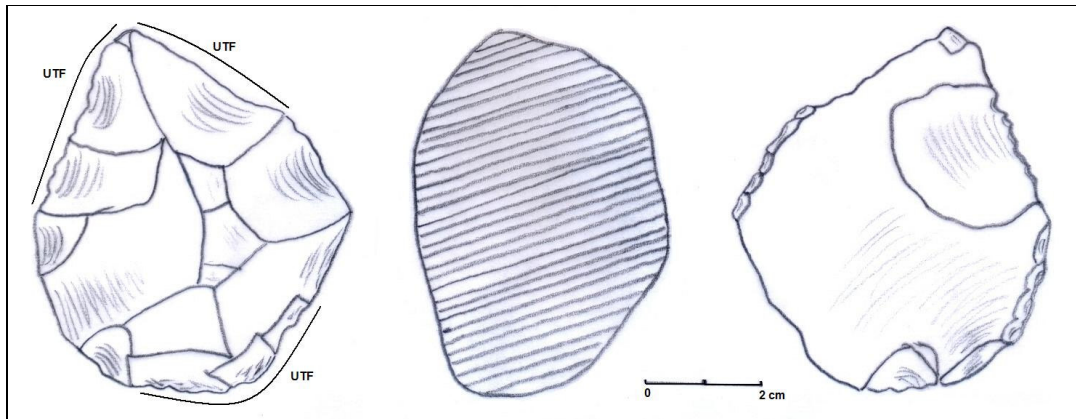
Peça 2- catálogo: 376-01

- 1-Forma Básica:** instrumento
- 2-Matéria prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 7,5 x 6,5 x 4,4
- 5-Quantidade de superfície natural:** 1/3
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de núcleo:** piramidal
- 10-Tipo de plataforma:** lisa
- 11-Cantos da plataforma:** com redução
- 12-Tipo de instrumento:** peça unifacial
- 13-Tipo de modificação:** retoque
- 14-Posição da modificação:** proximal
- 15-Posição do retoque:** direto
- 16-Repartição do retoque:** parcial
- 17-Delineação do retoque:** irregular (curvo)
- 18-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 19-Ângulo do gume:** PC: 70° ;PB: 80°



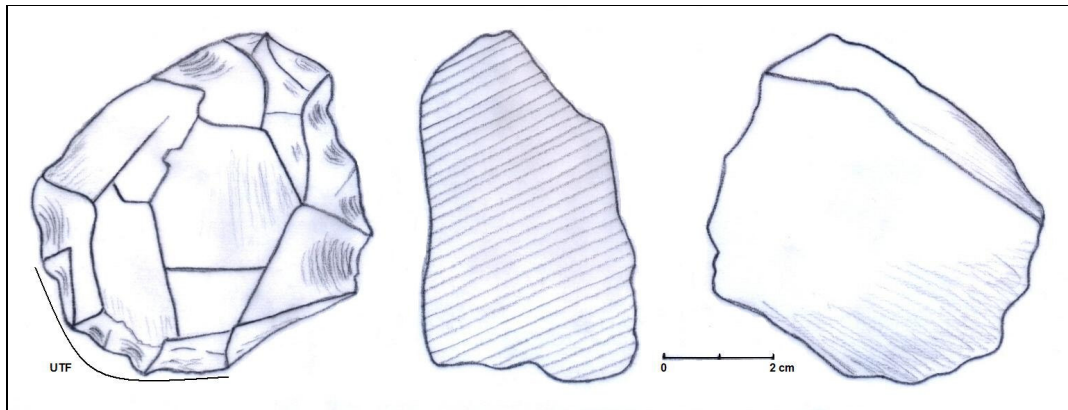
Peça 3- catálogo: 376-01

- 1-Forma Básica:** instrumento
- 2-Matéria prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 5,3 x 5,8 x 5,6
- 5-Quantidade de superfície natural:** ausente
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de núcleo:** piramidal
- 10-Tipo de plataforma:** lisa
- 11-Cantos da plataforma:** com redução
- 12-Tipo de instrumento:** peça unifacial
- 13-Tipo de modificação:** marcas de uso
- 14-Posição da modificação:** proximal, mesial e distal
- 15-Posição do retoque:** direto
- 16-Repartição do retoque:** parcial
- 17-Delineação do retoque:** irregular (curvo)
- 18-Morfologia do retoque:** escalariforme
- 19-Ângulo do gume:** PC:80° ;PB: 90°



Peça 4- catálogo: 375-04

- 1-Forma Básica:** instrumento
- 2-Matéria prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 3 x 5,4 x 3,7
- 5-Quantidade de superfície natural:** 1/3
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de núcleo:** discóide (estrutura parcial)
- 10-Tipo de plataforma:** lisa
- 11-Cantos da plataforma:** com redução
- 12-Tipo de instrumento:** peça unifacial
- 13-Tipo de modificação:** percussão
- 14-Posição da modificação:** distal
- 15-Posição do retoque:** direto
- 16-Repartição do retoque:** parcial
- 17-Delineação do retoque:** irregular
- 18-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 19-Ângulo do gume:** PC:60° ;PB: 70°

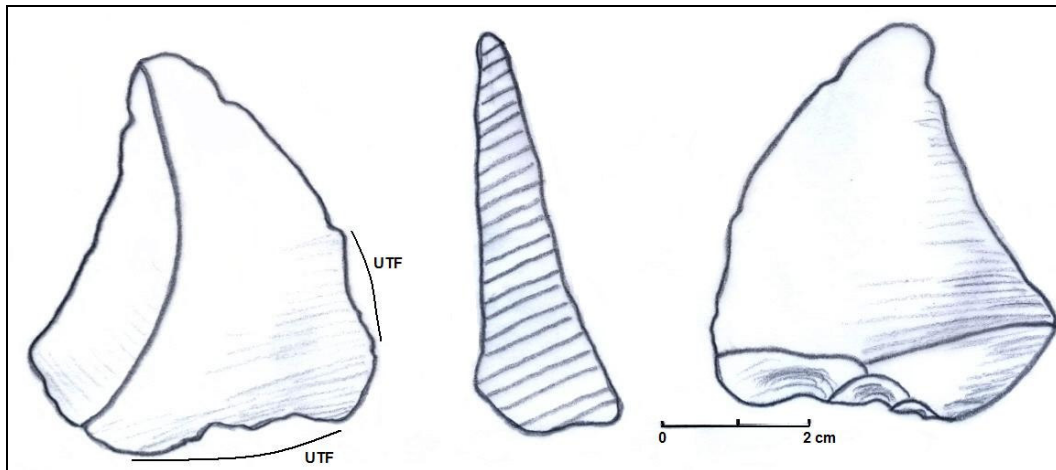


Peça 5- catálogo: 376-01

- 1-Forma Básica:** instrumento
- 2-Matéria prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 6,6 x 6,2 x 3,6
- 5-Quantidade de superfície natural:** ausente
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de núcleo:** piramidal
- 10-Tipo de plataforma:** facetada
- 11-Cantos da plataforma:** com redução
- 12-Tipo de instrumento:** peça unifacial
- 13-Tipo de modificação:** percussão
- 14-Posição da modificação:** mesial e distal
- 15-Posição do retoque:** direto
- 16-Repartição do retoque:** parcial
- 17-Delineação do retoque:** convexo
- 18-Morfologia do retoque:** irregular
- 19-Ângulo do gume:** PC:70° ;PB: 80°

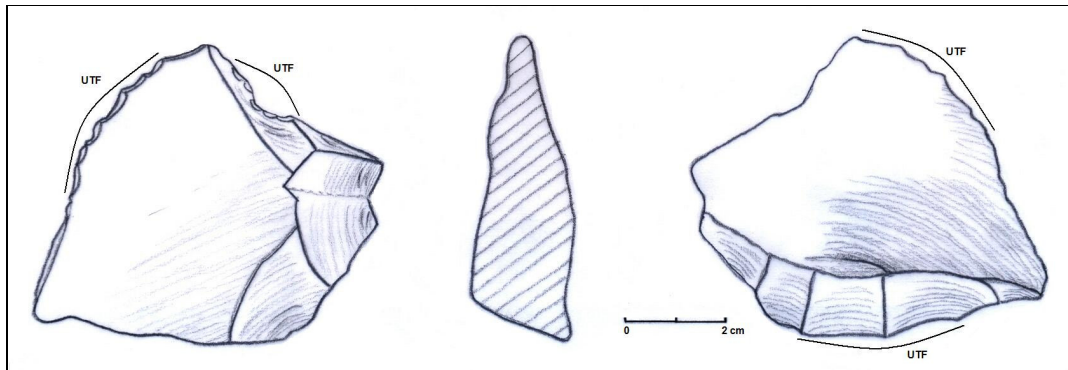
A2 LASCAS RETOCADAS

A2.1 BUTUY 1



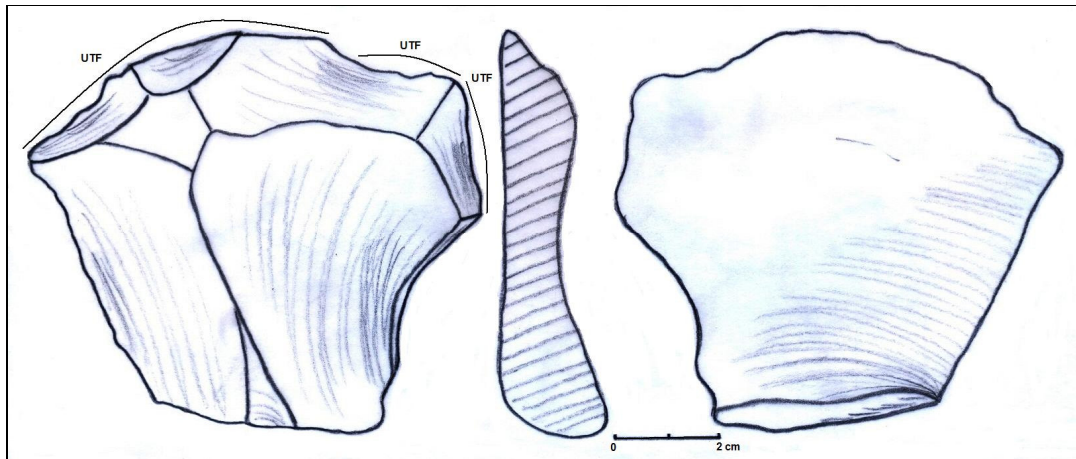
Peça 1- catálogo: 375-10

- 1-Forma básica: instrumento
- 2-Matéria Prima: arenito silicificado
- 3-Estado de Preservação: completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura: 5,5 x 4,6 x 1,4
- 5-Quantidade de superfície natural: ausente
- 6-Origem da matéria prima: bloco
- 7-Alterações: sem alteração
- 8-Tipo de lascamento: unipolar
- 9-Tipo de instrumento: lasca retocada
- 10-Tipo de quebra/laterais: sem quebra
- 11-Tipo de plano de percussão (talão): liso
- 12-Canto dorsal do plano de percussão: com redução
- 13-Face dorsal/superior (antes da debitagem da lasca): até dois negativos
- 14-Tipo de modificação: marcas de uso
- 15-Posição da modificação: proximal
- 16-Posição do retoque: inverso
- 17-Repartição do retoque: parcial
- 18-Delineação do retoque: irregular
- 19-Morfologia do retoque: subparalelo
- 20-Ângulo do gume:PC: 30°, 45°; PB: 80°



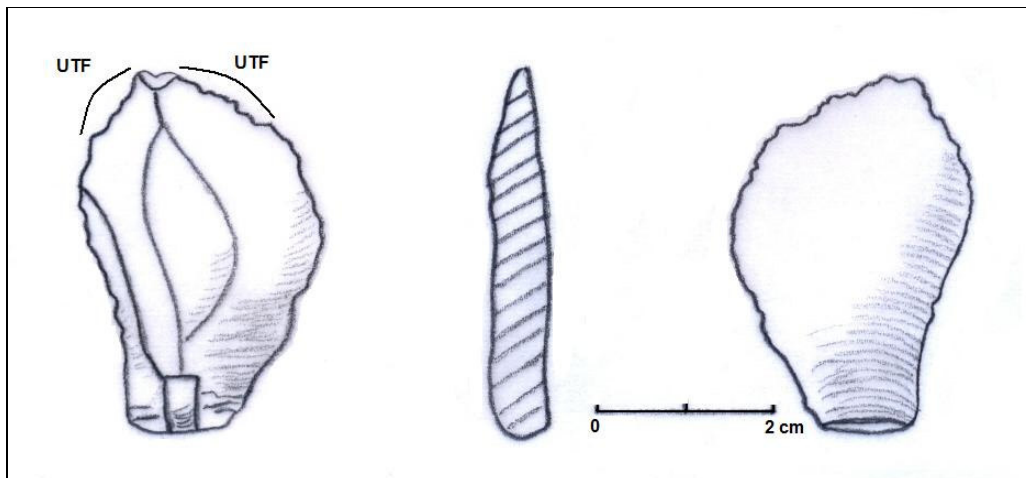
Peça 2- catálogo: 375-10

- 1-Forma básica:** instrumento
- 2-Matéria Prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de Preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 6,2 x 7,3 x 2,2
- 5-Quantidade de superfície natural:** ausente
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de lasca:** lasca retocada
- 10-Tipo de quebra/laterais:** sem quebra
- 11-Tipo de plano de percussão (talão):** com modificação (retoques)
- 12-Canto dorsal do plano de percussão:** com redução
- 13-Face dorsal/superior (antes da debitação da lasca):** até dois negativos
- 14-Tipo de modificação:** marcas de uso
- 15-Posição da modificação:** proximal e distal
- 16-Posição do retoque:** direto e inverso
- 17-Repartição do retoque:** parcial
- 18-Delineação do retoque:** irregular
- 19-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 20-Ângulo do gume:PC: 30° PB: 70°**



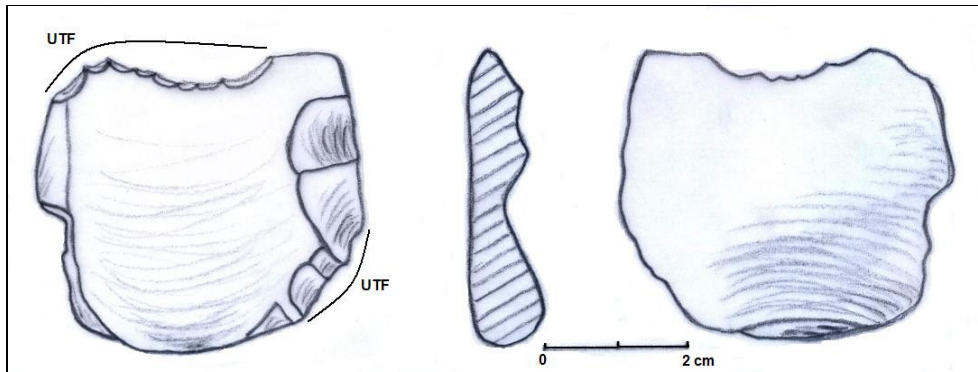
Peça 3- catálogo: 375-10

- 1-Forma básica:** instrumento
- 2-Matéria Prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de Preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 8,5 x 8,5 x 2,5
- 5-Quantidade de superfície natural:** vestígio
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de lasca:** lasca retocada
- 10-Tipo de quebra/laterais:** sem quebra
- 11-Tipo de plano de percussão (talão):** liso
- 12-Canto dorsal do plano de percussão:** sem redução
- 13-Face dorsal/superior (antes da debitagem da lasca):** mais de dois negativos
- 14-Tipo de modificação:** marcas de uso
- 15-Posição da modificação:** mesial e distal
- 16-Posição do retoque:** direto
- 17-Repartição do retoque:** parcial
- 18-Delineação do retoque:** irregular
- 19-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 20-Ângulo do gume:PC:** 45°, 50° **PB:** 80°, 60°



Peça 4- catálogo 375-06

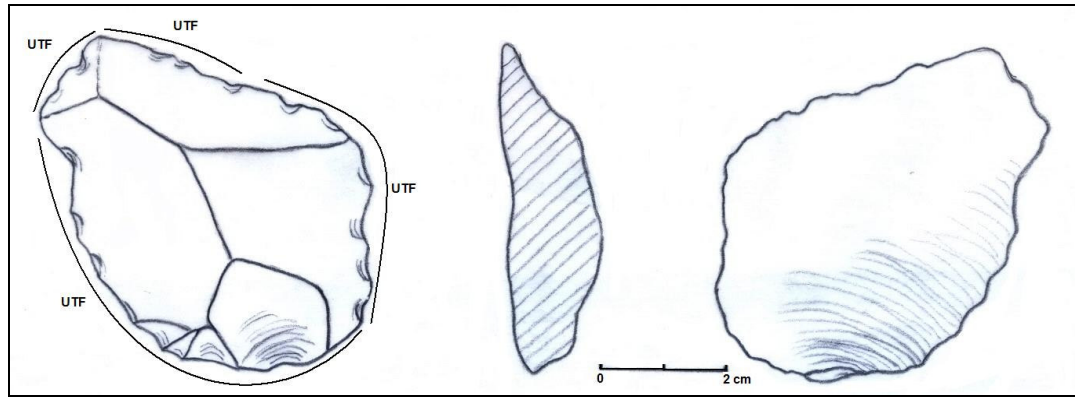
- 1-Forma básica: instrumento
- 2-Matéria Prima: arenito silicificado
- 3-Estado de Preservação: completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura: 4 x 2,6 x 0,6
- 5-Quantidade de superfície natural: ausente
- 6-Origem da matéria prima: bloco
- 7-Alterações: sem alteração
- 8-Tipo de lascamento: unipolar
- 9-Tipo de lasca: lasca retocada
- 10-Tipo de quebra/laterais: sem quebra
- 11-Tipo de plano de percussão (talão): liso
- 12-Canto dorsal do plano de percussão: com redução
- 13-Face dorsal/superior (antes da debitagem da lasca): mais de dois negativos
- 14-Tipo de modificação: retoque
- 15-Posição da modificação: proximal e distal
- 16-Posição do retoque: direto e inverso
- 17-Repartição do retoque: descontínuo
- 18-Delineação do retoque: retilíneo
- 19-Morfologia do retoque: subparalelo
- 20-Ângulo do gume:PC: 25° PB: 30°



Peça 5-catálogo 375-10

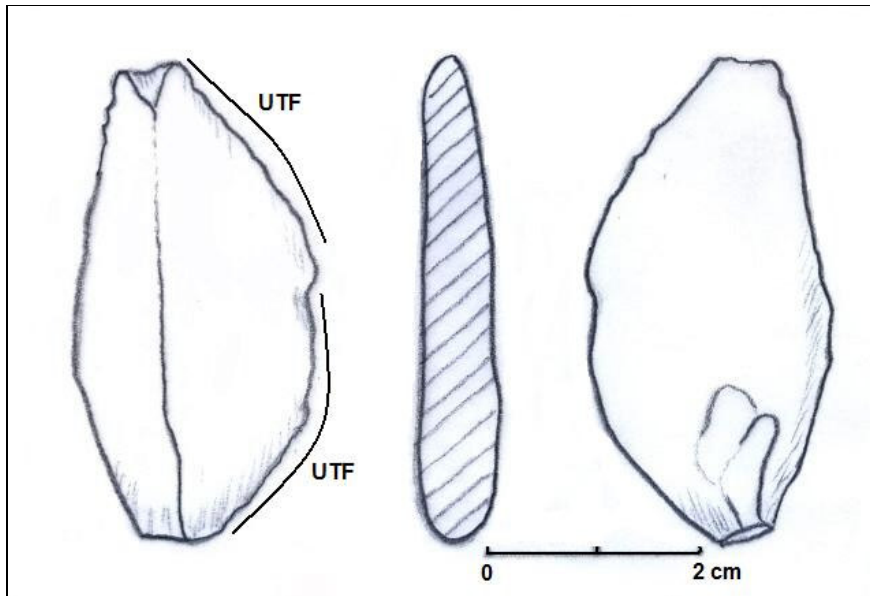
- 1-Forma básica:** instrumento
- 2-Matéria Prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de Preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 4,1 x 4,5 x 0,6
- 5-Quantidade de superfície natural:** ausente
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de lasca:** lasca retocada
- 10-Tipo de quebra/laterais:** sem quebra
- 11-Tipo de plano de percussão (talão):** linear
- 12-Canto dorsal do plano de percussão:** com redução
- 13-Face dorsal/superior (antes da debitagem da lasca):** até dois negativos
- 14-Tipo de modificação:** retoque
- 15-Posição da modificação:** proximal e distal
- 16-Posição do retoque:** direto
- 17-Repartição do retoque:** parcial
- 18-Delineação do retoque:** côncavo
- 19-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 20-Ângulo do gume:PC:** 30° **PB:** 45°

A2.2 BUTUY 2



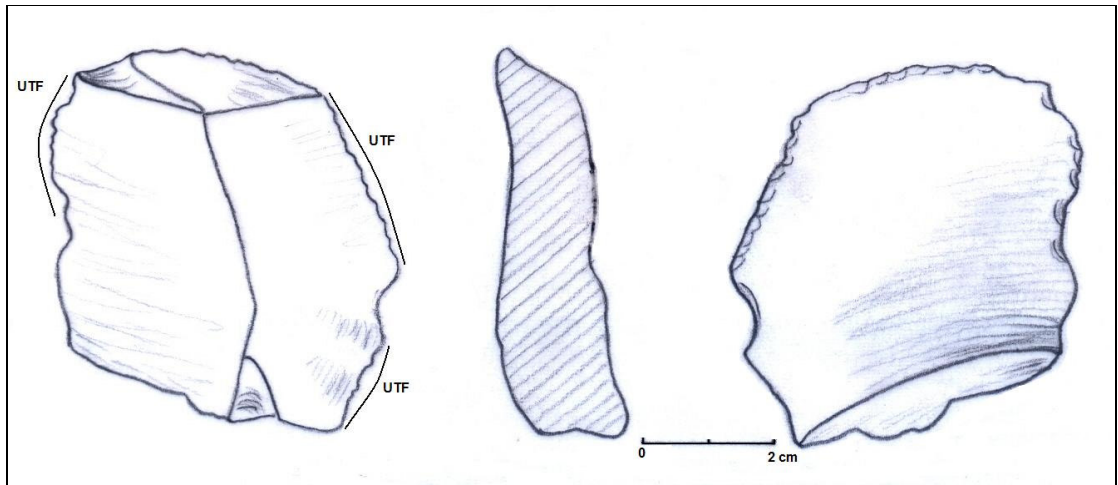
Peça I- catálogo: 376-01

- 1-Forma básica: instrumento
- 2-Matéria Prima: arenito silicificado
- 3-Estado de Preservação: completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura: 5,0 x 6,0 x 2,0
- 5-Quantidade de superfície natural: ausente
- 6-Origem da matéria prima: bloco
- 7-Alterações: sem alteração
- 8-Tipo de lascamento: unipolar
- 9-Tipo de instrumento: lasca retocada
- 10-Tipo de quebra/laterais: sem quebra
- 11-Tipo de plano de percussão (talão): liso
- 12-Canto dorsal do plano de percussão: com redução
- 13-Face dorsal/superior (antes da debitação da lasca): até dois negativos
- 14-Tipo de modificação: marcas de uso
- 15-Posição da modificação: proximal, mesial e distal
- 16-Posição do retoque: direto
- 17-Repartição do retoque: descontínuo
- 18-Delineação do retoque: irregular
- 19-Morfologia do retoque: subparalelo
- 20-Ângulo do gume:PC: 35°, 40°; PB: 60°



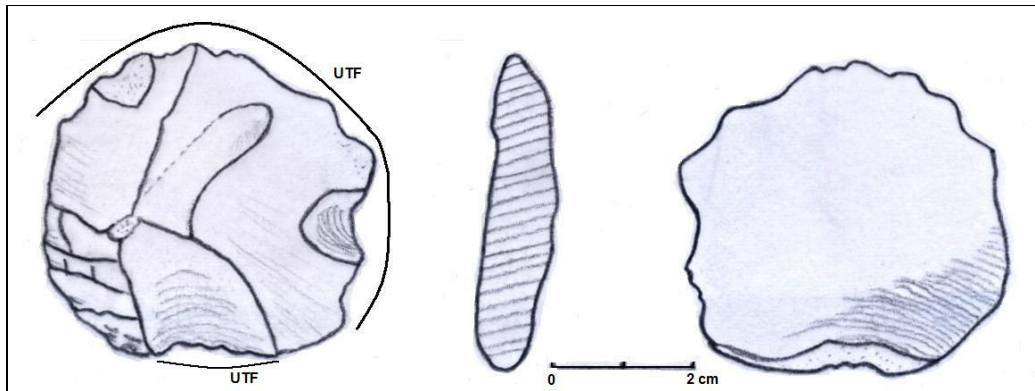
Peça 2- catálogo: 376-01

- 1-Forma básica: instrumento
- 2-Matéria Prima: arenito silicificado
- 3-Estado de Preservação: completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura: 4,4 x 2,1 x 0,6
- 5-Quantidade de superfície natural: ausente
- 6-Origem da matéria prima: bloco
- 7-Alterações: sem alteração
- 8-Tipo de lascamento: unipolar
- 9-Tipo de instrumento: lasca retocada
- 10-Tipo de quebra/laterais: sem quebra
- 11-Tipo de plano de percussão (talão): liso
- 12-Canto dorsal do plano de percussão: sem redução
- 13-Face dorsal/superior (antes da debitagem da lasca): até dois negativos
- 14-Tipo de modificação: retoque
- 15-Posição da modificação: proximal, mesial e distal
- 16-Posição do retoque: direto
- 17-Repartição do retoque: descontínuo
- 18-Delineação do retoque: irregular
- 19-Morfologia do retoque: subparalelo
- 20-Ângulo do gume:PC: 25°; PB: 35°



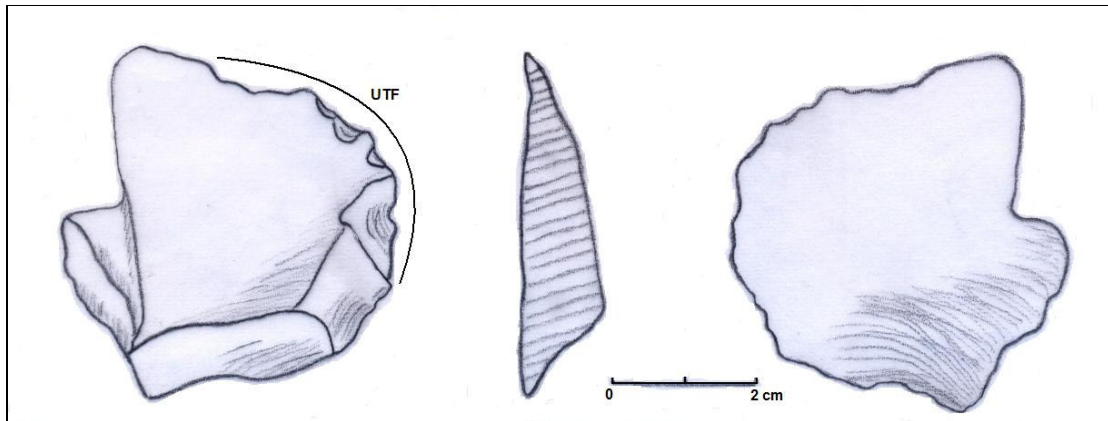
Peça 3- catálogo: 376-02

- 1-Forma básica:** instrumento
- 2-Matéria Prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de Preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 5,4 x 8,0 x 1,4
- 5-Quantidade de superfície natural:** ausente
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de instrumento:** lasca retocada
- 10-Tipo de quebra/laterais:** sem quebra
- 11-Tipo de plano de percussão (talão):** liso
- 12-Canto dorsal do plano de percussão:** com redução
- 13-Face dorsal/superior (antes da debitagem da lasca):** até dois negativos
- 14-Tipo de modificação:** retoque
- 15-Posição da modificação:** proximal, mesial e distal
- 16-Posição do retoque:** direto
- 17-Repartição do retoque:** descontínuo
- 18-Delineação do retoque:** irregular
- 19-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 20-Ângulo do gume:PC:** 30°; **PB:** 70°, 90°



Peça 4- catálogo: 376-02

- 1-Forma básica: instrumento
- 2-Matéria Prima: arenito silicificado
- 3-Estado de Preservação: completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura: 4,3 x 4,4 x 1,2
- 5-Quantidade de superfície natural: ausente
- 6-Origem da matéria prima: bloco
- 7-Alterações: sem alteração
- 8-Tipo de lascamento: unipolar
- 9-Tipo de instrumento: lasca retocada
- 10-Tipo de quebra/laterais: sem quebra
- 11-Tipo de plano de percussão (talão): liso
- 12-Canto dorsal do plano de percussão: com redução
- 13-Face dorsal/superior (antes da debitagem da lasca): negativos aleatórios
- 14-Tipo de modificação: retoque
- 15-Posição da modificação: mesial e distal
- 16-Posição do retoque: direto
- 17-Repartição do retoque: parcial
- 18-Delineação do retoque: irregular
- 19-Morfologia do retoque: subparalelo
- 20-Ângulo do gume: PC: 35°; PB: 50°.



Peça 5- catálogo: 376-02

- 1-Forma básica:** instrumento
- 2-Matéria Prima:** arenito silicificado
- 3-Estado de Preservação:** completo
- 4-Medidas (cm): comprimento x largura x espessura:** 4,7 x 4,6 x 1,2
- 5-Quantidade de superfície natural:** ausente
- 6-Origem da matéria prima:** bloco
- 7-Alterações:** sem alteração
- 8-Tipo de lascamento:** unipolar
- 9-Tipo de instrumento:** lasca retocada
- 10-Tipo de quebra/laterais:** lateral
- 11-Tipo de plano de percussão (talão):** liso
- 12-Canto dorsal do plano de percussão:** sem redução
- 13-Face dorsal/superior (antes da debitagem da lasca):** até dois negativos
- 14-Tipo de modificação:** retoque
- 15-Posição da modificação:** lateral
- 16-Posição do retoque:** direto e inverso
- 17-Repartição do retoque:** parcial
- 18-Delineação do retoque:** irregular
- 19-Morfologia do retoque:** subparalelo
- 20-Ângulo do gume: PC:** 35°; **PB:** 60°

ANEXO A-Mapa Geológico do Rio Grande do Sul

